

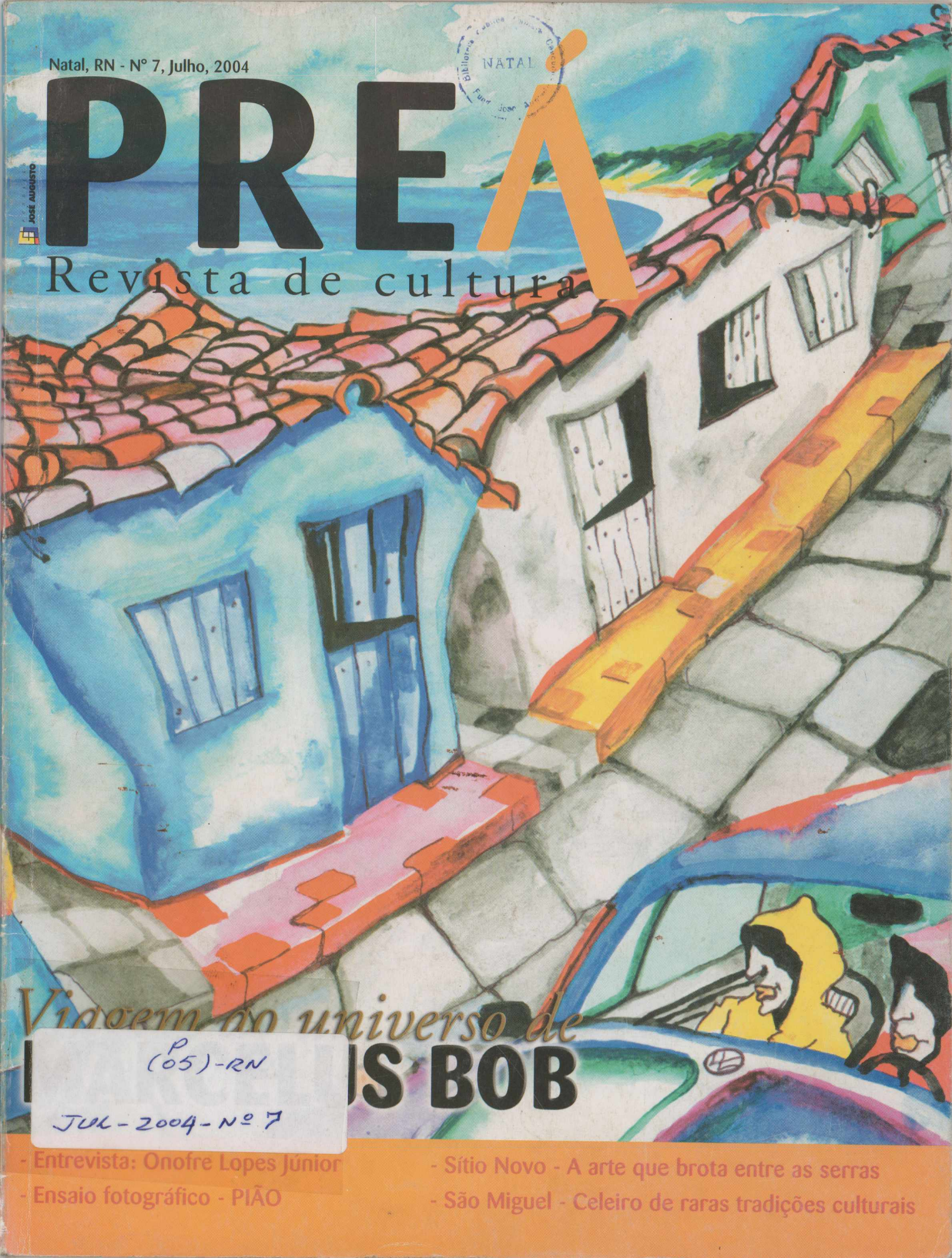
Natal, RN - Nº 7, Julho, 2004



JOSÉ AUGUSTO

PREA

Revista de cultura



Vidões do universo de
OS BOB

P
(05)-RN

JUL-2004-Nº 7

- Entrevista: Onofre Lopes Júnior
- Ensaio fotográfico - PIÃO

- Sítio Novo - A arte que brota entre as serras
- São Miguel - Celeiro de raras tradições culturais

AQUI



TEM

**NOSSA
AGÊNCIA**

QUER FACILITAR SUA VIDA? PROCURE A NOSSA AGÊNCIA.

NOSSA AGÊNCIA, A ÚNICA QUE RECEBE SEUS TÍTULOS DAS 8H ÀS 21H.

A Nossa Agência é a forma mais prática para você pagar boletos bancários de todos os bancos, tributos e contas. E o melhor: com apenas o número da placa do carro, você se informa sobre os seus débitos no Detran como IPVA, multas, licenciamento, seguro, entre outros. A Nossa Agência, correspondente bancário do Banco do Brasil, funciona em horário estendido, das 8 horas às 21h. Facilite sua vida.

ONDE ESTAMOS

Centrais do Cidadão
Shoppings: Natal Shopping
Via Direta | Praia Shopping
Supermercados Nordestão
Detran
Lojas próximas ao Banco do Brasil

CIDADES COM NOSSA AGÊNCIA

Natal | Mossoró | Caicó
São Gonçalo | Macaíba
Parnamirim | Currais Novos
João Câmara | Nova Cruz
Assu | Pau dos Ferros
Macau* | São José do Mipibu*

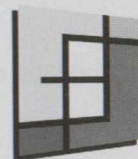
**EM BREVE:
NOSSA AGÊNCIA
NATAL SHOPPING**

**Correspondente bancário
BANCO DO BRASIL**

**NOSSA
AGÊNCIA**
Facilita sua vida.

IV Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães

EDIÇÃO 2004



Inscrições até 15 de setembro de 2004

Os poemas e os dados dos autores deverão ser encaminhados ao Centro de Promoções Culturais da Fundação José Augusto, à Rua Jundiá, 641, Tirol, Natal, RN. CEP: 59020-220.

Informações: (084) 232-5322

Regulamento: www.fja.rn.gov.br

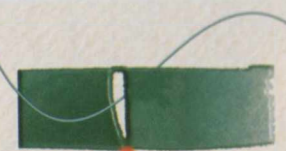


O jornalista e escritor Osório Almeida conta porque quer ser vereador

O fotógrafo Teotônio Roque, em ensaio, resgata uma antiga brincadeira, o jogo de pião



"Abandonos", conto de Nádia Maria Silveira, tem a cidade de Santa Cruz como cenário



O poeta e teórico de quadrinhos Moacyr Cirne critica comemoração de "o dia de Bloom" em Natal



Oficinas de Fotografia e Identidade, da ZooN, movimentam o interior do estado

A palavra da casa	5
Expediente/Cartas	6
Viagem ao universo de Marcelus Bob	8
Ele é um só	12
Palácio do Salineiro	13
Um stalinista sonha com o parlamento	14
Tombada casa do homem que encantou Mário de Andrade	20
Chico Antônio - Cem anos depois	21
Ensaio fotográfico - Pião	23
Por acaso	29
O horóscopo	30
Abandonos	32
Algumas considerações sobre "o dia de Bloom"	34
Leontino Filho - A saga e o segredo de urdir os restos do lirismo amoroso	36
O tempo como um espaço para a solidão	38
Oficinas constroem identidade e cidadania	40
Pablo Neruda	42
Escritura Potiguar - Mário Gerson	45
São Miguel - Celeiro de raras tradições culturais	49
Entrevista - Onofre Lopes Júnior	65
Sítio Novo - A arte que brota entre as serras	75
13 por 1	83
PS	84



Arredondada
24/12/08

A palavra da casa

François Silvestre

O cego Aderaldo definia as cores pelas sensações. Uma espécie de conceituação Shopenhauiana. O vermelho era a cor da inquietação, o azul lhe parecia sossego. Não estou tratando da simbologia plástica e acadêmica das cores. Isso é assunto de intelectuais e eu não sou intelectual. Aliás, nem tenho paciência com intelectuais. O certo é que o cego Aderaldo, que não deveria ser chamado de cego, mas de o Cantador Aderaldo, tinha sua própria convicção das sensações pictóricas. E deliciava o Pe. Alexandrino Suassuna, em cujo sítio se hospedava quando fazia cantorias pelo sertão potiguar, com seus conceitos nada ortodoxos. Definia o caçuá pela sensação do grosseiro e não pelos contornos do couro cru. Explicava que os cambitos, postos na cangalha para transportar lenha, lhe transmitiam a impressão do amparo. O verde lhe dava a fotografia do amanhecer. "Mas você também não vê o amanhecer", retrucava o Pe. Alexandrino. "Ninguém vê o amanhecer. Ele se derrama antes do olhar", dizia Aderaldo, que reafirmava ser verde o amanhecer.

"O roxo tem a cor do choro e o amarelo é tão instável quanto o vôo do beija-flor". A ser verdade, ou o que é verdade, da pergunta de Pilatos, é pouco provável que Aderaldo fosse ingênuo. Ele via mesmo, cada cor, no seu jeito e na sua capacidade de sublimar a visão. Daí se concluir que ninguém vê o verde. Ou da lição de Ortega Y Gasset, "quem está no bosque não vê o bosque, vê árvores do bosque". Ou ainda "quem mora próximo à cascata não escuta o seu estrondo".

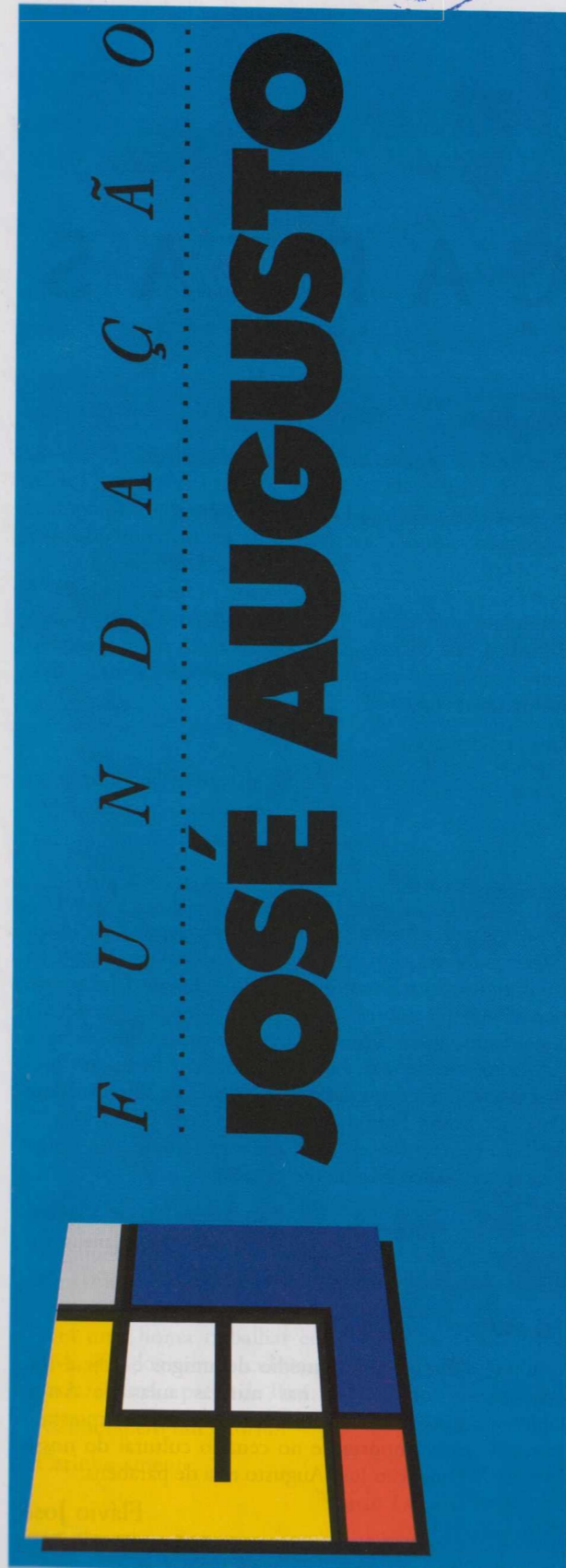
Este texto da abertura da Preá número sete é uma homenagem a dois homens especiais. Especiais e diferentes. O cantador Aderaldo e seu amigo e hospedeiro, o Pe. Alexandrino Suassuna de Alencar.

Aderaldo e sua viola imbatível, seus versos e rimas que sacudiam os alpendres. Alexandrino e sua fé duvidosa. O afastamento da vida sacerdotal, a leitura dos gregos e latinos. A dúvida sobre os dogmas e a ironia fina contra a liturgia. Além da coragem pessoal que não escolhia adversário. Fosse um bispo reacionário ou um cangaceiro que cercasse a Fazenda Cajuais. Alexandrino morreu em 1955; Aderaldo ainda viveu doze anos, porém nunca mais andou aquelas bandas.

Aderaldo Ferreira de Araújo fazia da viola os seus olhos de debulhar o escuro e transformar em luz o código da música popular.

A noite era pequena e fugaz na fumaça dos cigarros e no bule de café que acompanhavam a conversa daqueles dois homens encharcados de dúvidas e solidão.

Tá a Preá número sete. Pintando o sete. ■



FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120
Fone/fax: (84) 232.5327/232.5304

Governadora

Wilma Maria de Faria

Presidente

François Silvestre de Alencar

Diretor

José Antônio Pinheiro da Câmara Filho

PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO
RIO GRANDE DO NORTE

ISSN 1679-4176

ANO II Nº 7

JULHO/2004

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PERIODICIDADE
TRIMESTRAL

EDITOR

TÁCITO COSTA

tacito@fiern.org.br

EDITOR ASSISTENTE

GUSTAVO PORPINO

gporpino@hotmail.com

ESTAGIÁRIO

DAVID CLEMENTE

PROJETO GRÁFICO E

DIAGRAMAÇÃO

LUCIO MASAACKI

infinitaimage@bol.com.br

ASSISTENTE DE DIAGRAMAÇÃO

VIRGINIA HELENA LINS MAIA

REVISOR

JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

CAPA

MARCELUS BOB

A Preá está na Internet: www.fja.rn.gov.br

CARTAS

Sr. editor

Este final de semana tive o prazer de desfrutar de ótimas leituras, dentre as quais os artigos da revista PREÁ 6. Quero parabenizá-lo pela apresentação, fotografia, linguagem simples, acessível e de muito conteúdo que encontrei em cada página da revista. Conhecer pessoas, poetas, poemas, escritores, casos, causos, lugares é realmente algo muito prazeroso. Adorei a capa. Como é linda a flor da mangabeira. Não tinha ainda prestado atenção. A entrevista com Nei Leandro de Castro foi dez! Enfim gostei demais!!!

Um grande abraço!

Waldenice M. Cardoso
Funcionária do Senai (Natal-RN)

Sr. editor

Parabéns pelo nº 6 da Preá, uma revista de nível nacional. Gostei de todas as matérias, mas tenho reparos a fazer na minha entrevista. Em primeiro lugar, acho que falei muito, parece até que tomei chá de Fidel Castro e presidente Lula. Como quem fala muito está sujeito a cometer mais erros, eu cometi um lapso terrível: não incluí na lista dos velhos e queridos amigos os nomes de Luiz Antônio Porpino, Maria Emília Wanderley e Leda Guimarães. A omissão é imperdoável. Mas, almas generosas, esse amigo e essas amigas haverão de me perdoar.

Nei Leandro de Castro
Escritor (Rio de Janeiro-RJ)

Sr. editor

Conheci a Preá por intermédio de amigos e hoje é um instrumento importante nas minhas aulas de Artes, Cultura e Economia do RN. O seu conteúdo expressa o que é de mais importante no cenário cultural do nosso Estado. A Fundação José Augusto está de parabéns.

Flávio José
Professor (Florânia-RN).

revista@prea@rn.gov.br

Sr. editor

Chegou-me às mãos um exemplar da Preá nº 5. Bela revista, composição primorosa, conteúdo de primeira qualidade! Não só para estudiosos e pesquisadores, mas para todos que vivem as diferentes manifestações culturais do nosso imenso país. Parabéns pela iniciativa e realização! Sou pesquisadora de folclore e professora. Gostaria de receber a assinatura da Preá. (É mesmo gratuita?).

No aguardo, agradeço a atenção.

Thelma Regina Siqueira Linhares
Pesquisadora (Recife/PE)

Sr. editor

Gostaria de expressar minha satisfação em ler, pela primeira vez, esta bela revista que mostra a arte e a cultura do Rio Grande do Norte. Também queria saber como passar a recebê-la, pois lendo o exemplar de uma amiga, me interessei pela mesma. Gostaria de saber se posso também conseguir os exemplares anteriores.

Um grande abraço,

Alcimar Almeida da Silva
Representante de eventos (Água Nova-RN)

Sr. editor

De posse da Preá 2, enquanto escritora/poetisa e professora de artes em Ipuera, gostaria de parabenizar os enfoques dados à poesia e ao resgate da cultura. Aproveito para solicitar informações sobre como receber exemplares dessa revista tão benéfica para o setor educacional. Será uma honra trabalhar em sala de aula com artigos diversificados sobre a cultura artística numa visão ampla do fazer arte, a partir da Preá.

Assim, espero um retorno!

Carinhosamente,

Naide Lopes de Moraes
(Ipuera -RN)

Sr. editor

É com muita satisfação que recebo a Preá aqui em Atibaia, São Paulo. Entrar em contato com o que se faz pelo Brasil afora para se preservar nossos valores culturais muito me alegra. Mais ainda com textos do Leontino, Bartolomeu Campos, os poemas, sempre a surpreender, e a reportagem sobre Cascudo. Na década de 80, um pouco por acaso, encontrei seus livros em uma Biblioteca aqui na região, escrevi inclusive alguns contos inspirados em suas idéias cujo teor precisaria rever. Continuem a me enviar a revista, tudo que é regional e tem esse caráter universalizante é de meu interesse.

Abraços,

Carlos Alberto Pessoa Rosa
Médico-escritor (Atibaia-SP)

Sr. editor

Sou estudante do Ensino Médio, adoro leitura, e gostaria de passar a receber a revista Preá. Gosto de aprofundar-me nos assuntos que a revista aborda, porque elas servem para o nosso futuro, para a vida de cada um, servindo também para trabalhos em grupo na escola e com meus amigos do grupo de teatro de que faço parte.

Felicitações a todos,

Franklin José Miranda
Estudante (Florânia-RN)

Sr. editor

Adorei a revista, já posso dizer que descobri uma das coisas desta vida, pela qual - como dizia o poeta - eu já sentia saudade antes mesmo de conhecer. Tudo está caprichado, sinto qualidade em todos os detalhes. Você está de parabéns, juntamente com todo o grupo; nós também por contarmos com sua competência.

Um forte abraço,

Rosa Cavalcante
Engenheira (Natal-RN)

Viagem ao universo de Marcelus Bob

Por Moura Neto

Fotos: Anchieta Xavier e acervo do entrevistado



Mãe Luíza ainda não era um bairro urbanizado, mas do alto do morro descortinava-se uma das mais belas visões panorâmicas da cidade. Numa noite enluarada, Odete do Carmo saiu do seu barraco, chamou o filho mais velho, Marcelino, na época com uns sete anos de idade, e lhe disse:

- Sempre que tiver a oportunidade de ver uma paisagem dessa, pegue papel e lápis e registre. Faz bem à alma.

O recado foi dado enquanto ela apontava para o cenário deslumbrante que se

espraiava diante daquela gente humilde, mas honesta, que habitava então uma das áreas mais carentes da capital – a lua cheia despontando por trás das dunas e iluminando a vastidão do mar. O menino que já gostava de rabiscar o que vinha na imaginação se sentiu ainda mais estimulado com aquelas palavras. Quase 40 anos depois, ao recordar esta história, algumas lágrimas umedecem o rosto de Marcelino William de Farias. O filho de dona Odete, que adotou o nome artístico de Marcelus Bob, tem agora 46 anos, 25 dos quais dedicado à carreira de artista plástico.

O pseudônimo foi adquirido no tempo em que estudava na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (atual

Cefet), onde concluiu o curso de mineração. Zé Aruanã, estrela do atletismo da escola, brincou com o colega que gostava de correr nas provas de 3 mil metros, mas que, bem sabia, tocava violão para a turma nos intervalos de aula:

- Se tem Bob Dylan, se tem Bob Marley, tem também Bob William!

Foi assim que ele ficou conhecido como Bob. Mais tarde, porém, outros dois amigos, Fernando Mineiro (deputado estadual) e Roberto Hugo (professor de matemática), passaram a lhe chamar pelo nome com o qual viria assinar seus quadros e ser reconhecido como um dos mais ativos e talentosos artistas da cidade. Foi ainda na ETRN que recebeu, quase por acaso, um valioso incentivo. O professor de inglês Thomé Filgueira surpreendeu o aluno desenhando a caricatura de Mick Jagger, o famoso astro do rock. Ao invés da censura, o elogio. “Muito bom”, exaltou o professor, hoje considerado uma das grandes expressões da pintura impressionista potiguar. “Apareça amanhã no ateliê”, recomendou. Ele foi, sim, e acabou pertencendo a uma geração que fez jus ao ateliê da escola. Entre os anos de 1976/78, por lá também estiveram Carlos Sérgio Borges, Júlio César Revoredo e João Natal.

Os caminhos trilhados ainda com certa timidez o levaram a encontrar confiança para os passos que daria em seguida. Em março de 1980, aos 22 anos, tomou a decisão que deixou toda família apreensiva. Pediu demissão do IBDF (atual Ibama), onde entrou por concurso público, tendo se classificado em primeiro lugar, para militar exclusivamente no meio artístico. Ele até que gostava do que fazia no serviço público federal, onde, por mais de dois anos, exerceu a função de auxiliar agropecuário. Na prática, reproduzia mudas nos viveiros do Instituto. Mas achava que os chefes tinham mentalidade retrógrada. Era demais para ele!

- Estou honrado em conseguir esta façanha neste elefante sem memória que é o Rio Grande do Norte -, afirma

Marcelus Bob, referindo-se ao fato de viver para a arte e da arte durante duas décadas e meia.

Antes de explicar melhor o que quis dizer acima, um parêntese. A expressão “elefante branco sem memória”, segundo Marcelus Bob, foi cunhada pelo poeta Carlos Gurgel numa das muitas tertúlias que compartilharam. A façanha que deixa o artista honrado, contudo, é a de não ter tido outro ganha-pão, durante todos estes anos, senão aquele que conquista, dia após dia, com a criatividade com que manuseia pincel, óleo, esmalte sintético, acrílico e tudo o mais que pode servir de tinta e deixar marcas na tela, como café e remédio, produtos com os quais já fez trabalhos experimentais.

- Nunca mais minha carteira foi assinada; nem sei por onde ela anda.

Arte irreverente e perigosa

Marcelus Bob é um legítimo exemplar remanescente da contracultura, coisa cada vez mais rara hoje em dia. Gosta de chocar com o comportamento irreverente e o estilo agressivo com que se apresenta até nos salões oficiais. Além das aparências, contudo, temos a impressão de estar diante de uma pessoa sensível e gentil com seu semelhante. Nosso primeiro encontro foi na Pinacoteca do Estado, abrigada no antigo Palácio do Governo, na Praça dos Três Poderes, centro da cidade. Conversamos por quase duas horas, à sombra das árvores frondosas do pátio externo do prédio. O artista usava camiseta sem mangas, pintada por ele mesmo, calça preta justa e desbotada, bolsa de pano a tiracolo, um par de chinelos “japonês” brancos e um colar de sementes nativas no pescoço. Os cabelos longos e ondulados estavam espalhafatosamente voando sobre o rosto, no qual repousava um óculos escuro sobre os olhos que estampavam o rescaldo das estripulias da noite anterior.



- A cabeça de artista é algo muito perigoso – disse ele, tirando os óculos do rosto e fitando o tempo que se arrastava preguiçosamente naquela manhã.

- Por quê? – questionei, procurando entender o que residia no íntimo daquela tirada filosófica.

- A arte é imprevisível! A arte é Deus!

- Se é Deus, pode tudo?

- Pode tudo, sim, ela é absolutamente livre.

O diálogo reproduz a dimensão da essência do que Marcelus Bob é enquanto artista. Um transgressor. Numa das salas daquela mesma Pinacoteca há um quadro seu. A cena retratada em óleo sobre tela é algo só concebível na imaginação livre do artista: uma freira joga baralho no boteco. Seu parceiro é um homem vestido de paletó, com gravata e chapéu. Na parede do estabelecimento, o relógio marca 2h35 da madrugada. Em cima da mesa, além das cartas, copos e garrafa de pinga. Ao fundo, o dono do bar, um “humanóide encapuzado”, como o artista batizou estas figuras que aparecem em muitos de seus trabalhos e se tornaram, como ele mesmo frisa, sua marca registrada (assim como a de Vatenor são os cajú e a de Assis Marinho, os pescadores).

- Como você classifica seu estilo?

- Possibilista – respondeu, com objetividade.

- E quais as influências que você recebeu?

- De todos os pintores que pude conhecer.

- Mas quem exerceu maior influência sobre sua pintura?

- Nunca tinha pensando nisso – disse, depois de uma pausa. Nova pausa e acrescentou: - Acho que Van Gogh, pelo desprendimento, soltura, genialidade e extravagância da sua arte.

- Em matéria de extravagância, há o surrealismo de Salvador Dali com o qual você deve se identificar muito bem, não é?

- É... Salvador Dali entendia de perspectivas. Antônio Marques (marchand e idealizador de uma feira de antiguidades) me disse uma vez que, tecnicamente falando, me considerava um grande artista porque eu também entendia de perspectivas.

Possibilidades e Perspectivas. Estas parecem ser as ferramentas que Marcelus Bob explora para construir sua arte sem fronteiras. Cem por cento autodidata, ele cresceu num ambiente familiar propício à carreira que escolheu. A avó gostava de ouvir música clássica. A mãe era vocalista de um coral da igreja. O pai fazia esculturas em madeiras, depois de ter sido repentista no Vale do Açu (José Pedro de Farias Filho acabou sendo homenageado ainda em vida, emprestando seu nome para uma rua do Conjunto Nova Natal, na Zona Norte, onde mora: rua Artesão Farias).

Nascido em Natal, Marcelus Bob cresceu no Paço da Pátria, “debaixo da Pedra do Rosário”, às margens do Rio Potengi. Dali, mudou-se ainda criança para Mãe Luíza. Recebeu uma educação rígida, reconhece, mas sempre encontrou apoio na família para seguir seu destino profissional. Uma das causas do atrito com o pai, crente da Assembléia de Deus, foi a cabeleira que desde muito tempo cobre os ombros. Mas as discussões só aconteceram na juventude, esclarece, pois hoje já é aceito com o manequim que gosta de exibir.



Inspiração no morro de Mãe Luíza

O segundo encontro com o artista foi no seu ateliê, em Mãe Luíza, situado na rua Largo do Farol, nas proximidades do monumento que identifica o bairro, no mesmo endereço em que mora com a esposa Nilza, a sogra e o filho Lenon Li, nome dado em homenagem ao ex-Beatle John. Naquela casa simples, despojada de luxo, ele às vezes trabalha freneticamente, às vezes se entrega ao ócio das entressafras.

Certamente é ali, naquele bairro, que Marcelus Bob encontra inspiração na fauna humana para compor os personagens que permeiam sua obra. Nas vizinhanças todos o conhecem, todos sabem quem ele é. Parece ser tão popular quanto era um outro ilustre morador daquele morro, já falecido, o poeta dândi Blecaute.

Já ocorreu de levar seus quadros para a bodega do Deda, onde entre um gole e outro fica colhendo as impressões do povo a respeito da sua arte. Nestas ocasiões, os “humanóides encapuzados” costumam provocar polêmica. As figuras são interpretadas de muitas maneiras diferentes. Uns acham que elas são coisas de Deus, outros, do diabo. Uma mulher negra disse que os tipos sombrios que apareciam naquela tela eram semelhantes aos da Ku Klux Klan, organização criminosa e racista dos EUA. Segundo Marcelus Bob, as pessoas simples do morro têm uma sensibilidade aguçada pela arte de viver.

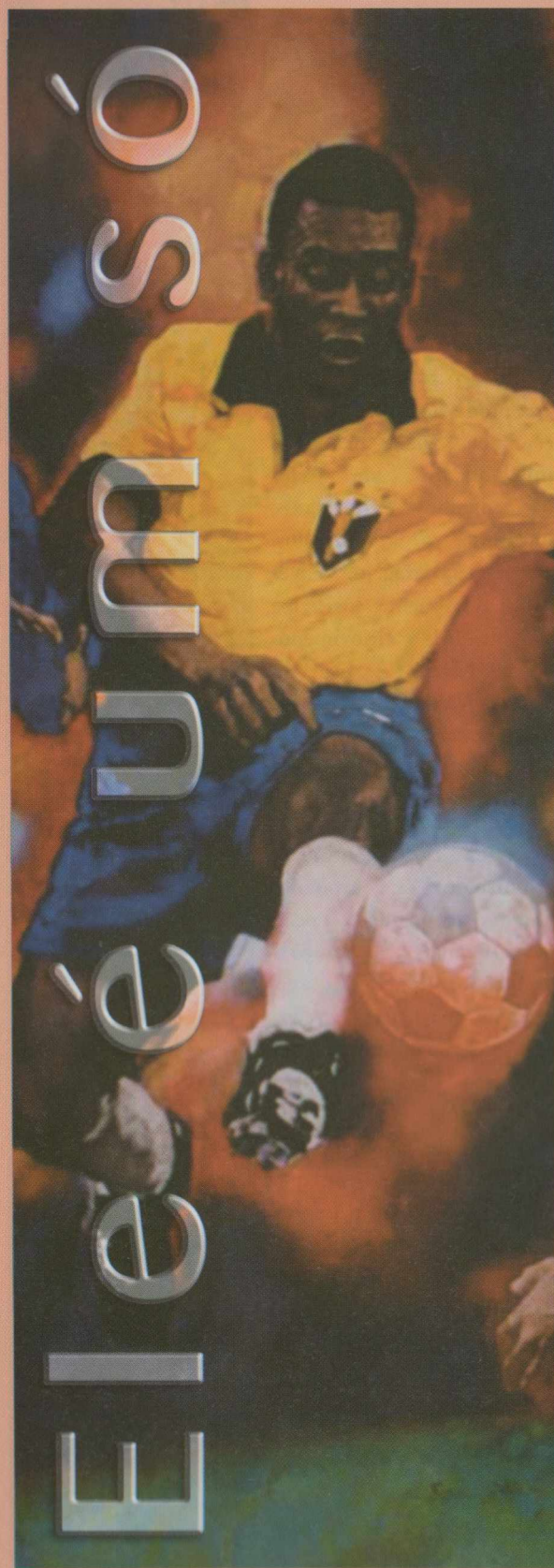
A serena rebeldia de Marcelus Bob o levou a buscar outro canal de expressão para fazer ecoar seu uivo iconoclasta. Foi assim que fundou há 12 anos, e ainda hoje lidera, o Grupo Escolar, uma banda de rock pesado, aliás pesadíssimo, como ele mesmo frisa, no qual toca guitarra e atua como compositor e vocalista. Pelo grupo passou gente da qualidade de Tadeu Litoral, Paulinho Procópio (também fundadores), Cleudo Freire, Geraldinho Carvalho e Ilo Sérgio. Hoje, ao lado de Marcelus Bob, figuram Glauco (baterista) e Leão (baixista). Numa das letras composta em parceria com Paulo Procópio, na música intitulada “A Bomba”, está escrito o singelo alerta: “Bomba... vamos explodir essa bomba/bomba, vamos trocar bombons por bomba”.

O artista que tempos atrás teve problemas com a polícia por sair nas madrugadas frias borrando os muros da cidade com “grafites”, agora se debruça sobre um projeto para comemorar os 25 anos de vida artística. Além de

promover uma exposição, em data a ser definida, quer publicar um livro, pelo Sebo Vermelho, com fotos das séries de quadros que pintou (humanóides, repentistas, rendeiras, pescarias, instrumentos musicais, paisagens litorâneas, etc...). Os textos vão ficar sob a tutela de Dácio Galvão, Jota Medeiros e João da Rua, só para citar alguns. Sua produção, neste período, é grande. Calcula uns cinco mil quadros, de todos os tamanhos e formatos, incluindo os minúsculos. Talvez seja exagero. Talvez não. Atualmente participa do M8M (Movimento 8 de Março – Dia do Artista Plástico), que busca movimentar as artes plásticas no Estado.

É certo, contudo, que Marcelus Bob continuará produzindo e expondo. Ele que já perdeu a noção de quantas exposições participou, contabiliza seis prêmios na sua carreira, dois deles conferidos pela Fundação José Augusto e outros dois em circuitos artísticos do Nordeste. É quase certeza, também, que toda vez que vê uma paisagem deslumbrante, como uma lua cheia despontando por trás das dunas e iluminando a vastidão do mar, o filho de dona Odete pega lápis e papel e registra. Faz bem à alma. ■





Rubens Lemos Filho (Jornalista)

Quero viver o suficiente para ser avô. Ter um neto é um sonho distante embora o frasista diga que longe é um lugar que não existe. Ama-se o neto em dobro, derretem-se alguns avós. Meus dois filhos, um com 11 e outra com 4 anos, ainda estão no melhor momento da vida, que é o de vivê-la sem que lhes sejam apresentadas faturas.

O meu primeiro neto, se for homem, já tem o primeiro presente guardado. Não é um brinquedo, é um símbolo de uma das tardes mais felizes do meu tempo. No último dia 25 de junho, a convite do jornalista Ailton Medeiros, pude ser um dos poucos bem aventurados a assistir, pasmos, o que nossos pais nunca esqueceram.

O meu neto primeiro ganhará o bilhete do Moviecom 1, cinema no qual eu mergulhei no inacreditável ao ver "Pelé Eterno". O bilhete amassadinho ornamentará o berço do futuro abecedista e vascaíno.

O que eu vi transcende a lógica, a metafísica, a matemática, a geografia, a aritmética, a democracia, a anarquia, a ditadura. A Bossa Nova, o Tropicalismo, a Jovem Guarda e o Samba de Protesto. O que eu não consigo esquecer transpõe o Rio Nilo, o Amazonas, o Tejo e o Mar Morto.

As cenas não podem ser descritas porque formam algo muito além da capacidade humana de discernimento. Se existe o paraíso, seu chão foi construído pelas pisadas de Pelé. A arquitetura dos seus dribles, lançamentos, gols feitos, gols perdidos, porradas nos adversários tem a régua e o compasso do inexplicável.

Bob Kennedy, Henry Kissinger, a Rainha Elizabeth, guerreiros tribais africanos, multidões enlouquecidas, depoimentos emocionados como o do goleiro "Mão de Onça", do Juventus, que se viu de mãos abanando, naquele lance considerado pelo próprio monarca o mais perfeito de sua perfeição.

Até o Edson Arantes é perdoado. Numa nesga de ranço dos homens comuns, exclui o segundo gol de Gerson na final dos 4x1 contra a Itália, em 70. Porque Gerson, tão parceiro de Pelé, esbravejou ao se ver excluído da lista de Edson dos 120 melhores do século. Edson é corpo, matéria. Pelé é alma e eternidade.

Foram duas horas que valeram uma vida. Eu vi o que eu não vivi. E o meu neto verá também, abençoado seja ele amante de uma musa chamada bola, prisioneira lasciva de um só Rei. ■

Macau ganhou em maio a sua Casa de Cultura Popular. O "Palácio do Salineiro" foi instalado num antigo casarão de arquitetura colonial, tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural, localizado no centro da cidade. Até o momento, o investimento total para a criação das Casas de Cultura foi de R\$ 1 milhão e 165 mil. Outras quatro casas já começaram a ser construídas, nos municípios de Parelhas, Campo Grande, Currais Novos e Umarizal.

"Estamos trabalhando para fortalecer a identidade cultural e resgatar a história do povo do Rio Grande do Norte", afirmou a governadora Wilma de Faria, na solenidade de inauguração da Casa de Cultura de Macau, a sexta construída pelo governo (as outras foram em Nova Cruz, Caicó, Assu, Martins e Santa Cruz). A solenidade contou com a presença de familiares do antigo proprietário do imóvel, o ex-prefeito Albino Mello, e com apresentação de artistas da Fundação José Augusto e do município.

O presidente da Fundação José Augusto, François Silvestre, destacou a determinação do governo em expandir para o interior o movimento de revitalização da cultura popular. Para atender a essa determinação da governadora Wilma de Faria, afirmou, as Casas de Cultura cumprem um papel fundamental. Nelas, serão realizadas oficinas, palestras, seminários, exposições e projeções de filmes, que possibilitarão o surgimento de novos talentos.

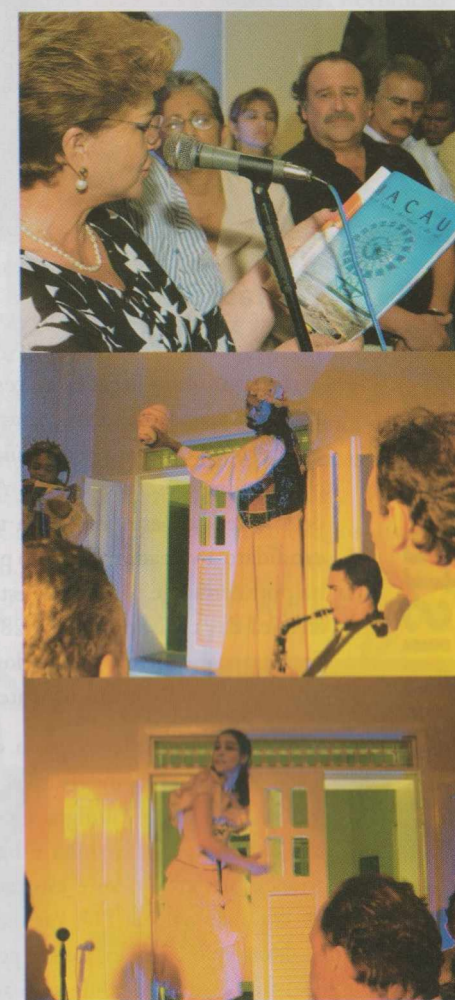
A obra de reforma e adaptação do Palácio dos Salineiros, segundo François Silvestre, foi realizada em apenas duas semanas, graça ao empenho dos técnicos da FJA. O investimento foi de 280 mil, assim divididos: R\$ 160 mil destinados à aquisição do imóvel, R\$ 30 mil para a compra do mobiliário e R\$ 90 mil empregados na restauração.

Com uma área construída de 550 metros quadrados, a nova Casa de Cultura Popular conta com 16 compartimentos, que abrigarão biblioteca, museu, pinacoteca, administração, auditório para 80 pessoas, duas salas para oficinas, cozinha/café e espaço cultural para eventos, com cem metros quadrados de área coberta. ■

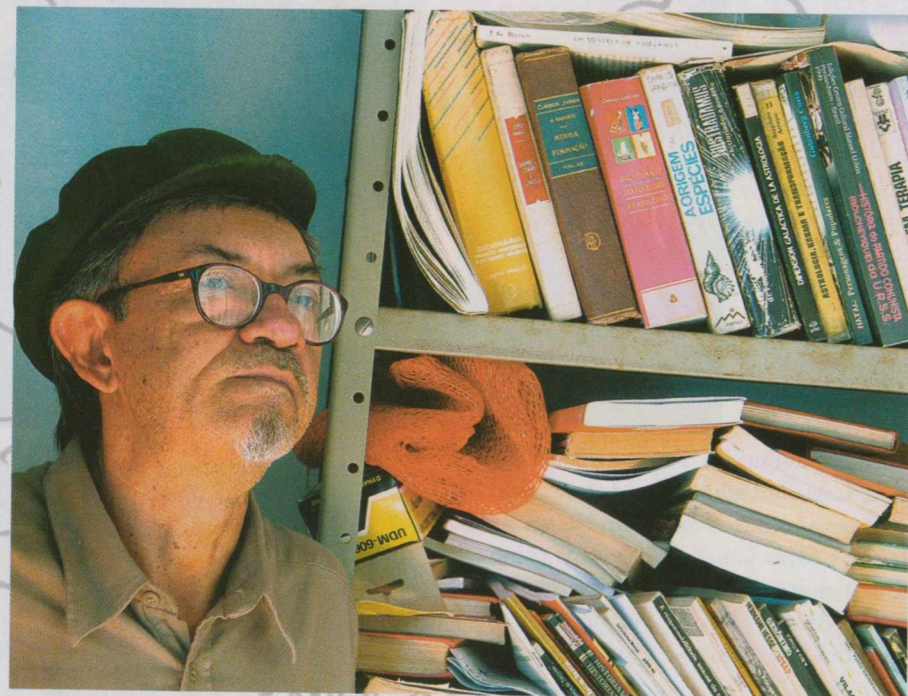


Fotos: Jaime Paulino

"Palácio do Salineiro"



Um stalinista sonha com o parlamento



Por Tácito Costa
Fotos: Anchieta Xavier

A rua Antônio Pegado, no centro de Natal, espremida entre a Padre Pinto e a Pitimbu, tem apenas dez casas, cinco de cada lado, e uma numeração esquizofrênica. Uma das casas está fechada, em ruínas. Na de número 28, pintada com um azul forte, mora o jornalista e escritor Osório Almeida de Oliveira, o último stalinista do Rio Grande do Norte, que este ano, pela terceira vez, tentará chegar ao parlamento “burguês”. É candidato a vereador. Quem o procurar na pequenina rua deve ter cuidado para não bater na porta errada e pensar que está sendo vítima de alucinação. É que devido à numeração errática das casas, o número 28 deveria estar fixado à residência onde funciona a “Casa Franciscana – Santa Maria dos Anjos”, da Ordem Franciscana Secular. Uma terrível ironia! Osório é comunista e ateu empedernido.

Sem camisa, de calça – passa das 9 horas e o calor já incomoda – calçando chinelas havaianas e com a indefectível boina verde. É assim, à vontade e sem frescura, que o jornalista recebe os amigos e conhecidos. A casa é apertada. Um vão só, dividido em área, sala, quarto, cozinha e banheiro. Na frente, duas portas e uma janela. Não tem área de serviço e nem é estucada. Menos de 50 metros quadrados de área construída. Por isso não paga IPTU. Para compensar o espaço ocupado pelos livros e discos de vinil, os demais objetos têm de ser pequenos, como o fogão de duas bocas, o frigobar e a TV de 14 polegadas. Grande só o antigo som 3 em 1, que toca os ‘bolachões’ e que fica em

cima de uma mesa. Nas paredes da sala fotos desbotadas de Ho Chi Minh, Karl Marx, Lenin, Zapata e Engels, algumas em melhores condições de Heloisa Helena, Babá e uma foto maior, com qualidade publicitária, da modelo potiguar Fernanda Tavares.

Osório mora com a mãe, dona Helena Germano de Almeida, 82 anos, irmã do conhecido Padre Zé Luiz, já falecido. Ele dorme na sala. Ela ocupa o único quarto da casa, onde passa boa parte do dia numa “espriguiçadeira”, com os pés em cima de uma almofada, de frente para uma televisão. Quando está ligada a TV oferece uma boa imagem, que chega a dona Germana embotada. Ela tem catarata, mas não quer fazer cirurgia. Por medo. Apesar de lúcida, dona Helena tem uma certa dificuldade para se locomover e Osório é quem cuida de tudo na casa, levando-a também, de táxi, aos médicos e ministrando os muitos remédios que ela tem de tomar durante o dia. Católica fervorosa, quando está mais disposta vai às missas na Igreja do Galo, a poucos metros de onde mora.

O zelo e carinho com que é tratada pelo filho, contudo, não impediram que um malvado o denunciasse de manter a mãe em cárcere privado. Este ano, quando menos se esperava, chegaram umas pessoas numa Kombi, se dizendo do Ministério Público, afirmando que ele tinha sido acusado por manter a mãe presa e queriam constatar se isso era verdade. Entraram, conversaram com a velha senhora e viram que as denúncias não tinham veracidade. “Meu irmão [Moacir Oliveira, ex-diagramador da Tribuna do Norte e do Diário de Natal] chegou nessa hora e soltou os cachorros em cima deles”, conta Osório, que atribui o episódio à perseguição movida pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Com a saúde precária, a mãe precisa de cuidados extras e passou a ser o centro da vida do jornalista. “A prioridade é tomar conta da minha mãe, fazer as compras, cuidar da casa. Mas uma casa, por menor que seja, é trabalhosa”

reconhece Osório. Entre uma folga e outra faz o jornal alternativo “De Esquerda Quadrinhos”, sai para vendê-lo e cuidar da vida. Para diminuir o trabalho, compra a comida em restaurantes do centro. É o único “luxo” a que os dois se permitem. Dos R\$ 1.600,00 que recebe como aposentada, dona Helena ainda ajuda o filho Moacir, que está sem trabalho fixo já há algum tempo.

Jornalista e escritor alternativo

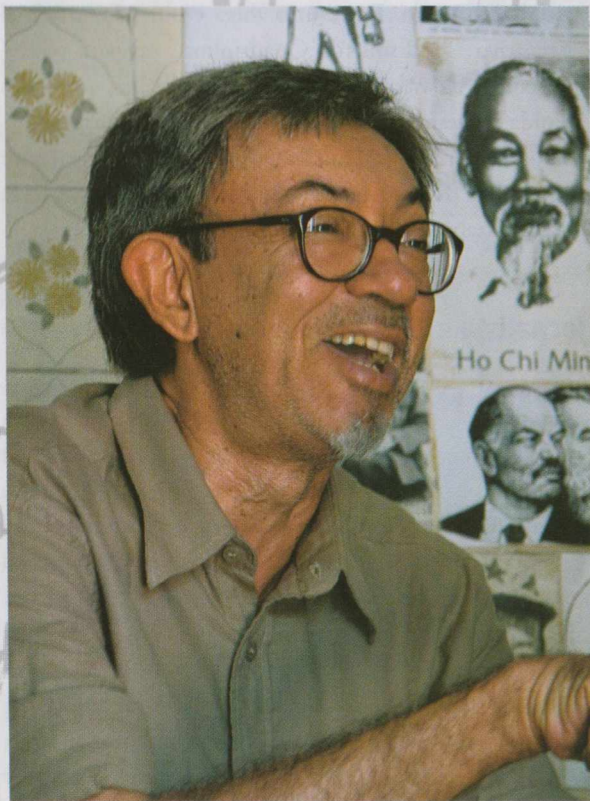
Os cerca de 300 livros e 1.600 discos vinis (alguns raros), mais jornais e revistas abarrotam duas estantes, uma na sala e outra na área. Todo esse acervo foi amealhado em sebos e reúne obras de todos os estilos e épocas. Na estante da sala estão os livros que o jornalista qualifica como melhores e que ele vai tirando e mostrando: “O manifesto comunista”, “A arte da guerra”, “O príncipe”, “O jardim das delícias”, “A interpretação dos sonhos”, “Manual dos inquisidores”, “O Tao”, “Estado e Revolução”... Mostra o que está lendo atualmente, “Geração em transe – Memórias do tempo do tropicalismo”, de Luís Carlos Maciel, um presente do também jornalista e escritor Franklin Jorge, e pergunta:

– Você sabia que conheci Luís Carlos Maciel? Estive no apartamento dele, no Rio de Janeiro. Era casado com Maria Cláudia, atriz da TV Globo. Belíssima!

Em música prefere rock: Janis Joplin, Bob Dylan, Beatles, Pink Floyd, Raul Seixas... E sentencia, categórico: – o último conjunto de rock foi o Dire Straits; de lá pra cá é só lixo. Em cinema, ama os faroestes, embora esteja cada vez mais afastado das salas. Entre os filmes preferidos cita “Shine”, “No Tempo das Diligências”, “Paixão dos Fortes”, “Cidadão Kane”, “Casablanca”, os filmes de Jacques Tati...

– Mas o melhor de todos é “Doutor Jivago” – revela.





Osório Almeida edita um jornal alternativo há 20 anos (começou com o nome de “Rangal” e hoje se chama “De Esquerda Quadrinhos”). Nos primeiros anos, por não ter diploma de jornalista, enfrentou problemas e os amigos jornalistas Ubirajara Macedo e Miranda Sá assinavam as publicações. É também um escritor prolífico. Tem 22 livros publicados (todos edição do autor), entre poesia, ensaio e ficção: “Coração Beat”, “Fim da Linha”, “O anti-herói das Estradas”, “O Chapéu Furado”, entre outros. As edições são precárias e as tiragens limitadas, próprias de um “escritor alternativo”, como ele próprio se define. O jornal – hoje uma página, frente e verso, mas que já chegou a ter oito páginas – com textos e quadrinhos, tem tiragem de 300 a 500 exemplares. Metade é vendida, de mão em mão, a 50 centavos, no centro da cidade; a outra metade é distribuída gratuitamente.

Há dez anos custa o mesmo preço. – Um modelo de administração – diz com orgulho.

Em busca de votos

No telefone, dias antes, quando liguei para marcar a entrevista, Osório se mostrou entusiasmado e disse que a lembrança veio em boa hora. Considera que a reportagem

o ajudará a ganhar alguns votos nas próximas eleições, quando disputará um mandato de vereador pelo PDT. Ele também está animado porque foi escolhido para conduzir a “agitação e propaganda” do partido, visando ajudar os candidatos nas eleições.

A plataforma eleitoral desse stalinista (“sou stalinista assumido, não tem quem me demova dessa idéia”), taoísta e maoísta convicto já está pronta. Sua principal bandeira, chegando à Câmara Municipal, será “salvar o centro de Natal”. “Sou um homem do meu bairro, não saio do centro nem por cem e uma cocada”. As ações em prol do centro ele promete estender aos bairros da Ribeira e Alecrim.

Mas Osório não pretende ficar só na defesa dos três bairros citados acima. Está nos seus planos criar uma fundação cultural – Fundação Karl Marx. Mas ele esclarece na bucha: essa não terá nada de assistencialismo, ambulâncias, essas coisas – será voltada para a cultura. Também está no seu programa abrir um restaurante popular macrobiótico (ele se alimenta à base de arroz integral e não come carnes vermelhas); arrendar os prédios onde funcionavam os cinemas Rio Verde e entregar ao artista plástico Falves Silva e ao cinéfilo Paulo Palocha para gerenciá-los; criar a banda de rock “Fila do SUS” (“a banda durará enquanto tiver fila para ser atendida pelo SUS”); criar uma galeria de arte popular; entrar com um projeto para aumentar o número de guardas municipais, com o objetivo de patrulhar o Centro, a Ribeira e o Alecrim; manter um advogado de plantão para livrar da cadeia os que forem apanhados com “bagulho” e a criar o jornal “Caixa Preta” para mostrar a sujeira da burguesia.

– Que é o que Lenin manda fazer.

Não será a primeira vez que esse renitente comunista tenta chegar ao parlamento. Em 1982 foi candidato a deputado estadual pelo PMDB e em 1990, pelo PSDB. No PSDB ficou doze anos e não guarda uma boa recordação desse período. “Foram doze anos perdidos; ou partidinho nojento!” Antes de chegar ao PDT, em 2003, milita um ano no PC do B. “Me desencantei com o PC do B, mas não com o comunismo”, esclarece.

Mas nada iguala a decepção e o sofrimento com a perda de visão do olho direito, que ele atribui a terroristas de direita e fanáticos religiosos, que não o perdoam por ser comunista a teu. No ensaio “O que a vida me deu”, ele conta de maneira amargurada e revoltada, a história do descolamento da retina, que o deixou completamente

cego do olho direito a partir de maio de 2001. Garante que a culpa foi de um fanático religioso que resolveu castigá-lo (um oftalmologista, que prefere não dizer o nome), agindo como um Deus. Sobra também para a direita: “A direita é muito organizada e eficiente quando quer fazer o mal”.

As aventuras de “Ho”

Aos 57 anos – nasceu no dia 12 de novembro de 1947, em São José de Campestre – Osório Almeida de Oliveira nem sempre foi conhecido por esse nome. Já se chamou “Ho”, durante os anos em que foi hippie, participou do desbunde da década de 70, e viajou pelo país, indo parar na Argentina, onde foi preso logo na chegada (acusado de contrabando) e deportado três dias depois por conduzir 60 pedras semipreciosas que tinha adquirido em Ouro Preto-MG. O novo nome, “Ho”, foi dado pelo tio, Padre Zé Luiz, na temporada em que passou na casa dele, em São Paulo. Zé Luiz o achava parecido com um vietnamita – continua parecido – e se inspirou em Ho Chi Minh para dar o novo nome.

Hoje, Osório conclui: “É ruim viver brigado com o nome”.

Em Campestre, morou até os 8 anos de idade. Em 1955, Zé Luiz foi indicado padre da Paróquia de Taipu e levou a irmã Helena e os dois filhos, Osório e Moacir, para morar perto dele. Seis meses depois a Igreja transfere Zé Luiz para Touros e novamente dona Helena foi junto. “Na primeira noite em Touros não dormi com o barulho do mar”, recorda Osório. Mora dois anos em Touros, retorna a Campestre, onde conclui o primário e em 1960 chega a Natal.

Mora, inicialmente, no centro, na rua 13 Maio, próximo à catedral velha. “Ali era o must de Natal, tinha uma movimentação cultural intensa”. A mãe se emprega como costureira na Maternidade Januário Cicco e a família se muda para uma rua próxima à maternidade, onde fica até 1964. No ano seguinte, se muda para a rua Antônio Pegado, onde está até hoje. Estuda na Escola Técnica de Comércio e no Marista, à noite. Mas não acaba o 2º grau. Conhece o pessoal da área cultural e em janeiro de 1968, como ator, fazendo parte de um grupo, embarca para o Rio de Janeiro, para representar o Rio Grande do Norte no 5º Festival Nacional de Teatro do Estudante, com a peça “Calígula”, dirigida por Jesiel Figueiredo.

“Fui maquiado por Glauce Rocha, que era uma estrela do teatro nacional”, diz, orgulhoso. A peça dividiu o primeiro lugar com Pernambuco e Rio Grande do Sul.

– Dizem as más línguas que houve influência política para que ficássemos com o 1º lugar – reconhece Osório, lembrando que na época o senador Dinarte Mariz era uma das lideranças civis mais fortes da ditadura militar, e Meira Pires era diretor do Serviço Nacional do Teatro.

A decisão de ficar no Rio de Janeiro, após a apresentação da peça, foi tomada ainda em Natal. Trabalhando como “serviço prestado” na Universidade, na época ainda estadual, o jornalista não teve paciência para esperar a contratação. Nos primeiros meses no Rio – onde ficaria quatro anos – tenta a carreira teatral, mas cai na real. “O nível do teatro carioca estava nas estrelas”. Começa a vender programas de espetáculos nas portas dos teatros.

“Me conformei que tinha de ser vendedor”.

Passa de vendedor de programa de espetáculo a vendedor do Touring Club do Brasil, onde trabalha um ano e meio. Do Touring para a Crecim (instituição financeira). Nesses



anos de Rio, frequenta o Centro Norte-rio-grandense, onde no bate-papo com os potiguares desterrados mata as saudades da terra. Entre eles, o professor Rodrigues Alves, a quem pede uma lista dos ricos do Rio Grande do Norte que moram no Rio de Janeiro. Da lista, constavam, entre outros, o ex-prefeito de Natal Omar Ogrady, Luiz Viana e Mota Neto. A esses ricos oferecia oportunidades de bons rendimentos financeiros na Crecim.

No novo emprego, os ganhos melhoram e ele se muda do Catete para o Leblon. "Racine {Santos – teatrólogo} esteve no meu apartamento. Levei-o aos melhores restaurantes. Ele chegou a Natal dizendo que eu estava rico", conta rindo.

Crise de identidade

A efervescência cultural e política tomavam conta do país e Osório não passaria incólume por ela. Em 68, assiste à famosa "passeata dos cem mil", mas o ano da virada é 72. "Nesse ano entrei numa crise de identidade". Trava contatos com hippies na zona sul carioca e resolve passar uma semana em Ouro Preto. Coloca a mochila nas costas, deixa um argentino que conhecera há poucos dias tomando conta do apartamento e se manda. Na volta de Ouro Preto, decide sair do banco e pegar a estrada de vez. Começa a sua odisséia particular, que o levaria a dez cidades de Minas Gerais, interior de São Paulo,

todo o Sul do país, Argentina até o retorno a sua Ítaca amada, Natal. "Queria conhecer a vida e o país", resume. Acrescentando: – Minha geração só teve duas opções: a estrada ou a guerrilha.

Nessas peregrinações pelo Brasil aporta na "Prainha Branca", litoral paulista, próximo a Bertiooga, onde fica três meses só namorando, pintando e comendo peixe. Mora depois seis meses em Embu (SP), onde expõe seus trabalhos de artes plásticas na praça, e São Paulo capital. Sente que é o momento de retornar a Natal. O ano é 1974. Desembarca irreconhecível: barba e cabelo grandes, cheio de colares, roupas e idéias esquisitas. A família toma um choque. "Minha mãe me estranhou e chegou a comentar com os franciscanos que eu tinha voltado comunista". Mas o espanto maior foi do pai, Emídio Manoel de Oliveira (hoje com 89 anos e morando ainda em Campestre). Osório resolveu visitá-lo. O velho quase teve um ataque do coração e foi procurar o prefeito para saber o que danado era um hippie.

O prefeito foi curto e grosso: – São um bocado de maconheiro.

Ainda no mesmo ano em que chegou a Natal, Osório desistiu de ser hippie e procurou se integrar à cidade. Arranjou para trabalhar na Gráfica de Carlos Lima, na Ribeira, vendendo assinaturas do "Cadernos do RN" e do jornal "Folha dos Municípios". Do setor de assinatura passa para o de anúncios. "Quem levantou

a publicidade aqui no Rio Grande do Norte fui eu. Antes só existia a Dumbo e a Expo". Até então, não havia surgido ainda a vocação para o jornalismo, que começa quando ele, além de vender anúncios, começa a fazer textos para a "Folha dos Municípios". Com o irmão trabalhando como diagramador na Tribuna do Norte, surgiu a oportunidade de ingressar no jornal. Começa como colunista cultural e depois passa a fazer reportagens. A mais memorável foi a entrevista – que participou, junto com o jornalista



Emanuel Barreto – com Astor Piazzola, na beira da piscina do Hotel Reis Magos.

A troca da foto de uma atriz (Rejane Medeiros) por uma socialite o levou a sair da Tribuna. "A culpa foi de J.Epifânio {colunista social} que fez fuxico". Vai para o jornal oficial A República, onde também não demora muito. Motivo da saída: deixou "passar" uma entrevista do poeta Esmeraldo Siqueira com críticas a meio mundo.

– Botei sabendo que ia dar bronca.

Militância política

O gosto pela política começa em 1978, quando trabalha, como jornalista, no comitê do então candidato a senador Radir Pereira, emprego arranjado pelo amigo "Chico Miséria". Conhece o advogado e deputado Roberto Furtado, a quem admira até hoje. Ainda trabalha, em 82, no jornal "Folha da Manhã", que deixa algum tempo depois. Começa a se cansar trabalhando como jornalista para os outros. Amadurece a idéia de criar seu próprio jornal, até que em março de 1984 lança

"Rangal", tablóide de oito páginas. Nunca mais deixaria o jornalismo alternativo.

Com vinte anos de batente, Osório é um crítico ácido da mídia brasileira. "Acho que a imprensa no Brasil é como a justiça, só vê o lado da classe dominante", analisa. Também está desencantado com o Governo Lula: "Desde o começo percebi que o PT era clerical e impediria que o comunismo chegasse ao poder"; com a humanidade: "é inviável"; mas apóia o terrorismo e Bin Laden contra o imperialismo norte-americano, elogia Fidel Castro ("grande figura"), Aluizio Alves ("melhor ministro de Sarney"), Roberto Furtado e Brizola ("revolucionário que encarnou os ideais de 30, traídos pela burguesia- Me proponho a ser o seu herdeiro político").

Analisando a situação mundial – como jornalista – se mostra preocupado. Para ele, o mundo está à beira da 3ª Guerra Mundial. Tudo devido ao imperialismo dos Estados Unidos que, na opinião dele, deverá sair derrotado caso o conflito aconteça.

Sozinho, depois de um casamento de sete anos (77 a 84), que lhe deu um filho, Emídio – mesmo nome do avô (a ex-mulher e o filho, hoje com 27 anos, moram em Itajaí-SC), Osório não quer mais saber de casamento, embora diga que foi feliz no seu. "É um inferno", resume. E dá dica: "Hoje é mais negócio investir em várias mulheres do que em uma só". Assegura que devido à alimentação macrobiótica, não beber e nem fumar está em plena forma, "diferente dos velhos do Café São Luiz, que estão todos no Viagra". Sobre o amor, ele não é menos corrosivo:

– Amor é uma flor roxa que nasce no coração do trouxa.

Certamente, não será por falta de sinceridade, coerência política e originalidade que Osório Almeida deixará de ser eleito vereador. Três coisas que há muito sumiram dos nossos parlamentos. Ele está confiante e cita a coincidência do nome da sua rua ter como patrono um vereador. "Quem sabe, não sai outro vereador daqui".

Boa sorte, candidato! ■





Tombada casa do homem que encantou Mário de Andrade

Por David Clemente

Em uma casinha de taipa, situada no interior Rio Grande do Norte - no início do século passado - desligado totalmente dos centros urbanos, morava um agricultor chamado Francisco. Seria apenas mais um Francisco, Francisquinho, Chico, Chiquito, Chisquito, Chicão, Chiquinho, Chicó... dos muitos existentes por esse Nordeste afora, condenado ao "pé da enxada" e ao anonimato, se não possuísse um dom genial. Cantava coco como ninguém. E teve a sorte de o seu destino cruzar com o de outro gênio, o escritor paulista Mário de Andrade.

Francisco Antônio Moreira, que ficou conhecido como Chico Antônio, o artista que encantou Mário, está fazendo esse ano cem anos de nascimento. E para marcar a passagem do seu centenário a Fundação José Augusto tombou sua casa, localizada no sítio Porteiros, no povoado de Cortes, distrito de Pedro Velho, a 90 Km de Natal. Agora, o novo o patrimônio do Estado ganhará restauração. A previsão é de que o Memorial Chico Antônio esteja pronto para a comemoração do centenário de nascimento do cantor, em setembro desde ano.

Mas não só a estrutura física da construção ganhará novo vigor, o povo do município e admiradores do cantor também. A casa, os móveis, fotografias e todos os bens do artista formarão o Memorial Chico Antônio. Publicações que fazem referência ao artista, como os livros de Mário de Andrade, em que o cantor foi imortalizado, também farão parte do conjunto. Uma das obras principais será o primeiro disco de vinil gravado por Chico em 1982 e que foi reeditado em 2000. Além de releituras feitas por outros artistas como o grupo de Pernambuco "Mestre Ambrósio" e gravações do projeto Nação Potiguar, em que participam duplas de emboladores de coco e a Orquestra Sinfônica do RN.

O coordenador do Centro de Documentação da Fundação José Augusto, Dácio Galvão, explica que com

o Memorial, a vida e obra de Chico Antônio poderão ser reconhecidas como méritos próprios do coquista, "o que deveria ter ocorrido há muito tempo".

O encontro com Mário

Em que resultaria um encontro entre um paulista graduado em Letras, Música e Ciências e um potiguar semi-analfabeto? Em um achado cultural,oras. Foi assim no final da década de 20 quando o escritor Mário de Andrade esteve frente a frente com o cantor de coco Chico Antônio.

Antes de conhecer Mário, Chico levava uma vida muito parecida com a de qualquer agricultor da sua região. Acordava junto com o sol para trabalhar e retomava sua cama ao anoitecer. Mas o que ele gostava mesmo era de entoar cocos. Costumava cantar e desafiar coquistas conhecidos. De tão criativo que era, foi impossível montar um acervo completo dos seus cocos, pois repetir os mesmos versos e toadas não era hábito costumeiro de Chico Antônio.

O destino lhe proporcionou alguns bons acasos. Na sua juventude trabalhou no Engenho Bom Jardim, onde o proprietário era o crítico de arte Antônio Bento de Araújo Lima, homem considerado por Chico como o seu "compadre protetor". Antônio Bento foi quem levou o escritor Mário de Andrade ao encontro com o coquista. Na época, Mário realizava sua "viagem etnográfica" pelo Nordeste do Brasil (dezembro 1928 - março 1929) e em janeiro de 1929 conheceu Chico. Desde então a vida do coquista potiguar mudaria bastante.

As referências que Chico Antônio ganhou nas obras de Mário de Andrade como "Vida de Cantador", "O Turista Aprendiz" e "Os Cocos" e citações de aspectos sociais e psicológicos em "Danças Dramáticas", levaram a arte potiguar produzida pelo humilde agricultor ao restante do país.

Chico conheceu o folclorista Câmara Cascudo, o Secretário de Cultura do MEC Aloysio Magalhães, a poetisa presidenta do Instituto Nacional do Folclore Lélia Coelho Frota, o regente da Orquestra Sinfônica Barroca Centenária de Minas Gerais José Maria Neves e o diretor de cinema Eduardo Scorel, que produziu o filme "Chico, o herói com caráter".

Em 1983 participou do programa "Som Brasil" da Rede Globo de Televisão. Um dia antes da gravação, o coquista conheceu a tarefa de um artista renomado, deu uma entrevista coletiva para os principais jornais de São Paulo. 1993 foi o ano em que se comemorou os 100 anos de nascimento de Mário de Andrade e o mesmo ano em que se lamentou o fim da vida de Chico Antônio. Mas graças ao poder que a arte tem, seu trabalho continua vivo, pronto para tocar e conquistar mais admiradores. ■

Deífilo Gurgel (Presidente da Comissão Norte-rio-grandense de Folclore)

Se fosse vivo, Chico Antônio estaria completando, este ano, cem anos de idade. Quem poderia imaginar que um garoto nascido no dia 20 de setembro de 1904, na comunidade Corte, a poucos quilômetros da cidade de Pedro Velho, iria se transformar, com o passar dos anos, num dos nomes mais famosos da poesia folclórica do Rio Grande do Norte?

Ninguém poderia pensar nisto, considerando-se que na família do menino não existia qualquer antecedente de vocação poética, uma família de honrados lavradores, a vida inteira dedicados aos trabalhos do campo.

No entanto, Chico Antônio, desde menino, foi a "ovelha negra" da família, fugindo de casa para ouvir os grandes emboladores, nas noites memoráveis de pejejas.

De nada adiantou o pai ter o colocado desde cedo na escola para aprender a ler e escrever. De nada adiantaram as surras de cinturão com que o pai o castigava, para demovê-lo do seu propósito de cantar coco.

Tão menino era, quando começou na vida de cantor, que não sabia sequer tanger o ganzá, companheiro indispensável de todo embolador famoso. Era preciso que um amigo fizesse isto por ele.

E assim se passaram dez anos.

Naquele tempo, o menino da Corte lavrava a terra com seu pai e a vida corria mansa, como as águas do Rio Curimataú, depois das enxurradas. E os anos não paravam de passar.



Deífilo Gurgel (centro) apresenta Chico Antônio (esq.) a Câmara Cascudo, em 1979

Chico Antônio cem anos depois

Até que o menino se fez homem e amadureceu em seu peito aquele amor desesperado pela arte de cantar coco.

Naquele tempo, Chico vagava pelas cidades do agreste potiguar, vendendo cocos secos que comprava nas cidades do litoral e cantando cocos surrealistas nas feiras do interior. Até que Antônio Bento de Araújo Lima, filho do coronel Araújo Lima, proprietário do Engenho Bom Jardim, em Goianinha e de outros engenhos mais, que era um apaixonado pelas artes plásticas e pelas manifestações da cultura popular, teve notícia do nosso embolador e mandou convidá-lo para morar no Bom Jardim.

Antônio Bento era amigo dos escritores Câmara Cascudo e Mário de Andrade e, em 1928, quando se realizou a viagem de Mário ao Rio Grande do Norte, logo ele traçou um plano para que o escritor paulista pudesse conhecer Chico Antônio e vê-lo cantar os seus cocos de embolada.

Esse episódio, que um dia, no futuro, Aloísio Magalhães descreveria como o encontro de duas grandes forças da natureza: de um lado, Mário, representando a cultura erudita, e do outro, Chico Antônio, o caudaloso rio da cultura popular; aconteceu no Engenho Bom Jardim, município de Goianinha, no dia 10 de janeiro de 1929.

Para entender este momento mágico, deixemos que fale o próprio Mário de Andrade, no livro "O Turista Aprendiz":

"Estou divinizado por uma das comições mais formidáveis de minha vida".

Tão emocionado ficou Mário de Andrade com a arte de cantar coco de Chico Antônio, que lhe propôs, duas ou três vezes, durante sua permanência no Rio Grande do Norte, levá-lo para São Paulo. Prevaleceu o bom senso de Chico Antônio, preocupado com a esposa e os filhos. E o nosso coqueiro ficou no Bom Jardim.

Depois de um mês e meio de pesquisas intensas em nosso Estado, documentando as mais importantes manifestações da cultura popular do RN, Mário de Andrade regressa a São Paulo, em fevereiro de 1929, passando antes pela Paraíba e Pernambuco.

Depois disto, foi o ostracismo para Chico Antônio.

E assim se passou meio século. Até que em 1979, 50 anos depois de Mário, numa pesquisa de campo da Fundação José Augusto, nosso embolador é redescoberto, morando nas "Porteiras", um pequeno sítio de sua propriedade.

Não obstante a idade de 75 anos, Chico ainda tangia o seu ganzá e entoava os velhos cocos, que foram o deslumbramento de Mário de Andrade, em 1929.

Na condição de Diretor de Promoções Culturais da Fundação José Augusto, após a redescoberta do coqueiro, nós procuramos incentivar a todos os integrantes da área cultural, a fim de que fossem prestadas a Chico Antônio as homenagens que ele merecia.

À frente das homenagens que lhe foram prestadas pelo Ministério da Educação e Cultura, estava nada menos do que Aloísio Magalhães, não apenas um grande artista e intelectual, mas, sobretudo uma grande personalidade humana.

Sobre a inspiração de Aloísio Magalhães e a execução de Lélia Coelho Frota, presidente do Instituto do Folclore, foram planejadas várias homenagens a Chico Antônio como um Seminário realizado em Natal com professores do Rio Grande do Norte e de outros estados; a publicação de um tablóide denominado "Estrada Nova", para distribuição nas escolas do RN, particularmente em Pedro Velho e um "long-play" com os cocos de Chico Antônio.

Não ficaram aí porém, nesses atos oficiais, as homenagens prestadas a Chico Antônio.

Rolando Boldrin apresentou-o no programa "Som Brasil" da TV Globo, apresentação antecedida de uma entrevista coletiva com os maiores jornais de São Paulo, "Estadão", "Folha", "Globo" (sucursal), e outros mais. A apresentação no "Som Brasil" foi um sucesso. O público o aplaudiu de pé.

Eduardo Escorel, conhecido cineasta brasileiro, através de um projeto da FUNARTE, produziu um vídeo "Chico Antônio, o herói com caráter", que ganhou o prêmio, em festival de cinema.

Outro vídeo sobre Chico Antônio foi produzido por Carlos Lira, diretor da TVU, dentro do projeto "Memória Viva".

Infelizmente não foram de glórias os últimos anos de vida de Chico Antônio.

Logo depois de sua redescoberta, o autor deste artigo conseguiu com o governo estadual uma pensão especial de três Salários Mínimos, para o embolador. Familiares seus, movidos pela cobiça seqüestraram o cantor e o mantiveram em cárcere privado até o seu falecimento, no dia 15 de outubro de 1993, na cidade de Canguaretama. De nada adiantaram os nossos apelos às autoridades do executivo e do judiciário do município.

Chico Antônio morreu como outros grandes artistas da cultura popular do Rio Grande do Norte, como Zé Relampo, Manuel Marinheiro, Joaquim Cardoso, Antônio Gordo. Ingloriamente. ■

Ensaio fotográfico de Teotônio Roque



Teotônio Roque/ZooN – Repórter fotográfico; cineasta e educador; membro da Rede de Comunicadores Solidários à Criança da Pastoral da Criança – CNBB; desenvolve vários projetos de fotojornalismo e documentação no Brasil e no exterior; autor do livro "Um Olhar Sobre Havana" (1999) e "Projeto Zumbi" (2004); membro da ZooN Fotografia, ONG que completa 10 anos em 2004, desenvolvendo atividades sociais e culturais de promoção da fotografia (www.zoon.org.br).

Fotografias realizadas no interior do Ceará e Rio Grande do Norte, no período de janeiro a junho 2004.

Rotações



Francisco Morais (Escritor e professor, é mestrando em Literatura Comparada – UFRN)

Pão não é um. Em cada ponto da terra que gira, gira um pião. Piões. Plural dos meninos de todos os continentes. Meninos, muitos meninos perdidos no tempo, rodando na saudade de nunca mais se achar, para sempre em rotação, desde quando o universo começou a brincar de rodar a terra.

Roda minha terrinha gigante. Roda minha menina. Roda minha Cora Coralinazinha, no palco que o mundo penumbra com luz azul. Roda para Deus brincar de ser menino de rua, de ser menino de sertão, de ser menino da Ásia perdida no Ocidente do meu bairro. Roda meu pião-planeta para Deus ficar olhando você sempre girar sem cair. Roda para Deus rir e brincar como gente, na roda da vida, no chão do nosso terreiro. Roda como sonho engendrado das sobras: das sobras das noites, das sobras da vida, das sobras das luas, das sobras das latas.



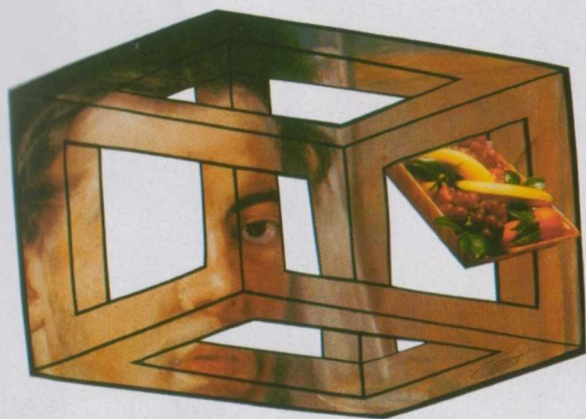
Roda meu piãozinho de africar minha cor quase branca, de indigenar minha pele quase negra, de afro-europeizar minha tez quase indígena. Roda para eu zunir uma velocidade de seduzir olhares, muitos olhares de êxtase ou de quizila-pé-de-pote-escorrega-no-sabão. Roda para eu meninar os adultos promotores da violência. Gira para eu dançar os rodetes da sua valsa, com a paz das crianças.

Meu pião é um cometa em colisão de brincadeira; uma vida de girar com os outros, na pluralidade de todos os sonhos: metáfora de mim fazendo cócega na pele da terra de minhas translações. Roda meu pião de geografias diversas, de culturas anônimas. Roda seu nome matuto, seu nome sem nome, seus nomes em todas as línguas, de todos os meninos e meninas.



Roda, meu pião das raças, para dublar as minhas fantasias na frente dos outros. Gira por, apenas, girar, sem doleiro para globalizar sua índole plural e plebéia. Roda como boi-de-rei, como gente em coco-de-roda. Roda no bey-blade dos tempos de hoje, mas não me deixe parar sem seu nome na minha memória: pião. ■

Por acaso



Hudson Paulo Costa (Professor e escritor)
Ilustração: Guaraci Gabriel

A sensação das coisas próximas, longe, ou as que não se encontram em nenhuma referência de tempo e lugar, esta sensação do que está para acontecer, nem sempre é possível captá-la numa coerência traduzível em palavras. Ela fica perdurando longamente...

Imaginei o dia como se não fosse dia, mas uma noite sempre antepondo-se aos raios do sol prestes a cobrir o movimento dos cílios de um camelo procurando sua rota no deserto.

Na clínica, ao entardecer, atendi a minha última paciente naquele dia. Dizia-me de suas obsessões, dos problemas que tomaram conta de sua vida em vez de sua vida ter tomado conta dos problemas.

Estudava como resolver mais um caso de neurose. Detive-me numa teia de aranha esquecida no alto da parede da sala onde estava um quadro com a imagem de Dante. Ele olhava-me como a me esperar no inferno. A aranha e o rosto de Dante ocuparam-me por alguns instantes em dissonantes impressões que alertavam-me para alguma coisa prestes a acontecer. Poderia ser algum criminoso procurando pela próxima vítima, uma mão buscando sôfrega outra mão para poder traí-la...

Naquela tarde decidi sair do consultório mais cedo e procurar alguém com quem conversar. Qualquer pessoa que tivesse apenas a capacidade de ouvir. Vi uma senhora caminhando com uma criança nos braços e dela aproximei-

me para perguntar por um endereço imaginário. Quando ela disse-me não saber, esbocei o início de uma conversa. A criança em seus braços olhou-me detidamente. Pedi permissão para segurá-la por um instante. Perguntei a sua idade. A mãe continuou em silêncio, mas a criança com uma voz grave e profunda respondeu escandindo cada sílaba: - "A idade de sua ignorância. A idade da solidão de todos os homens. Todas as idades".

Você pode imaginar como eu fiquei? Parecia ser uma brincadeira de ventríloquo, uma magia, um truque. Devolvi rapidamente a criança à mãe. A criança continuou a falar palavras sábias, milenares, tocando-me profundamente. Havia uma força estranha naquela voz, um mistério fluindo, o espírito de um mago.

As pessoas passavam bem próximas a nós, mas não ouviam. Por que apenas eu a ouvia? Seria um privilégio ou eu estaria ficando louco? Perguntei como se explicaria aquela situação. Aquilo era um fenômeno e ela poderia ganhar milhões levando a criança para as emissoras de televisão de todo o mundo. A mãe continuou em silêncio.

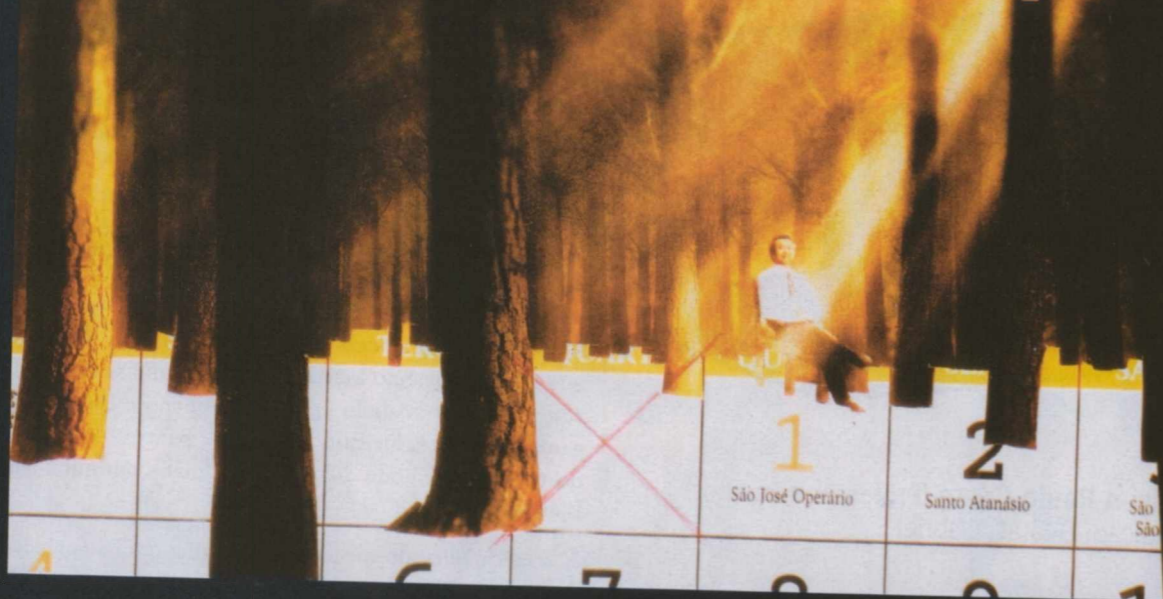
A criança olhando-me com um ar um tanto agressivo disse-me: - "Resolvi falar apenas a você porque quero lhe demonstrar o quanto você nada sabe. Você pensa ter devolvido a sanidade mental a muitos desajustados. Você os fez mais loucos ainda. Lembra-se do caso daquela menina que deixou a faculdade de Direito para tocar flauta? A família entregou-a como um caso de anomalia. E o que você fez? Tratou-a com a sua técnica para torná-la mais uma a azeitar a máquina enferrujada dessa sociedade decadente. Todos pensam saber, mas ninguém sabe. Ninguém vai acreditar que você ouviu de uma criança como eu o que estou lhe dizendo agora. O saber está entre vocês na dimensão do aqui e agora. Mas o que não está nesta dimensão, onde está? Responda-me. Não preciso dizer que todo saber é limitado. Vocês construíram uma sociedade em que tudo que não se traduz em dinheiro não tem valor. Vocês vão pagar muito caro por isto. O tempo não tem pressa. Você me viu e não me viu". A criança dirigiu um olhar para a mãe e ela saiu caminhando naturalmente pela calçada.

Confidenciei rapidamente o fato a minha família, amigos e colegas da clínica. Dei entrevistas no rádio e na televisão. Fizeram o retrato falado da mãe e do filho e publicaram a matéria em todos os jornais da cidade.

Aos poucos fui perdendo a minha clientela. Aconselharam-me a um tratamento, um repouso, uma viagem, qualquer coisa que me fizesse esquecer o episódio.

Hoje vendo frutas e verduras nas feiras livres da cidade. ■

O horóscopo



Carlos Lins Onofre (Estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN)
Ilustração: Sayonara Pinheiro

- Gilda, você tem alguma mágoa de mim?
- Claro que não, meu amor – disse Gilda em entonação infantil para o marido, dando-lhe um beijo na testa – Por que você está me perguntando uma coisa dessas?
- Porque eu vou morrer quinta-feira, e eu queria ir embora sem que você tivesse mágoas de mim.
- A frase do marido fez Gilda empalidecer, e abrir a boca sem dizer uma palavra. Breno quebrou o silêncio:
- Você quer saber que história é essa de eu morrer quinta-feira, né?
- É.
- Foi meu horóscopo que disse.
- Horóscopo? – agora ela começa a falar mais alto – que porcaria de horóscopo é esse?! Quero ver esse horóscopo que diz: “Todos os capricornianos vão morrer na próxima quinta, mas antes disso, preste atenção nas más companhias! Sua cor da sorte é o preto, sabe como é, o luto!” – vociferou Gilda num deboche eufórico.
- Você não está levando a sério...
- Eu que devo reclamar que é você que está levando a sério! Onde foi que você viu esse horóscopo?
- Eu sonhei.
- Sonhou. Ah, sim, claro, agora, querido, eu entendi muito bem, você sonhou com seu horóscopo... – disse ela calmamente, como se estivesse a falar com uma criança.
- Exatamente – completou Breno.
- E então ele disse que você morreria quinta? – perguntou Gilda, perplexa.
- Isso mesmo. Sabe, mas eu não lia o horóscopo, como se fosse jornal, era assim, um homem que dizia que era meu horóscopo e que eu ia morrer quinta...
- Ah, um homem...
- Parecia o mago Merlin!
- Vai que era ele! O mago Merlin, dizendo que era o seu horóscopo, comentou, assim, rapidinho com você a data de sua morte?
- Acho que eu já falei isso. Você tem a mínima noção da importância dos sonhos em nossas vidas?

- Ah, tenho... Tenho sim, e eu um dia desse sonhei... – Gilda arregalou os olhos ao falar –... Que se você não parasse de falar bobagens agora, a sua data de morte seria antecipada da quinta para hoje! Mais especificamente agora! Então pára de brincadeiras e durma! – Gritou Gilda num acesso de raiva.

Cerca de duas horas depois, naquela madrugada, Gilda tem seu sono interrompido por Breno:

- Gilda, acorda... – disse ele baixinho.

- O que foi?

- Você pode me especificar, assim, quem foi que lhe falou que você ia me matar hoje se eu não parasse de falar bobagens? É que eu fiquei preocupado... – ela não acreditando no que estava ouvindo, falou: – A fada Sininho. Agora dorme!

Breno ficou o resto da noite preocupado, pensando quem teria razão, Merlin (o horóscopo), ou Sininho. Concluiu que Merlin, pois era bem mais poderoso, e que alguém com uma barba grande e branca daquelas só poderia ter razão. Virou-se para o outro lado, tentando dormir, mas sem tirar a morte dele, com dia marcado para quinta, da mente.

- Sabe, Breno, eu acho que você deveria tirar umas férias.

- Por quê?

- Para descansar. Desde quando você acredita em seus sonhos? E fica preocupado! Ô, homem, deixe disso...

- Eu vou mais do que tirar férias. Eu vou me demitir!

- Hã?

- Isso mesmo! Eu vou morrer mesmo! Ligue para o meu patrão, quero falar com ele.

- Eu não vou ser cúmplice dessa loucura.

- Eu mesmo ligo. Alô? Seu Freitas? Olá! Aqui é Breno Cabral, eu queria dizer que eu me demito, que o senhor tem cara de piolho, e que sua mulher é uma vagabunda que deu em cima de mim na festa de confraternização da empresa! Tenha um bom-dia!

- Agora chega, Breno, vou chamar uma ambulância para te levar!

- Ah, não! Estou gostando de fazer isso! Vou chutar o balde antes de morrer! Fazer tudo que eu queria ter feito!

- Você anda assistindo filmes demais! A pipoca do cinema ao invés de descer subiu e se instalou em seu cérebro! Seu, seu cabeça de pipoca!

Breno saiu do apartamento certo de que no dia seguinte morreria. Viu seu senhorio no corredor, e deu um empurrão nele.

- Eu queria dizer para o senhor ir comer cocô! Mas eu nunca disse porque eu precisava do apartamento, mas agora que eu vou morrer eu digo: Vá comer cocô!

- Eu te pego, seu desgraçado! – disse o senhorio enfurecido.

Breno saiu correndo, descendo as escadas e deu de cara com o corredor do terceiro andar. Lá viu a voluptuosa Rita, que parecia querer economizar muito nos tecidos para fazer suas roupas. Ele não demorou muito para meter violentamente a mão numa das nádegas da moça.

- Que se dane se seu marido é leão-de-chácara! – disse balançando o traseiro dela – Que se dane!

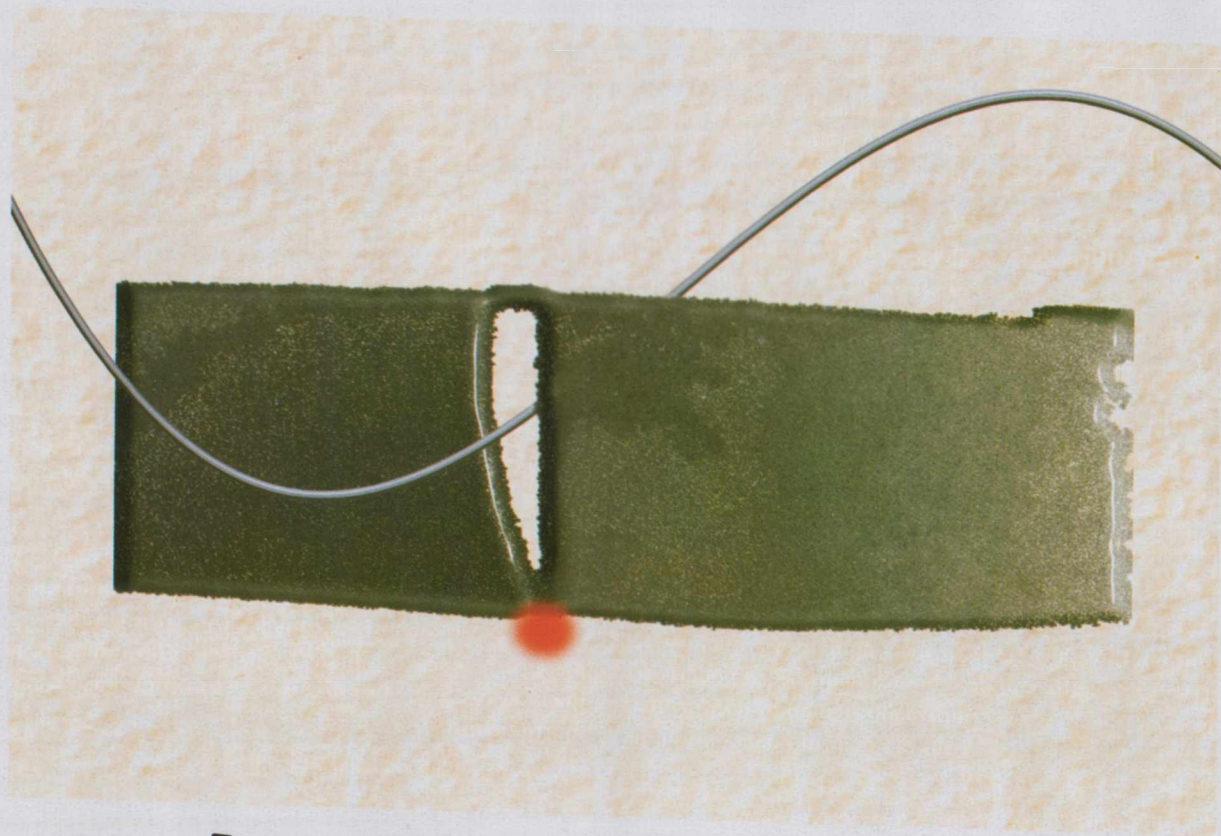
Rita começou a gritar e Breno retirou-se rapidamente do corredor, ao ver que todos os vizinhos saíam de suas portas, curiosos com os gritos.

Ao chegar no segundo andar, deparou-se com um adolescente que tocava muito mal um saxofone à hora que desejasse, inclusive à noite. Pegou o instrumento e jogou pela janela, na piscina, o menino fez uma cara de quem acabara de abrir a geladeira e encontrara um rato morto dentro.

- Não corre não, seu otário! Eu te pego!

Breno não deu atenção às ameaças do saxofonista e desceu correndo em direção à rua, e nesta, gritou com o cachorro que latia para ele todas as manhãs, deu um tapa na cara do homem que roubava seu jornal de vez em quando, gritou para uma senhora que passava pela rua que ela não tinha mais idade para pintar o cabelo de ruivo, e que o namorado mais jovem dela estava querendo dar o golpe do baú, entrou numa loja e quebrou todos os vidros de azeitonas pretas que ele viu pela frente, pois simplesmente odiava azeitonas pretas, e não queria que ninguém mais gostasse, simplesmente porque não queria, e ao chegar na parte dos temperos bebeu vinagre. Morria de vontade de beber uma garrafa inteira de vinagre, e não entendia por que sempre usavam tão pouquinho de cada vez. Queria muito, bebeu não apenas uma, mas duas garrafas inteiras de vinagre. Então saiu à rua, e começou a ver tudo turvo.

- O que danado é isso? – perguntou a si mesmo. Caiu como jaca madura no chão. – Foi o vinagre! – exclamou. Antes que pudesse se levantar, um caminhão o atropelou. É isso mesmo, ele morreu. Mas não na quinta-feira, como o seu horóscopo dissera. Foi na quarta. Essas coisas esotéricas às vezes falham mesmo. ■



Abandonos

Nádia Maria Silveira Costa de Melo
(Mestre em Letras/UFRN)
Ilustração: Venâncio Pinheiro

A cidade de Santa Cruz foi surpreendida, nas últimas horas silenciosas de uma madrugada de sexta-feira, por um objeto estranho e barulhento surgido no meio da praça. A notícia se espalhou rapidamente e muitos curiosos correram para vê-lo. E encontraram ali uma criança alva, de olhos muito azuis que chorava pelo incômodo provocado pelas formigas. Entrelhavam-se perplexos. Como aquela criança aparecera ali? Nenhuma parteira sabia explicar. As mães das moças? Nem imaginavam! O vigário disse que só podia ser um milagre de Nossa Senhora da Conceição. Era 8 de dezembro de 1947: dia da santa. As beatas desconfiaram que era coisa do demônio. O prefeito da cidade decidiu investigar o caso. Convidou o delegado para instaurar o inquérito.

Abandonos

Como saber de onde tinha vindo aquele ser? Não havia nenhuma grávida, nas redondezas, esperando para aquela época. Até que uma patroa desconfiou de sua empregadinha que há meses sofria de barriga d'água. E assim o mistério foi desfeito. O crime revelado. A criança era fruto do mais original pecado, ocorrido entre um patrão português e uma infeliz empregada. Caso encerrado: a infratora sem opção caiu na vida fácil ou, quem sabe, morreu acidentalmente? Este é o boato que circula pelas calçadas. E a prova do crime (a enjeitada) foi criada no abandono. Este episódio serviu para ensinar às "moças donzelas" que este era o castigo imposto às "transgressoras" das normas de uma sociedade hipócrita e fétida.

Foi assim que iniciou a história da nossa Severina, aliás, Conceição.

Conceição foi o seu nome

Não teve outro de pia.

Conceição filha bastarda

Do português com a empregada.

Como havia muitas filhas bastardas

De portugueses com empregadas

Ela ficou sendo chamada

Conceição filha bastarda do português

Com a Josefa talvez finada

Vulgo "safada"

Lá de Santa Cruz

Limites de Tangará

Interior do Rio Grande do Norte.

Como batata nasce na terra e como vive cachorro viralata, da mesma forma nasceu e cresceu a Conceição filha bastarda. Ela sequer desconfiava que era infeliz. Isso porque acreditava. Em quê? Que sua mãe estava viva e que viria buscá-la, num cavalo branco, em plena madrugada. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé. Ela pensava que a pessoa era obrigada a ser feliz. Então era. Assim passou sua vida representando com obediência o papel de ser. Até que um dia, após o almoço, estava balançando-se numa cadeira,

para lá... ..

para cá... ..

para lá... ..

para cá... ..

repentinamente uma voz sussurrou-lhe nos ouvidos: - Encontraram tua mãe! Ela está moribunda no abrigo de velhos Juvino Barreto e deseja te conhecer. Ela correu desesperada, num momento de ímpeto, alegria e ansiedade. Correu em busca de seu destino, sua sina... no meio do caminho tinha uma pedra. Caiu. Acordou atordoada: cadeira... chão... Conceição!!!... Lembrou-se do abandono dos pais... da infância perdida... dos filhos ingratos que tivera... das traições e abandono do marido... das discriminações sofridas... Uma lágrima rolou de sua face envelhecida. Nesse momento, tomou consciência de que em sua SÓ/LIDA/IDADE, desconhecía a solidariedade. E que a sua fiel companheira sempre fora a SOLIDÃO. ■



James Joyce

Moacy Cirne (Poeta e teórico de quadrinhos)



Sempre fui um admirador de James Joyce. Em 1966, escrevendo para o jornal O Povo, de Natal, saudei a tradução brasileira do "Ulisses". Acredito que, na imprensa natalense, fui o único a fazê-lo. Hoje, considero-o o segundo, terceiro ou quarto melhor romance do século XX. "Grande sertão: veredas" (Guimarães Rosa) e "A montanha mágica" (Thomas Mann) me dizem mais. Sob alguns aspectos, "O processo" (Kafka) também me parece mais significativo. Mas o problema aqui é outro. Em sua estrutura ficcional, a ação transcorre dentro daquilo que é conhecido como "o dia do personagem Bloom", ou simplesmente "o dia de Bloom". Decerto, em se tratando de Joyce, o convencional vira não-convencional. Embora seja bem menos radical do que "Finnegans's wake", "Ulisses" não é um livro fácil. Alguns não conseguem devorá-lo. Paciência...

Em Dublin, cidade de Joyce e local da ação romanesca em pauta, há muito e muito tempo que se comemora, nos bares locais, "o dia de Bloom". Nada mais justo, nada mais adequado. Em São Paulo, com seu provincianismo cosmopolita, também se faz a mesma coisa. Em sendo nos bares, tem seu encanto. No Rio, macaqueando São Paulo, já se fez algo parecido. Acho que ainda se faz. Tomar um porre em homenagem a Joyce pode ser um bom programa etílico. Eventualmente, improvisam ou encenam happenings com leituras da obra. Nada muito sério, a não ser que alguns lacanianos resolvam assumir a "homenagem", como aconteceu agora no Recife. Sem querer fazer trocadilho, deve ter sido um porre...

Mas vejamos o caso de Natal, especificamente. O Rio Grande do Norte, desde os anos 20 do século passado, tem apostado criativamente na dicotomia tradição/modernidade ou tradição/vanguarda. No primeiro momento, com Cascudo (tradição) e Manoel Dantas e Jorge Fernandes (modernidade); no segundo momento, de novo Cascudo (tradição) e José Bezerra Gomes e o poema/processo (vanguarda). Mas tem apostado, sobretudo, na valorização dos elementos que compõem a cultura potiguar. Neste particular, o próprio poema/processo poderia ter investido mais (no período 1967-72) nas questões culturais pertinentes a norte-rio-grandecidade. Não o fez, equivocadamente.

Hoje, aqueles que lutaram pelo poema/processo - e agora lutam pela poesia visual - sentem que a relação tradição/modernidade é algo dinâmico e dialeticamente produtivo. E investem nas formas culturais produzidas no Estado. E o que tem Joyce a ver com isso? A rigor, nada. Mas alguns dos nossos intelectuais - que raramente se preocupam com a cultura do Estado - têm festejado na própria Universidade o "dia de Bloom". Se fosse festejado no Beco da Lama, ao lado do Grande Ponto, poderia ter algum sentido... Mas não: fecham-se na Academia e deixam de lado datas significativas que poderiam lembrar, entre outros, Jorge Fernandes, Manoel Dantas, Moysés Sesyom, José Bezerra Gomes, Homero Homem, Zila Mamede (2003 foi atípico em relação à Zila, assim como Cascudo figura em outro patamar), Berilo Wanderley e Luís Carlos Guimarães, e preferem homenagear um escritor que, por mais universal que seja, não tem nada a nos oferecer enquanto perspectiva criadora.

Culturalmente, Jorge Fernandes e os demais são muito mais importantes para nós, nordestinos do Rio Grande do Norte. Assim como mais importantes são os pernambucanos João Cabral, Manuel Bandeira e Carlos Pena Filho e os paraibanos José Lins do Rego, Augusto dos Anjos e Manuel Camilo dos Santos, além do alagoano Graciliano Ramos e o piauiense Torquato Neto. Decerto, cearenses, sergipanos e maranhenses também merecem ser citados.

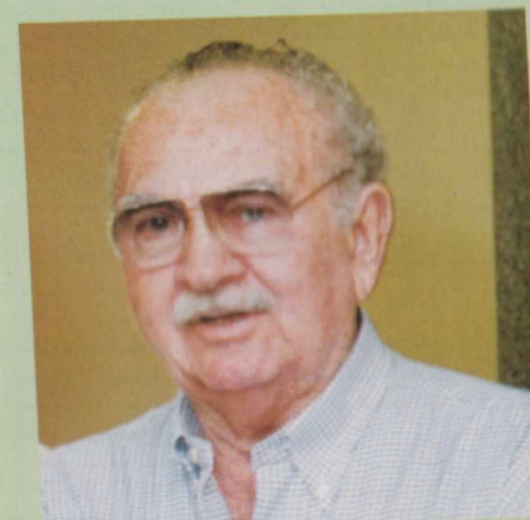
Ainda bem que o poeta Diógenes da Cunha Lima lançou a idéia de se comemorar em Natal o "Dia do Poeta Potiguar". Uma data já foi escolhida: 23 de maio, que marca o nascimento do currais-novense Luís Carlos Guimarães. Já temos o 14 de março como o Dia da Poesia (em âmbito nacional), agora teremos o 23 de maio como o Dia do Poeta Potiguar. Muito mais rico e estimulante do que qualquer Bloomsday. 📖



Zila Mamede



Jorge Fernandes



Luís Carlos Guimarães

Algumas considerações sobre

"O dia de Bloom"

Leontino Filho

a saga e o segredo de urdir os restos do lirismo amoroso



Márcio de Lima Dantas (Professor de Literatura Portuguesa do Depto. de Letras da UFRN)

Tôdo mundo sabe quanto se tornou difícil, nos últimos tempos, o manuseio de textos artísticos que lancem seus vetores à tradição da literatura ocidental conhecida como lírica amorosa. As linhas de continuidade às quais se vincula o discurso poético sobre o amor, pelo menos nos moldes como fomos acostumados a senti-lo/representá-lo, e também como é difundido pela mídia, parecem ter atingido o seu fastígio com as transformações que o século XX ferrou nos relacionamentos interpessoais, coisa que me parece sem retorno e que também, de outra parte, não deve causar transtornos, malgrado o desvelamento de uma hipocrisia insistente, produzida por um discurso advindo das classes dominantes, eivado de Ideologia, possibilitador da reprodução do status quo favoráveis àqueles mesmos que desde sempre estiveram no poder.

O que eu quero dizer é que o poeta Leontino Filho, nascido em Aracati, antiga cidade do Ceará, vivendo desde muito na capitania do Rio Grande, ainda consegue retirar leite das pedras, dada sua capacidade de lidar com a linguagem, haja vista seu enorme talento de suplicar metáforas à Érato; sim, isso mesmo, uma rara faculdade de extrair delicadas epifanias sobre o amor e todos os afluentes temáticos que o entornam. Ou seja, ainda as possibilidades do que ficou conhecido e estabelecido, muita vez equivocadamente, com a rubrica lirismo amoroso. Reparemos um bom exemplo daquilo a que acima me refiro, encontrado no livro *Sagrações ao meio* (1993): antropofagicamente/reclamo as minhas sobras.

Com efeito, várias qualidades são encontradas na poesia de Leontino Filho, que se mostra sóbria, madura, em rasgos de originalidade e lampejos semânticos, numa linguagem elíptica, elegante, manuseando discretamente o vocabulário regional, sobrepondo com habilidade os versos parataticamente uns sobre os outros, olvidando o enjambement, desprezando, porém deixando implícita, a gramática do vernáculo, na consecução do signo poético. Bom mesmo é constatar quanto o poeta se encontra em contemporânea vibração com os modos de sentir das

Leontino Filho

gentes/mentes multifacetadas que perambulam nas vias do presente. Melhor ainda: saber – coisa tão sutil e complexa – articular, através da palavra poética, o empírico no qual estamos imersos, posto que, mesmo a gente sendo capaz de um distanciamento crítico, como pretendia o poeta Fernando Pessoa, não podemos nos esquivar dos discursos que proferimos, das representações que fazemos das coisas e sobretudo das de que somos objeto. Enfim, para não se arrastar muito o que tanto a crítica tem buscado: o isomorfismo entre vida social e expressão estética.

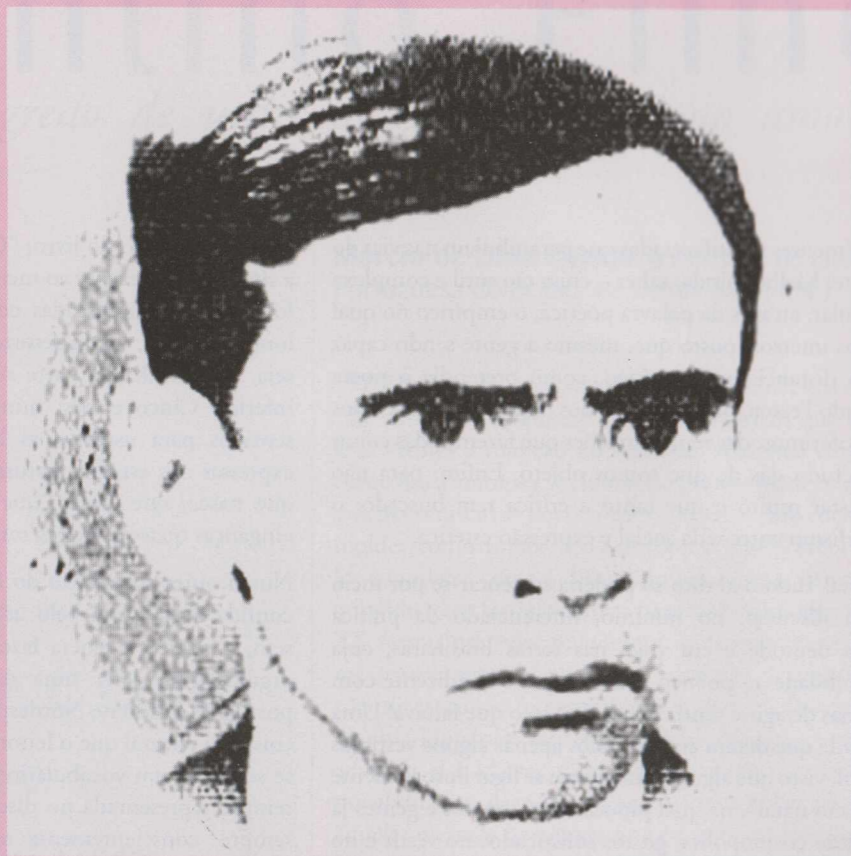
Ora essa! Tudo o aí dito só poderia sustentar-se por meio de um discurso, no mínimo, diferenciado da prática poética démodé e em voga nas terras brasileiras, cuja palatabilidade ao poético nem sempre é condizente com as formas de agir e sentir atuais. Era só o que faltava! Uma sociedade que detém em seu éthos apenas alguns vestígios do rural, visto que alguns teimam em se ligar ilusoriamente ao “torrão natal”, na qual pipocam fenômenos e gentes já com visão cosmopolita, gostos sofisticados no vestir e no comportar-se, sexualidades cambiantes, cosmopolitismo expresso na indumentária e no comportamento, etc, mesmo que sejam uns poucos, permanecer atado a uma ruma de besteiras sobre formas de amar ou de representá-la é, antes de qualquer coisa, ridículo. A arte, como todo mundo sabe de cor e salteado, ao longo da história, sempre salpicou, nos cacos encontrados nos monturos das vivências, individuais ou sociais, faces amplamente complexas e ambivalentes do real.

Falava mesmo de quê eu? Sim, de forma. O poeta Leontino Filho não utiliza em seus versos a capitular maiúscula nem tampouco o ponto final, sugerindo uma dicção solta, moldada num ritmo bem particular. A sugestão que nos imprime é de certa liberdade de pensar, de sentir o seu desejo pelo objeto amado, sem censuras. De outra parte, o discurso poético de Leontino se instaura num registro lírico amoroso de natureza muitas vezes erótica, manifestando-se através de blocos alinhados, como sendo espécies de monólitos, gramaticalmente plasmados numa linguagem coloquial e que contém qualquer coisa de oracular, tingindo a palavra poética com as forças atávicas de dizeres ressoando afirmações que muito o aproximam de uma vidência.

Na última sessão do livro, “Circulares” – temos a junção, a síntese de *Sagrações ao meio*, na medida em que as duas formas fixas manuseadas com elegância pelo autor, ao longo da obra, agora retornam numa única página, ou seja, a quintilha na parte superior e o terceto na parte inferior. Cinco e três: números cabalísticos. Os cinco sentidos para usufruir as benesses eróticas do corpo, expressas nos estádios naturais de toda e qualquer coisa: que nasce, que cresce, que morre: as cidades armam/vinganças quase perfeitas/resta o meu vôo.

Numa outra subdivisão do livro, “Vazantes”, avulta, em contida dicção, um belo uso da linguagem regionalista, sem, contudo, o poeta fazer desse uso uma espécie de orgulho por deter uma das variantes lingüísticas do português falado no Nordeste. É como se fosse assim uma coisa tão natural que o leitor nem se dá conta. Porém, ao se servir de um vocabulário inerente a uma região desde sempre representada no discurso oficial como algo a ser sempre, conscientemente ou não, depreciado, mesmo que seja apenas para aparecer diante do outro, num puro movimento de insegurança – ou seja, a tão batida história de perpetrar o contraste para escamotear o velho sentimento de inferioridade, tão inerente à sociedade brasileira. Sim, mas de tudo isso resta o benfazejo serviço de decantar tal linguagem, obrigando os dicionários a codificar, nos seus verbetes, usos de um costume emanado de uma diferença. Todo mundo sabe o que Graciliano Ramos, ao fazer uso de palavras restritas a uma região, prestou ao vernáculo, enquanto sistema aberto, enriquecendo a língua ao manuseá-la na literatura, lugar já estabelecido como sendo o objeto de estudo de filólogos e interessados na linguagem.

Enfim, o tratamento literário dado pelo poeta Leontino Filho à temática do amor no livro *Sagrações ao meio* pode ser assim iconificado: despojamento lingüístico e profecia, a serviço de uma erótica refinada, bem de acordo com a maneira de vivenciar os relacionamentos interpessoais mais íntimos consoante as usanças nos últimos tempos. ■



João Antônio Bezerra Neto
(Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq)

A borrasca abençoou minhas manhãs marítimas.

Arthur Rimbaud

O convulso e dramático lirismo do primeiro livro de poemas de Walflan de Queiroz, publicado em 1960, - "O tempo da solidão" -, desenvolve-se a partir de um conjunto de experiências vivenciadas pelo próprio autor durante sua temporada no mar tenebroso como marinheiro de um velho navio que fazia a linha América do Sul/Antilhas. A sua aventura marítima só poderia resultar na feitura de belos poemas impregnados de marés amargas e sonoras, de melodias misteriosamente nostálgicas, de marujos muito antigos e embriagados, de mulheres exóticas, de portos distantes, de velas brancas e longas tardes azuis.

O poeta, jovem e erudito, estréia aos 30 anos de idade, impressionando os intelectuais do círculo literário da cidade de Natal com suas afirmações de incontestáveis qualidades poéticas.

A sua poesia revela uma profunda tortura existencial a serviço de uma sensibilidade extraordinária, lembrando os grandes românticos e os grandes agônicos da Literatura Universal. Walflan tinha adquirido desde cedo o gosto pela leitura e pelo isolamento, por isso fomentava a sua própria solidão para dela extrair os poemas plenos de angústia e de metafísica. Solitário e amargurado, o poeta nascido em São Miguel, longínqua cidade do Alto Oeste Potiguar, viveu quase sempre sob os tormentos de uma imaginação fértil e febril, terminando os seus dias numa clínica para doentes mentais.

Em "O tempo da solidão", uma amostra de sua potencialidade lírica é o poema "Bateau ivre", no qual podemos sentir uma perfeita harmonia entre a forma e o conteúdo, a intensidade plástica e a fuga do real. Vejamos:

Tenho que ancorar numa ilha do arquipélago das Marquesas.

Pode ser Typee ou outra ilha qualquer, não me interessa.

Estou cansado de istmos e golfos amargos.

Em Typee terei tempo e oportunidade de esconder

As pérolas negras que trafiquei no porto de Timbuktu.

Talvez faça um poema para a filha do cacique.

E durma com ela ao som dos riachos e das fontes.

Passarei uns quatro meses distante do mundo selvagem

E me distrairei com as danças e rituais mágicos dos nativos.

Ela será para mim, como a Tehura de Paul Gauguin.

As impressões extraídas de uma paisagem tropical ainda intacta e exuberante encontrada, por exemplo, nas Ilhas Marquesas, estas maravilhas perdidas no Pacífico, apartadas mais ou menos das rotas de navegação e cujos habitantes, segundo relatos, foram antropófagos, têm efeitos profundos na visão do poeta. De outra parte, eis como a realidade muitas vezes se funde com o universo sensível do artista, ao seu olhar penetrante, atento para extrair das fascinantes paisagens metáforas necessárias para engendrar seus poemas. Assim, o domínio do primitivo se apresenta para o poeta de acordo com a sua indumentária exótica e mágica, sendo o oposto daquele no qual a dinâmica da tecnologia assume um valor maior para a civilização. Para o poeta, o que interessa são as

valiosas pérolas negras, por sua cor inusitada, o cinza-escuro, e a sua musa com feições indígenas comparada a Tehura de Paul Gauguin, uma nativa de origem polinésia com quem o pintor francês viveu durante um certo tempo numa rústica cabana no Tahiti. Em companhia de sua doce dama, o seu cansaço existencial será atenuado pela dança sensual e as cerimônias misteriosas e iniciáticas dos feiticeiros da ilha.

Um aspecto que também nos chama bastante atenção é a grande quantidade de informações da tradição literária presentes no livro. Desse modo, poetas como um Verlaine, Rimbaud, Hölderlin, Keats, Poe e Hart Crane são ressuscitados na sua poesia através de um diálogo harmonioso, sustentado pela dramaticidade do estilo bem como pela tensa melancolia e um sentimento platônico. A dialética da solidão em Walflan de Queiroz é preenchida com fragmentos da dor de viver, com pedaços de um tempo interior, desde sempre, veiculados a uma realidade criada por ele mesmo. De outra parte, Walflan consegue esboçar um caminho solitário e místico semelhante aquele traçado por Rilke, como é possível verificar nos poemas "Prece", "Maria" e "Angústia". Nesse sentido, o seu estado de espírito ressoa em verso íntimo: "Senhor! Quero esta estrela que me olha com olhos fitos e constantes".

O poeta de "O tempo da solidão", pela maturidade da sua obra, detentor de um discurso artístico refinado, expressando-se por meio de versos livres e brancos, consubstanciados numa densa pulsação emocional, elevou a lírica norte-rio-grandense a um registro poético que afina seu timbre com o que de melhor foi produzido no sistema literário brasileiro.

A poesia de Walflan de Queiroz discorre sobre a solidão com sensibilidade, ternura e, sobretudo, beleza. Aliás, vê o sentido da beleza permanente que há nas coisas, assim como Keats escreveu no passado: "A thing of beauty is a joy for ever". O seu compromisso com o belo e a harmonia são altamente grandes, à maneira de um Robert Frost ou de um Emily Dickinson. Ora, não nos restam dúvidas de que seus poemas detêm metáforas originais, verdadeiras imagens iluminadas, empreendidas em uma dicção espontânea e singular, criando um universo poético que se mescla à evocação de leituras feitas pelo poeta ao longo de sua vida. Enfim, a sua solidão está cheia de sentido místico, tomando forma numa poesia com forte conteúdo espiritualizado. ■



Oficinas constroem *identidade e cidadania*

Por Henrique José

Ao longo da última década, a Galeria ZooN de Fotografia (ONG - Organização Não Governamental fundada por vários fotógrafos do estado), vem se constituindo numa importante entidade cultural, promovendo projetos, exposições e oficinas, como forma de difundir a fotografia como expressão artística e linguagem visual, comprometida com a construção da cidadania, dos direitos humanos e da identidade local. As "Oficinas de Fotografia e Identidade" desenvolvem uma metodologia própria, fazendo uma abordagem multidisciplinar, fundamentada na pedagogia da educação popular de Paulo Freire.

Nas oficinas, os alunos são provocados a refletir sobre a sua experiência, suas vidas e a partir do contexto cultural e subjetivo da sua comunidade, da sua família,

despertar para uma compreensão da fotografia como uma linguagem técnica, capaz de expressar idéias e sentimentos, reconstruindo sua significação de mundo, promovendo sua identidade e auto-estima, onde através de vivências grupais, possam desenvolver relações de solidariedade e construção de alternativas para a superação da pobreza.

Esta mudança de atitude pode ser verificada ao final de cada oficina, quando os jovens revelam para a sua comunidade, imagens capazes de promover uma reflexão/ação sobre sua própria realidade, através de uma construção antropofágica de jovens falando sobre si mesmos, resgatando através da fotografia, expressões artísticas e culturais, belezas naturais e sociais, de suas famílias, sua cidade, alimentando um processo de ser protagonista.



Esta rica experiência de mobilização e reflexão comunitária envolve todo o município, gerando produtos concretos como: mapeamento fotográfico; exposição itinerante (que irá percorrer escolas, comunidades etc) e uma coleção de cartões postais, com uma imagem produzida por cada aluno, constituindo um instrumento de promoção da identidade local.

Resgatando o conceito de grafia como prática compartilhada, adotado por Paulo Freire, as "Oficinas de Fotografia e Identidade" buscam desenvolver uma prática compartilhada pela luz, construindo relações de grupo, estratégias de mobilização social, protagonismos e levantamento da realidade objetiva e subjetiva dos alunos e de sua região.

As oficinas são compostas de dinâmicas de grupo,

confeção de caixas mágicas (câmara escura), visores de papelão, projeções de slides, visualização de trabalhos de renomados fotógrafos e aulas teóricas e práticas com máquinas amadoras, onde os jovens são estimulados a fotografar determinada temática. Por exemplo: ao fotografar o colega e se deixar fotografar de forma lúdica, ao fotografarem sua família, casa e rua, identificamos e realizamos um levantamento (antropologia visual) da situação socioeconômica e psicológica deste jovem; através de fotografias pelo bairro levantamos problemas como o lixo, saneamento básico etc, estabelecendo uma identidade e interação destes com o seu ambiente. Todo o material fotografado é debatido e editado entre o grupo, possibilitando o conhecimento mútuo e devolução do material produzido para a comunidade, através de exposições fotográficas itinerantes. ■

Pablo Neruda

1904 - 2004



Por David Clemente

Poetas de todos os recantos do mundo comemoraram no dia 12 de julho o centenário de nascimento do poeta chileno Pablo Neruda. Em Natal, cidade que cultivava a poesia como poucas, o presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Diógenes da Cunha Lima, tomou a frente da celebração, com pelo menos quatro formas de trazer à memória a vida e obra do bardo chileno.

No dia 12 de julho, às 18 horas, na igreja do Bom Jesus na Ribeira, ocorreu a inauguração de uma placa homenageando Neruda e o poeta potiguar Ferreira Itajubá. Na rua Chile, também no bairro da Ribeira, foi oferecido como presente para a cidade do Natal um busto de Pablo Neruda feito em bronze.

A escolha do bairro para essas duas celebrações não foi por acaso. Diógenes explica que a intenção é corrigir um lapso cometido contra Itajubá. Ele nasceu na rua Chile e foi um dos grandes poetas de Natal. Depois de morto, seus ossos foram guardados na igreja do Bom Jesus, até que chegasse ao templo um sacerdote que resolveu juntar os restos mortais de todas as pessoas que estavam sepultados lá.

Nos dias 27 e 28 de julho, no Teatro Alberto Maranhão (TAM), o grupo paraibano Apocalipse encenou “Diálogos de Nuestra América”, peça baseada no “Livro das Respostas” publicado por Diógenes da Cunha Lima, em face ao “Livro de Las Preguntas”, escrito por Neruda e lançado em edição póstuma.

Ainda dentro das comemorações do centenário, foi realizada uma mesa redonda, na ANL, com participações do tradutor oficial de Neruda, Ivo Barroso; dos escritores Tarcísio Gurgel e Edson Neri; do poeta Diógenes da Cunha Lima e do jornalista Vicente Serejo, entre outros nerudianos, que debateram a participação do poeta na literatura mundial. “A comemoração não foi só em Natal”, esclarece Diógenes. “O mundo todo comemorou o centenário de Neruda. Há quase uma associação das pessoas que o consideram o poeta maior. É informal, mas há nerudianos em todos os países do mundo”.

“Diálogos de Nuestra América”

Até poderia ser um sonho, até poderia ser verdadeiro. Meio onírico, meio real. Assim é a peça “Diálogos de Nuestra América”, encenado pelo grupo paraibano Apocalipse como parte das comemorações do centenário do nascimento de Neruda. O espetáculo foi apresentado em Natal nos dias 27 e 28 de julho, no Teatro Alberto Maranhão (TAM), com a direção de Roberto Cartaxo e teatralização de Altimar Pimentel, autor do premiado “Como Nasce um Cabra da Peste”.

O texto foi extraído do “Livro de Respostas”, de Diógenes da Cunha Lima. O início da elaboração das respostas para las perguntas de Neruda surgiu quando o cronista Veríssimo de Melo, amigo pessoal de Diógenes, o pediu que respondesse a três, das 311 questões formuladas pelo chileno. Diógenes explica que na época se dizia que tais perguntas não deveriam ser respondidas, pois eram resultados das idéias oníricas de Neruda. Mesmo assim, o advogado vestiu-se de oniromante e começou a cumprir a encomenda. “Fui me encantando com as respostas e fiz oito vezes esse livro. Até que respondi às 311 perguntas e escrevi “O Livro das Respostas”, conta.

“Por que los inmensos aviones no se pasean con sus hijos?” (Por que os imensos aviões não levam seus filhos para passear?) foi a primeira pergunta a ter uma refutação. E assim Diógenes respondeu: “Para que os filhotes não desarrumem a posição das estrelas.” A mais difícil foi “De qué ríe la sandía cuando la están asesinando?” (De que ri

a melancia quando a estão assassinando?). “Com humor negro a boca vermelha da melancia constata: o seu sorriso foi feito a golpe de faca”, respondeu Diógenes.

Altimar Pimentel conta que, ao ler o “Livro das Respostas”, viu a possibilidade teatral do texto. E com todo prazer que a poesia proporciona, ele desenvolveu situações cênicas para o – até então, quase – diálogo. No palco, Altimar pôs ao lado dos personagens Neruda e Diógenes, dois vagabundos e uma bailarina. Enquanto os protagonistas conversam sobre Las Preguntas e Respostas, os vagabundos dizem coisas surrealistas e a bailarina forma o elo de ligação entre os personagens.

O diretor Roberto Cartaxo aceitou o desafio de colocar um poema no palco. E com aplausos de pé, o público retribuiu seu empenho. Foi mais de um ano de montagem e três meses de ensaio, três vezes por semana, até a estréia em maio, em João Pessoa-PB. Depois disso, o grupo já esteve nos palcos de Maceió-AL, em junho.

Criador extraordinário

O calendário de 1904 marcava 12 de julho quando nasceu, em Parral, no Chile, Nefalí Ricardo Reyes Basalto – Pablo Neruda, um dos principais poetas do seu país, mas que seria conhecido em todo o restante do mundo. Desde muito jovem encantou-se pela literatura e passou a projetar sobre o papel todo seu sentimento. As poesias da sua primeira fase transmitem angústia, porém com boas doses de romantismo, parte disso por influência do poeta norte-americano Walt Whitman. Na fase seguinte, adotou um estilo surrealista influenciado por André Breton e Paul Éluard.

Com apenas 20 anos publicou seu primeiro livro chamado “Crepusculário”, no qual já assinou Pablo Neruda. O pseudônimo surgiu para despistar o pai, que não se agradava da idéia de que seu filho fosse poeta. O sobrenome Neruda é uma homenagem ao poeta tcheco Jan Neruda. “Pablo Neruda consagrou-se, principalmente, pela sua extraordinária criação. Ele era sinônimo de poesia. Trabalhava a palavra como ninguém, de forma sarcástica, inovadora, criadora, da altura dos Andes”, descreve Diógenes da Cunha Lima.

Para definir a América com poucas palavras, Pablo Neruda a chamou de “El continente de la injusticia” (O continente da injustiça), mostrando a preocupação que

sentia com as injustiças sociais. Retratava sua indignação não só nos escritos como também nos atos. Achava que o comunismo seria a solução do mundo e aderiu à idéia. Teve uma carreira política na qual ganhou indicação à Presidência da República do Chile, em 1969. Entretanto preferiu renunciar em favor de Salvador Allende. Participou da campanha em que Allende elegeu-se e foi nomeado embaixador do Chile na França.

Casou-se pela primeira vez com a holandesa Maria Antonieta Hagenaar, depois com a pintora argentina Delia Del Carril Iraeta e por fim com a chilena Matilde. De 1934 a 1938 foi cônsul na Espanha. Em 1971, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura e o Prêmio Lenin da Paz. Dois anos mais tarde, era chegada a hora de partir. Morreu aos 69 anos, em 23 de setembro de 1973 em Santiago, no Chile.

Deixou para a humanidade sua fundamental contribuição para a literatura. Suas obras mais famosas são: “La canción de la fiesta”, “Crepusculario”, “Veinte poemas de amor y una canción desesperada”, “Tentativa del hombre infinito”, “Residencia en la tierra” e “Oda a Stalingrado”, “Canto General”, “Odas elementales”, “La uvas y el viento”, “Nuevas odas elementales”, “Libro tercero de las odas”, “Geografía Infructuosa” e “Memorias (Confieso que he vivido — Memorias)”. ■

Teu Riso

Pablo Neruda

*Tira-me o pão, se quiseres,
tira-me o ar, mas não
me tires o teu riso.*

*Não me tires a rosa,
a lança que desfolhas,
a água que de súbito
brota da tua alegria,
a repentina onda
de prata que em ti nasce.*

*A minha luta é dura e regresso
com os olhos cansados
às vezes por ver
que a terra não muda,
mas ao entrar teu riso
sobe ao céu a procurar-me
e abre-me todas
as portas da vida.*

*Meu amor, nos momentos
mais escuros solta
o teu riso e se de súbito
vires que o meu sangue mancha
as pedras da rua,
ri, porque o teu riso
será para as minhas mãos
como uma espada fresca.*

*À beira do mar, no outono,
teu riso deve erguer
sua cascata de espuma,
e na primavera, amor,
quero teu riso como
a flor que esperava,
a flor azul, a rosa
da minha pátria sonora.*

*Ri-te da noite,
do dia, da lua,
ri-te das ruas
tortas da ilha,
ri-te deste grosseiro
rapaz que te ama,
mas quando abro
os olhos e os fecho,
quando meus passos vão,
quando voltam meus passos,
nega-me o pão, o ar,
a luz, a primavera,
mas nunca o teu riso,
porque então morreria.*

ESCRITURA POTIGUAR

Mário Gerson Fernandes de Oliveira nasceu em Mossoró – RN, em 1981. Começou a produzir seus primeiros escritos em 1995. Desde muito jovem travou contato com a literatura, as artes plásticas e, em especial, a poesia. Em parceria com a Fundação Vingt-Un Rosado – Coleção Mossoroense, lançou em 1999, seu primeiro trabalho em poesia: “Traços Poéticos”, pelo projeto “Poema na Escola”, ligado a POEMA – Poetas e Prosadores de Mossoró, do qual é membro. É também cronista. Nesse gênero escreve desde 1999, semanalmente, aos sábados, no jornal O Mossoroense. É editor - fundador do jornal cultural e literário – mensal - “Clandestino”, em parceria com o projeto Pedagogia da Gestão. Em 2002, lançou “O Catador de Espumas”. Em 2001, foi terceiro lugar no Concurso Vingt-un Rosado de Poesia, promovido pela Prefeitura Municipal de Mossoró. Os poemas aqui editados são de seu livro inédito “O Eu Negro”.

Encruzilhada

A Mário de Andrade

Meu destino
Também era trágico,
E o desafio de ser
Fera entre os homens
Me perseguia,
Até que um dia
Eu topei comigo.

Morada

Casulo
De mim,
Me enterro
Em ti.

Branca

Tua voz,
Após o sorriso,
É branco
Vulto
De Ser.

Imagem

O espelho
É meu
Inimigo
Onde me
Contemplo
Todos os dias.

Acasalamento

A noite,
Em negros
Lençóis,
Espera
A vida
Em desordem...

Poemeto de Plenitude

Louco
Coração
Amante;
Ameno...
Na explosão
De tuas
Auroras
Sinto-me
Pleno.

Certeiro

Teu beijo
Espoleta
Vida;
Fatsca
E chama;
Caminho
Entre
Águas.

A Gênese

Eu fui.
Ao longe
Cantaram-se
Espantos
E encheram
Minha alma
De angústia
E solidão.

Escalada

Escalo
Teu corpo,
E na
Floração
Da aurora,
Retorno
Ao mundo
Tal qual vim.

Planta (Dor)

Em minha
Voz de tirano,
Um grito acusa
Que amanhã
Os Pássaros
Plantarão
Minhas sementes.

Sombra

A Ricarte Balbino

Já sombra
E fibra
Foste
Manhã
Distante
Febre
Em cordas
Vocais.

Esquina

Teu peito,
Luz
Em cada
Esquina,
Sangra
Ao ver
De meus
Olhos.

Suor

No suor
Do teu corpo,
Me refaço,
E em pedaços,
No teu
Dorso,
Me revolvo
Sobre a epiderme
Manchada
De saudade.

Poemeto Suicida

Meu coração,
Como uma bala,
Perfurou
A minha vida.
Eu não sei
Mais o que faço
Entre a Carne
E a Ferida.
Mas a bala
Continua
Enfiada no meu corpo.
Bala atirada dos olhos
Dos homens e seus desafios...
A Bala que se fixou
Na vida
De minha alma perdida!

A Mara Ersterne

I
Atendendo
Ao teu
Chamado,
Resgato
A fuga
E o brilho
De tua
Face
Perdida
Na memória
Do que foi.

II

Eu sei,
Mas
Não devia
Que a
Vida é
Inimiga
Da outra
Que se
Insinua.

Necessidade

Eu não preciso de utopias;
De sangue de inocentes
Sobre meus muros e começos,
Nem inconcebíveis ações.

Eu não preciso da fúria dos dias,
Os seus enjôos, como ovelhas...
Os seus embargos,
Como barcos ao luar!

Eu não preciso do preciso,
Nem necessito do que me necessita;
Do que tem duas antenas e uma forma
Concreta de agir;
Do homem além da imagem,
Da metáfora de teus olhos.

Interior

O Poeta
Que morre em mim,
Traz a marca do silêncio
Que encontro em ti.
Ele caminha, disfarçadamente,
Entre os sentidos
Mais absurdos
Do seu coração.
Mas na luta diária de meu lado
Esquerdo,

Amigo, ele se perde
Entre seu olhar no meu olhar.
Olhar-te, porém, do alto de meu
Disfarce,
Me constrange e me abala
Ou me perfura a carne,
Meu sangue
Banhando
De morte
As calçadas
Alheias;
Os olhares alheios;
Os homens alheios;
As mulheres alheias;
As moças alheias...

O Poeta que mora em mim,
Também se ofende e se agrada.
É ser, como as aves entre os seres.

E eu, que me mapeio
O coração,
Ando perdido,
Canto a canto,
Em teus lençóis;
Em teus espantos!
Esse meu "Eu Poeta"
Que sangra, distante,
Outros meus amigos;
Esse meu "Eu Poeta"
Feito de dor e carne e vestígios;
Esse meu "Eu Poeta"
Que vê além
De meus ouvires,
Me cobre de desafios e
Pensares...
O pensar ser além
Do homem-Carne;
O pensar ser além
Do homem-Método;
O pensar ser além
Do homem-Máquina,
Me funde em pensamentos;
Me algema em faces
Estranhas
E vivas,
Feito água
No céu
De minha boca.
Mas as palavras
Me atiram fora
O corpo nu;
O corpo do Homem-Natural
Que me obriga,
Do desperdício
Que me custou
Rasgar esse meu tédio
Sobre a cidade,
À implosão de outros
Versos;
De outros estranhos versos
Escritos na sombra daquela
Imagem.



A IMPRESSÃO QUE FICA.

Necessidade

*Eu não preciso de utopias;
De sangue de inocentes
Sobre meus muros e começos,
Nem inconcebíveis ações.*

*Eu não preciso da fúria dos dias,
Os seus enjôos, como ovelhas...
Os seus embargos,
Como barcos ao luar!*

*Eu não preciso do preciso,
Nem necessito do que me necessita;
Do que tem duas antenas e uma forma
Concreta de agir;
Do homem além da imagem,
Da metáfora de teus olhos.*

Interior

*O Poeta
Que morre em mim,
Traz a marca do silêncio
Que encontro em ti.
Ele caminha, disfarçadamente,
Entre os sentidos
Mais absurdos
Do seu coração.
Mas na luta diária de meu lado
Esquerdo,*

*Amigo, ele se perde
Entre seu olhar no meu olhar.
Olhar-te, porém, do alto de meu
Disfarce,*

*Me constrange e me abala
Ou me perfura a carne,
Meu sangue
Banhando
De morte
As calçadas
Alheias;
Os olhares alheios;
Os homens alheios;
As mulheres alheias;
As moças alheias...*

*O Poeta que mora em mim,
Também se ofende e se agrada.
É ser, como as aves entre os seres.*

*E eu, que me mapeio
O coração,
Ando perdido,
Canto a canto,
Em teus lençóis;
Em teus espantos!
Esse meu "Eu Poeta"
Que sangra, distante,
Outros meus amigos;
Esse meu "Eu Poeta"
Feito de dor e carne e vestígios;
Esse meu "Eu Poeta"
Que vê além
De meus ouvires,
Me cobre de desafios e
Pensares...
O pensar ser além
Do homem-Carne;
O pensar ser além
Do homem-Método;
O pensar ser além
Do homem-Máquina,
Me funde em pensamentos;
Me algema em faces
Estranhas
E vivas,
Feito água
No céu
De minha boca.
Mas as palavras
Me atiram fora
O corpo nu;
O corpo do Homem-Natural
Que me obriga,
Do desperdício
Que me custou
Rasgar esse meu tédio
Sobre a cidade,
À implosão de outros
Versos;
De outros estranhos versos
Escritos na sombra daquela
Imagem.*

SÃO MIGUEL

Celeiro de raras tradições culturais

Foto: Gustavo Perino
Foto: Ailton Leandro





O cantor chegou a São Paulo em 1971. Não tinha viola e nem fazia idéia do que fazer para enfrentar a cidade grande. Conseguiu emprego numa malharia e fez amizades com outros nordestinos. “Comecei a cantar em parceria com o paraibano Zé Francisco, ainda cantor e cordelista em São Paulo. Começamos nos bares do Brás”.

Zé Gomes não esquece a convivência com os violeiros pernambucanos Pedro Amorim e João Quindingues. Ouvir os desafios das duplas de cantadores mais experientes era uma rotina no seu início de carreira. Paciente, esperou aprender a técnica de vários gêneros até escolher a viola como ganha-pão. “Me adapto bem em sextilhas, motes, galope à beira-mar...”

A amizade com Zé Francisco terminou mudando a vida de Zé Gomes. A primeira viola, comprada em São Paulo, viria a se transformar no seu instrumento de trabalho para sempre. O sucesso da dupla nos bares paulistanos rendeu convites para apresentações em festivais de cantoria e de literatura de cordel. O primeiro deles, em junho de 1978, na Ceilândia (DF), serviu para Zé Gomes optar de vez pela carreira de violeiro.

O rádio entraria na vida do cantor logo a seguir. “Ficamos em segundo lugar nos festivais da Ceilândia e Camaçari, na Bahia, ambos em 78. Foi o incentivo que precisava para seguir a profissão de cantor repentista. A participação nos festivais rendeu um convite para trabalhar na rádio Panati, em Patos (PB). Era o que faltava para Zé Gomes desistir de morar em São Paulo. Depois de sete anos trabalhando na metrópole, o cantor decidiu voltar ao Nordeste e não se arrependeu.

Fazendo dupla com o pernambucano Valdir Teles, Zé Gomes comandou o “Nordeste, verso e viola”, programa diário na rádio Panati, de 1978 a 1983. Daí para frente não parou mais de tocar e utilizar o rádio para difundir a

cultura nordestina. Gravou o primeiro disco em 1981, “A voz do Nordeste”, com a participação do caicoense Cícero do Nascimento.

Zé Gomes também fez dupla com o pernambucano João Batista Bernardo, conhecido como João Furiba, nos anos de 1983 e 1984. “Fundamos um programa na rádio Novo Nordeste, em Arapiraca, o ‘Nordeste e Viola’. O retorno ao Rio Grande do Norte aconteceu em 1984. Ele aceitou um convite para comandar “O sertão e a poesia”, programa dedicado aos poetas repentistas na Rádio Cultura de Pau dos Ferros. Ao lado de Antônio de França, violeiro de Alexandria (RN) e um de seus mestres, Zé Gomes permaneceu na rádio de Pau dos Ferros até 1992, quando decidiu fixar residência em São Miguel. O violeiro apresenta desde então “A viola e o sertão”, diariamente, das 11h às 11h30, na rádio Difusora de São Miguel.

O programa conta com as participações de Miro Pereira, Louro Branco e Geraldo Elias, um trio tarimbado de violeiros do oeste potiguar. O programa abre espaço também para as cantorias de diversos violeiros. “Tem Antônio de França, Zé Cardoso, Sebastião Silva, Moacir Laurentino, Valdir Teles, Geraldo Amâncio, Ivanildo Vilanova, Antônio Lisboa, Edmilson Ferreira, Zé Monte, Raimundo Borges, João Amaro... todos da região”.

O som característico da viola não pode parar. Os versos de improviso dos cantadores, sejam fazendo desafios entre si ou contando histórias do sertão, representam a garra e o senso crítico do povo nordestino. Zé Gomes sabe disso e não foge do desafio.



Por Gustavo Porpino

Fotos: Alberto Leandro

Enhfrentar os 445 quilômetros entre São Miguel e Natal valem a pena. O município fica no alto da serra do Camará, a 700 metros acima do nível do mar, quase que escondido na chamada “tromba do elefante”, entre Pau dos Ferros, centro econômico da região, e Venha Ver, município desmembrado de São Miguel em 1992. Faz divisa com Uiraúna (PB), terra natal da deputada Luiza Erundina, e Pereiro, município cearense que divide com São Miguel as honras da tradicional dança de São Gonçalo.

Conhecer São Miguel em ano de chuvas é constatar a alegria dos agricultores que fazem da terra fértil o sustento do dia a dia. A colheita do feijão e, principalmente, do milho garantem a mesa farta de canjica, pamonha, mungunzá, milho verde assado e outras iguarias. O açude Bonito, imponente entre vales verdes, a Serra do Formoso e o Alto de Santa Tereza compõem o cenário da antiga vila iniciada por um aventureiro português de sobrenome Carvalho, até hoje uma das famílias mais populares da região.

As terras descobertas em 1750 pelo português Manoel José de Carvalho guardam a beleza das serras do alto oeste potiguar e tradições culturais difíceis de encontrar em municípios mais próximos da capital. A dança de São Gonçalo, presente no Rio Grande do Norte apenas em Portalegre e São Miguel, resiste ao tempo lá no alto da serra; violeiros duelam na festa da padroeira resgatando um hábito perdido nas antigas feiras; o Coral de São Miguel Archanjo entoa cânticos em latim; a comunidade de Vieiras transforma o barro em cerâmica; a banda de música continua fazendo suas alvoradas e há muitos jovens com talento de sobra para expressar a arte em diversas formas. Viaje por São Miguel nestas páginas e vá criando coragem. 445 quilômetros é logo ali.



Um violeiro nas ondas do rádio

O violeiro José Gomes de Souza, 54 anos, presidente da Associação dos Poetas Repentistas do Alto Oeste Riograndense, tem uma história de vida parecida com a de muitos outros nordestinos. Natural de Pilões, no oeste potiguar, Zé Gomes deixou sua terra aos 20 anos para tentar a sorte em São Paulo. Foi, arranhou emprego, mas não agüentou a saudade por muito tempo. A paixão pela viola surgiu nas cantorias nos bares do Brás, tradicional reduto de nordestinos na capital paulista.

A agitação cultural da SOAMMI

A Sociedade Artística e Musical Micaelense, SOAMMI, criada em 1998, envolve a banda de música Hesíquio Fernandes, a banda marcial Ilanio Pinheiro, cursos de violão e teclado, artesanato com idosos, oficina de flauta para crianças e realiza o São João na Serra. Comandada por jovens, a SOAMMI oferece aos estudantes lazer e educação e ajuda a preservar a cultura junina micaelense.

O cantor e seresteiro Clóvis Barbosa, 22 anos, presidente da sociedade, conta com a ajuda do secretário de educação Tarcísio Rego para desenvolver as atividades das diretorias de cultura, teatro e música. A nova diretoria pretende criar um quadro de associados para custear as despesas com a manutenção da sede, que funciona num prédio doado pela prefeitura na rua Treze de Maio.

O projeto São João na Serra, idealizado pelo pedagogo José Helton de Carvalho, 22 anos, vice-presidente da SOAMMI, é a atividade de maior apelo popular. Durante o tradicional Arraiá do Tio Kalika, a sociedade comanda a quadrilha matuta "Espalha Brasa", quadrilha estilizada "Chama Serrana", concurso de pau de sebo, concurso de literatura de cordel, desfile cultural com escolha da carroça mais original e o casamento matuto.

A atuação da SOAMMI não está restrita ao período junino. A data de emancipação política de São Miguel, 11 de dezembro, será comemorada com um encontro de bandas e violeiros. "Buscamos oferecer ao jovem micaelense uma oportunidade de saúde e lazer, distanciando crianças e jovens das drogas, além de divulgar a cultura junina".

"Pedro Rufino da Silva

Grande artista nordestino

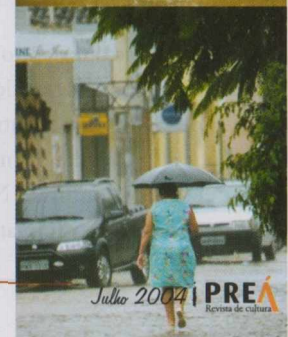
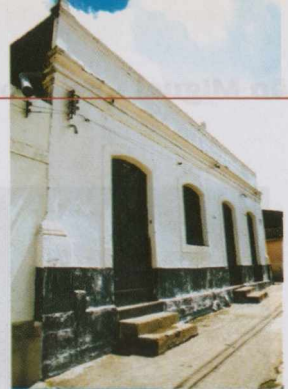
Começou tocando gaita

E foi crescendo o menino

Fez do talento uma vida

E da arte o seu destino"

Edmundo Saldanha





O professor Manuel Bezerra Gurgel, 80 anos, está longe de ter a vida sedentária de um aposentado no interior. A casa ampla e bem arejada na Rua Coronel Nunes, centro de São Miguel, é um convite ao descanso, mas Gurgel, sabiamente, prefere continuar trabalhando. Decidiu aos 69 anos, idade em que a maioria já está de pernas para o ar, fundar o Coral São Miguel Arcanjo, contribuindo para a educação de 32 jovens entre 15 e 20 anos e preservando a tradição dos cânticos em latim.

A voz grave e a ótima entonação não deixam dúvidas sobre a vitalidade do fundador e regente do Coral São Miguel Arcanjo. Natural de Portalegre, Gurgel chegou a São Miguel em 1950. Naquela época, já tinha a experiência de ter ensinado música no Seminário de Santa Terezinha, em Mossoró. “Quando Dom Jaime foi embora para Belém fiquei ensinando música no seminário. Passei a ser aluno e professor.”

Os sete anos de educação religiosa envolveram estudos de latim, francês, italiano e grego. O professor chegou a São Miguel como funcionário da agência municipal do IBGE, mas sem esquecer o envolvimento com a religião. Tão logo conheceu o padre José Aires, pároco da época, iniciou a formação de um coral de música sacra formado somente por moças. “Eram 12 moças e só cantavam música sacra.”

O antigo coral enriquecia as celebrações na igreja de São Miguel, mas não durou muito tempo. “O vigário foi transferido para Apodi, eu casei e o coral terminou desaparecendo. Somente em 93 fundei o outro”. Gurgel

iniciou uma nova vida ao lado da micaelense Maria do Socorro, sua esposa há 52 anos, mas sem abandonar a idéia de voltar a ser um dia regente de coral.

Foram necessários 40 anos até Gurgel fundar o Coral de São Miguel Arcanjo. O coral de música sacra e popular faz apresentações mensais desde outubro de 1993. A idéia de criar o grupo partiu do padre José Caldera, italiano de Trento e pároco de São Miguel durante 15 anos. O maestro José Sidney Rufino, filho do músico Pedro Rufino da Silva, também

ajudou na formação do coral.

O professor aliou música e fé para vencer a dor de perder o filho Theonagi Pinheiro Gurgel, falecido em 1993, com 34 anos. “Estava muito arrasado”, diz. O padre José Caldera, o Zezinho, motivou Gurgel a retomar a carreira musical. A iniciativa foi bem aceita pela comunidade e o coral já nasceu forte. Dez anos após sua formação, o Coral de São Miguel Arcanjo é uma referência no alto oeste potiguar para quem deseja formar um grupo de vozes.

O coral canta em latim, francês, italiano e até uma canção bem curtinha em alemão. Os ensaios semanais acontecem no salão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O grupo fez várias apresentações no santuário do Lima, em Patu, e já esteve algumas vezes em Mossoró e outros municípios do oeste potiguar. Para celebrar os 80 anos do regente, o coral tinha programado uma apresentação em Fortaleza.

O regente admite as dificuldades em manter os coralistas dedicados ao trabalho. “A rapaziada é muito displicente. É uma luta fazer o pessoal participar”. Acostumado ao ensino rigoroso e exemplar dos seminários de antigamente, Gurgel acompanhou a decadência do ensino público e acha até que a cultura de São Miguel poderia ser mais bem trabalhada. “O ensino do interior é fraco e a cultura é pouco desenvolvida”. O regente e professor, tão jovem de espírito, ainda tem muito a ensinar.



A banda de música Hesquíuo Fernandes, criada em março de 1992, fez renascer a tradição musical do município. Por iniciativa do tabelião Avelino Pinheiro, São Miguel tinha sua banda de música já no início da década de 30. O maestro Pedro Rufino da Silva, natural de Encanto e falecido com 83 anos em 2003, foi um grande incentivador da cultura musical em São Miguel.

Pedro Rufino participou da antiga banda de música de São Miguel nos anos de 1939 e 1940 e, já no final da carreira, entre 1992 e 1995, foi maestro da banda Hesquíuo Fernandes. Talentoso, Rufino sabia tocar violão, sanfona, violino, saxofone, sax, soprano e clarineta. “Ele começou a tocar gaita em 1937, depois comprou uma harmônica de oito baixos e passou a tocar forró em diversos municípios do Nordeste”, conta o filho José Sidney Rufino, seguidor da carreira do pai e autor do livro “Método de Música – o homem, a arte e a música” em homenagem ao pai.

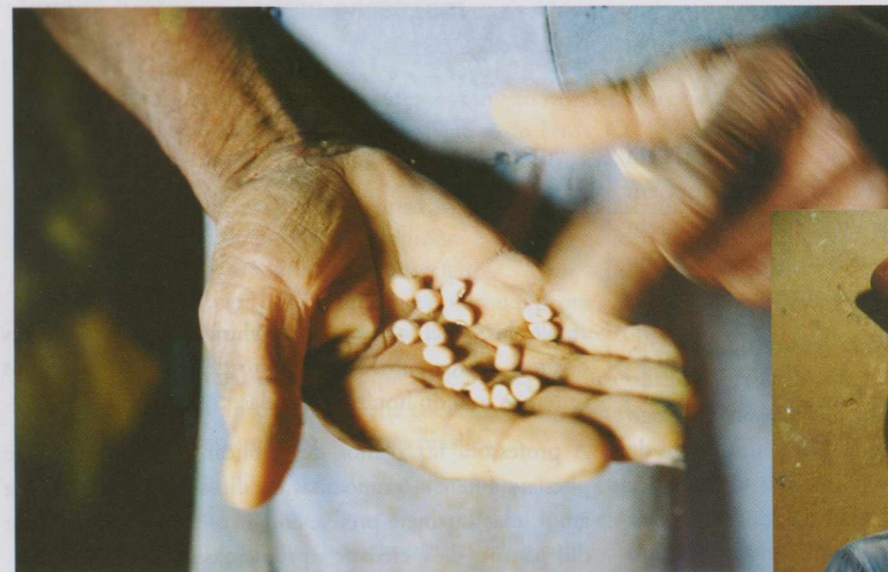
O antigo maestro teve oito filhos, sendo que quatro deles seguiram o dom da música. José Sidney foi diretor de banda de São Miguel entre 1992 e 1995 e comandou com o pai a banda de música de Pereiro (CE) entre 1994 e 1996. Raimundo Nonato é cantor e compositor. Sildomar e Antônio Itamar são músicos da banda de São

Miguel. José Estevão Neto, 34 anos, sobrinho de Pedro Rufino, também toca na banda.

O maestro da banda Hesquíuo Fernandes, Carlos Euzeli de Oliveira, 23 anos, é outro exemplo da tradição musical passada entre gerações. Carlos Euzeli é filho de Expedito Ferreira, 75 anos, ex-músico da banda municipal. Quando não está regendo a banda, o maestro trabalha como tecladista.

A banda conta com 33 músicos e poderiam ser até mais não fosse a falta de instrumentos. “Há uma demanda muito grande de músicos, mas não temos instrumentos. Os últimos, recebidos em 1992, serão reformados”, comenta o regente. A banda já ensaia a participação em mais uma festa do padroeiro São Miguel Arcanjo.

A festa religiosa, entre os dias 19 e 29 de setembro, conta com três apresentações da banda por dia. A alvorada, iniciada diariamente às 5h em frente à igreja, abre os dias de festa. Ao meio dia a banda faz um percurso pequeno pelas ruas e às 19h participa da novena, em cerimônia campal em frente a matriz. Preservando o passado, a banda Hesquíuo Fernandes segue percorrendo as ruas de São Miguel como fazia a antiga banda desde o final da década de 20 e início dos anos 30.



Maria de Leandro: “sempre bulindo”

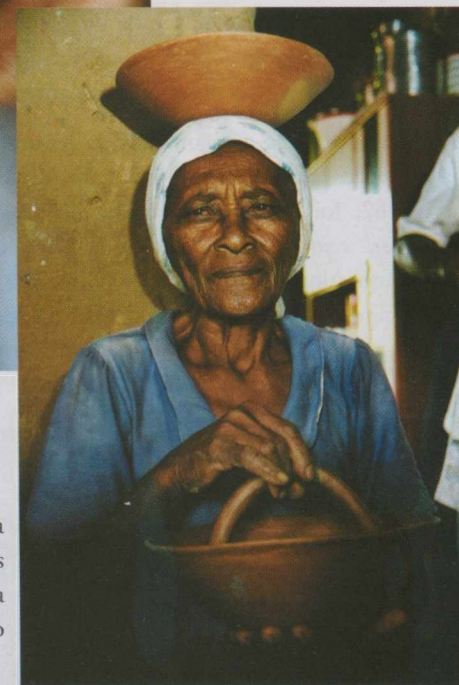
Chegar até a comunidade de Vieiras é um deleite aos olhos. A estrada que liga São Miguel à zona rural próxima ao açude Bonito passa por vales verdes entre as serras e milharais. Neste cenário, pouco parecido com a aridez do sertão potiguar, vivem pouco mais de 30 famílias dedicadas ao cultivo da terra e ao artesanato com barro.

A arte de moldar o barro dando forma a panelas, pratos e vasos vem sendo abandonada. A maioria das famílias passou a viver das plantações de feijão, milho e fava. Maria Santana da Silva, 82 anos, conhecida como Maria de Leandro ou Mãe Velha, continua firme no ofício herdado dos tempos do “véio Domingos Vieira dos Santos”, patriarca da comunidade e seu tataravô.

Mãe Velha começou a trabalhar “desde bem pequenininha”. A mãe adotiva, Maria São Miguel de Jesus, também era artesã e ensinou as filhas. “Desde os 7 ou 8 anos a gente catava pedrinha de barro. Esta catrevagem, desse jeito assim, faço desde 1982”, diz, apontando para as panelas e potes de barro que ocupam boa parte do espaço da sua casinha de quarto e sala.

A artesã continua recebendo muitas encomendas de panelas de barro e conjuntos de pratos. Irrequieta, a mais antiga moradora da comunidade diz não conseguir ficar sem fazer nada. “Um quer panela, outro cuscuzeira, outro prato e por aí vai. Tenho que tá mexendo com uma coisa e outra. É sempre bulindo”.

O trabalho com o barro envolve várias etapas até a confecção das peças. A matéria prima vem dos “barreiros com um palmo de fundo, dois ou três”. Os dois tipos de barro utilizados no artesanato são encontrados na própria comunidade de Vieiras e, também, no município de Encanto. “Tem o barro gomoso e o moreno”. O primeiro é deixado de molho e peneirado a seguir. A artesã cobre o moreno com o gomoso, coloca a mistura no torno e forma as vasilhas. “Dá um trabalho que só sabe quem vê. As outras não querem fazer, mas eu enquanto for viva tenho que me bulir”.



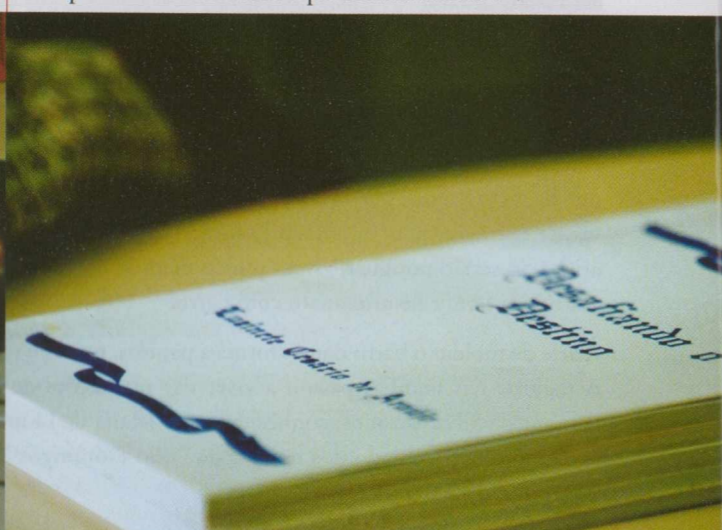
Os clássicos na sala de aula

Motivar os alunos é um desafio para todo professor. Luzinete Cesário de Araújo Freitas, 36 anos, formada em Letras pela UERN de Pau dos Ferros e especialista em Lingüística aplicada ao ensino da língua portuguesa, tem utilizado a encenação de clássicos da literatura e o desenho de personagens para envolver os estudantes na leitura.

A professora, uma apaixonada pela leitura de clássicos, já escreveu três livros. O primeiro título, publicado em 1982, foi "Descubra a felicidade de sorrir". Logo a seguir, veio "Caminhando sem asas", um livro de prosas questionando os problemas sociais. O romance "Desafiando o destino", lançado em 1998, consolidou o talento de Luzinete como escritora. Luzinete Cesário

resultados. José Sabino, um ex-aluno, já escreve poemas e vários outros cultivam o hábito de rabiscar versos nos cadernos fora do horário das aulas.

A professora faz planos de publicar mais um livro de poesia. Já tem 161 poemas inéditos. Alguns falam de amor, mas Luzinete prefere adotar o "estilo questionador dos padrões da sociedade e problemas sociais".



organizou também a coletânea de poemas "Primeiros Passos", livro publicado em 2002 com a participação dos seus alunos da escola estadual Gilney de Souza.

A encenação de "Fogo Morto", de José Lins do Rego e "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, estão entre os trabalhos mais recentes. "Gosto de trabalhar de forma que desperte o interesse das pessoas", salienta. Os estudantes fizeram também a análise do livro "A Moreninha" e desenharam cada personagem da obra de Joaquim Manoel de Macedo em folhas de cartolina com grafite.

Luzinete Cesário também ensina na escola municipal Alice Pessoa. A professora está ajudando a implementar uma sala de leitura e já organiza sarau de poesias com participação dos estudantes do ensino fundamental. Tamanha dedicação ao ensino da literatura tem dado

Alguns poemas de Luzinete podem ser lidos em telas de ponto de cruz bordadas pela própria professora. E não pára por aí. Em parceria com o marido Rainor Cleito Gurgel Freitas, faz desenhos com tinta vitral em espelhos e algumas pinturas. Pintando, bordando e escrevendo, Luzinete dá um exemplo a ser seguido por muitos jovens em São Miguel.



Jovens pintores pedem passagem

A pintura tem conquistado muitos adeptos em São Miguel. É o caso dos estudantes Mona Lisa Rodrigues Silva, Geanio Silva, José Giliano da Silva e Marcelo Matias de Lima. Os jovens fazem da pintura um passatempo, mas alguns já pensam fazer das artes plásticas um meio de vida.

Mona Lisa, 14 anos, estudante do primeiro ano na escola estadual Gilney de Souza, gosta de analisar quadros de pintores consagrados e estuda a história da arte. Começou a pintar influenciada pela tia Maria Jesus Rodrigues. "Minha professora de artes, Carminha, também me incentivou". A jovem artista pintou o primeiro quadro aos 10 anos e, quando lê, gosta de desenhar de acordo com cada época. "Admiro o Barroco".

A estudante já vendeu três telas e quer mesmo seguir carreira como artista plástica. "Já li sobre Portinari e vi documentários na televisão. É um grande pintor. Gosto do estilo dele. Pretendo fazer curso superior em artes plásticas".

Geanio da Silva, 20 anos, concluinte do 2º grau na escola Gilney de Souza, descobriu que tinha o dom da pintura por acaso. O estudante, que até então nunca havia pintado, fez um quadro em tinta guache para um trabalho sobre o Impressionismo e foi elogiado por todos. O incentivo dos colegas fez Geanio seguir em frente. "Mande comprar tinta em Fortaleza, estou esperando chegar. Tenho seis telas desenhadas, só falta pintar. Quero desenvolver minha habilidade."

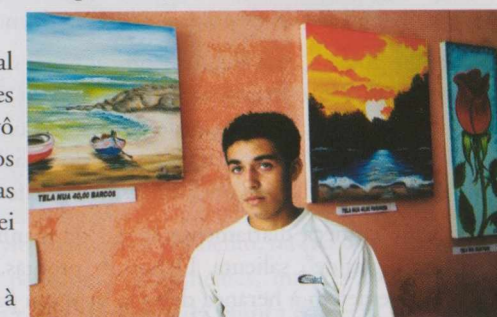
José Giliano da Silva, 17 anos, aluno da sexta série da escola estadual Padre Cosme, compensa o atraso nos estudos com a dedicação às artes plásticas. O estudante passou boa parte da infância ajudando o avô no roçado. Dividia o tempo entre a plantação de milho e os desenhos num caderninho com grafite. "Desde pequeno tinha vontade, mas não tinha condições financeiras de comprar material. Nunca estudei nada de pintura. Comecei me virando."

O jovem pintor prefere retratar paisagens e flores e já tem quatro telas à venda na Vidraçaria 3 irmãos, no centro da cidade. O desenho de São Miguel Arcaño, feito em giz de cera e exposto na biblioteca da escola estadual Gilney de Souza, é de sua autoria. Giliano sonha montar uma exposição própria e vai em busca do apoio do Banco do Brasil. "Quero expor 10 telas na sede do banco, aqui em São Miguel".

Marcelo Matias de Lima, 27 anos, estudante de Física da UERN, é um polivalente. Trabalha como locutor da FM Liberdade, dirige o departamento de artes da SOAMMI e mostra habilidade com o pincel na mão. As pinturas em tecido expostas na biblioteca pública do município, localizada no térreo da Secretaria de Educação, foram feitas por Marcelo para decorar o Arraiá do Tio Kalika no ano 2000. As telas são retratos de personalidades históricas de São Miguel. O sanfoneiro João Grosso, o ex-prefeito Hesíquio Fernandes, Etevaldo Augusto, Dona Chiquinha e alguns tipos populares renasceram pelas mãos do pintor.



Geanio Silva



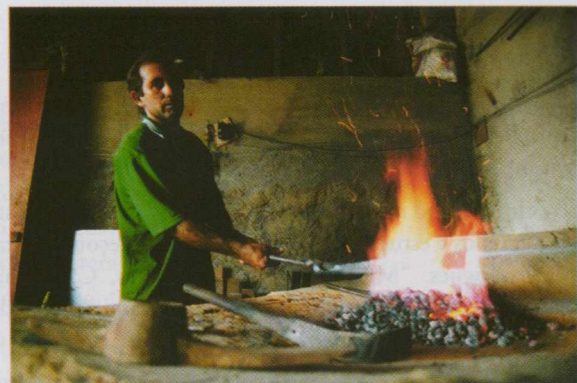
José Giliano



Marcelo Matias



Mona Lisa Silva



Zé Limão Novo segue passos do pai

Ferro e couro são utilizados há milênios pelo homem. Os ferreiros, figuras importantes na Europa da Idade Média, eram responsáveis em confeccionar as ferraduras para proteger os cascos dos cavalos. O tempo passou, mas o trabalho árduo de operar uma forja permanece inalterado em São Miguel. O ferreiro José Geraldo Filho, 40 anos, acompanhava o pai desde criança no ofício de moldar o ferro artesanalmente.

O trabalho começa com o ferro sendo aquecido no forno até ficar vermelho-brilhante. O forno a carvão é mantido quente com um fole operado manualmente. A seguir, José Geraldo martela as peças de ferro sobre uma bigorna. O ferreiro fabrica foices, roçadeiras e outras ferramentas para uso do trabalhador rural. Mais recentemente, tem diversificado a produção com churrasqueiras e fornos de assar bolos.

O trabalho começa diariamente às seis da manhã e não tem hora para terminar. “A quentura é grande”, salienta. Depois de prontas, as peças ganham as iniciais Z.L.N., letras que remetem à herança deixada pelo seu pai. “Meu pai era conhecido como Zé Limão, então eu virei o Zé Limão Novo”.

José Veloso Neto, 48 anos, também trabalha artesanalmente na fabricação de peças para o homem do campo. Decidiu abrir um curtume desde que pagou adiantado por três selas e não teve o pedido atendido por “Vicente Seleiro”, um antigo artesão de Icó no Ceará. “Fui lá e comecei o trabalho com ele”.

Desde então, José Veloso começou a fabricar selas, arreios, perneiras, cintos, chinelos, chaveiros e qualquer pedido de utensílio de couro que apareça. Os dois filhos, Francisco de Assis e Manuel, já ajudam o pai no curtume artesanal e contribuem para manter vivo o trabalho manual. Ferro e couro ainda rendem muito.

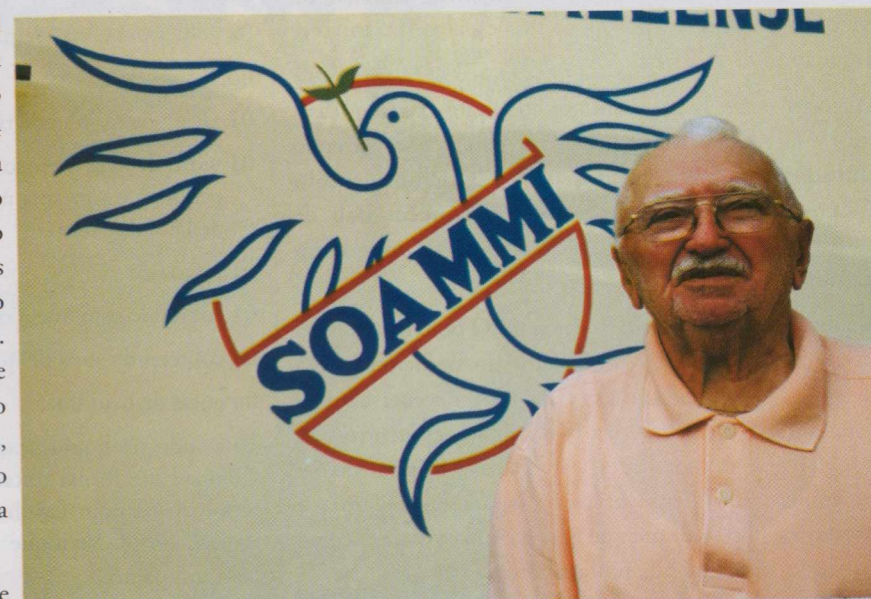


O marinheiro que passou por 75 países

“Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Pompeu Magno (Político romano, 106-48 a.c.)

Poucas pessoas chegam ao final da vida com tantas histórias para contar quanto o ex-marinheiro José Augusto de Lima, 84 anos, diretor de patrimônio da SOAMMI. Seu Zezinho, como é carinhosamente chamado pelos conterrâneos, nasceu aos pés da Serra de São José, no distante 31 de maio de 1920. Navegou por mares bravios e passou por 75 países. A visita ao Egito, em sua primeira viagem, em 1946, ainda no conturbado período do pós-guerra, nunca saiu da lembrança.



Navegar era um sonho de menino. Zezinho alistou-se na Marinha sem imaginar que um dia descobriria o mundo a bordo de cruzadores como o histórico Barroso C 11, ou ainda o Almirante Tamandaré C 12 e o cargueiro Soares Dutra. Quando embarcou em sua primeira missão na Marinha, em 1946, a Segunda Guerra já havia terminado, mas havia o temor de um novo conflito. “O comandante Carlos Eugênio Santos Drummond, um homem que falava vários idiomas, acalmava nossos nervos”.

As viagens iam desde treinamentos em alto mar e exercícios com tropas até missões diplomáticas. Em 1952, por exemplo, o Cruzador Barroso representou a Marinha do Brasil na cerimônia de coroação da Rainha Elizabeth II, na Inglaterra, e participou da Revista Naval de Spithead. Um ano depois, realizou a transladação dos restos mortais da Princesa Isabel e do Conde D’Eu, de Portugal para o Brasil.

Foram mais de 45 anos divididos entre a Marinha de Guerra e a Mercante. O ex-marinheiro esteve em 75 países e gosta de citar, um por um, os lugares mais marcantes que já visitou. Zezinho não lembra os detalhes, mas recorda ter atravessado o Canal de Suez, entre os

mares Mediterrâneo e Vermelho, na sua primeira viagem. “Passei pelos cinco continentes, mas ter ido ao Egito e passado pelo Canal de Suez, nunca esqueci”.

Os navios de guerra chegavam a passar 15 dias atracados em alguns países. Os tripulantes podiam passear pelas cidades das 17h às 23h. “A gente saía para dar uma volta e conhecer o modo de vida do povo lá fora, mas não tem povo mais educado do que o pobre brasileiro. Tem deles por aí que não dão nem boa noite e bom dia”.

A paixão pelo mar está presente em vários aspectos da vida do ex-marinheiro. Escolheu torcer pelo Vasco da Gama desde o início da carreira na Marinha. Eram os tempos do “Expresso da Vitória”, time base da seleção brasileira no final dos anos 40. Zezinho casou aos 18 anos e teve nove filhos. Já ganhou 14 netos e, até agora, não conseguiu convencer nenhum a entrar na Marinha.

As paixões da professora Socorro

A professora Socorro Fernandes, filha do ex-prefeito Hesíquio Fernandes, carrega o gosto pela política e persegue o sonho de valorizar a cultura do alto oeste potiguar. Natural de São Miguel, onde vive até hoje, Socorro dirigiu a 15ª DIREC, diretório regional de educação responsável por 58 escolas espalhadas em vinte municípios do alto oeste.

O gosto pelas artes é antigo. Quando está em casa, aproveita o clima ameno da serra para relaxar fazendo bordados e pintando toalhas, panos de prato e lençóis. “Pinto e bordo para uso próprio e também dou de presente. Não pode ter vida ociosa, se não estou trabalhando, estou fazendo alguma coisa”.

A culinária é outra paixão de Socorro. O bolo ligado (veja receita), uma adaptação micalense ao tradicional bolo da moça, é uma de suas especialidades. Receber bem os visitantes é um costume em São Miguel, e Socorro não foge à regra. A mesa farta com galinha caipira, creme de milho, arroz, feijão-macáçar, batata doce, farofa e rapadura é posta sempre que aparece uma visita. Socorro Fernandes, literalmente, pinta e borda.



BOLO LIGADO

- 04 ovos;
- 02 colheres de sopa de margarina;
- 03 xícaras de açúcar;
- 01 xícara de farinha de trigo;
- 01 vidro de leite de coco pequeno e a mesma medida de leite de gado;
- 01 pitada de sal;
- 01 colher de sobremesa de fermento;
- 04 colheres de sopa de queijo ralado;
- 04 gotas de baunilha.

Bata tudo no liquidificador até unir bem. Coloque em forma untada com manteiga e polvilhada com farinha de trigo, depois leve ao forno. Verifique se está no ponto com um palito.



Josefa vive a esperar padre Zezinho

Josefa Teixeira, a Zefinha, é o tipo popular mais conhecido de São Miguel. É uma figura folclórica respeitada por todos no município. Passa o dia vagando pelas ruas lamentando a ausência do Padre Zezinho, antigo pároco de São Miguel, hoje de volta a Trento, na Itália, sua terra natal. Católica fervorosa, Zefinha não perde nenhuma missa celebrada na matriz. Durante as celebrações, fica responsável em pedir as ofertas dos fiéis.

Zefinha anda sempre segurando um terço e carrega uma medalhinha de Nossa Senhora pendurada no pescoço com um cordão. Gosta de passear pelas ruas com vestidos coloridos e sempre de touca. Não faz idéia de quantos anos tem. “Já tenho um bocado de ano”, diz. A população

costuma pedir a bênção quando a ver pelas ruas. Sempre disposta, acorda cedinho e vai para “o meio do mundo” para ver os conterrâneos e ajudar os padres Sandoval e Evaldo, responsáveis pela paróquia de São Miguel Arcanjo. “Se você encontrar Padre Zezinho, diga a ele que volte para fazer meu casamento”. Pode deixar, Zefinha. Daremos o recado.

Uma dança rica em detalhes

O tempo costuma ser voraz com as danças folclóricas. Poucas resistem às transformações sociais e mudanças de gerações. A dança de São Gonçalo, presente nos arredores de São Miguel desde o início do século XX, a exemplo da dança do espontão, comandada pelos Negros do Rosário de Caicó há mais de dois séculos, consegue driblar o destino e segue presenteando o povo micalense com a riqueza desta manifestação folclórica.

O pesquisador e folclorista Deífilo Gurgel, autor do livro "Danças Folclóricas do Rio Grande do Norte", foi um dos primeiros a documentar a existência da dança em São Miguel. "Sabemos da existência de dois grupos de São Gonçalo, no Estado, o primeiro próximo a Portalegre, na serra do mesmo nome, no sítio Pegas; o segundo, próximo a São Miguel, igualmente no alto oeste potiguar".

José Benone Nogueira, 59 anos, mora no Sítio Crioulas, na divisa entre São Miguel e Pereiro (CE). O "cearense-potiguar" é tirador da dança de São Gonçalo desde o início da década de 60, quando diz ter aprendido a comandar a homenagem ao santo com Chico Vicente, um tocador de viola natural de Jaguaribe, no Ceará. "É uma tradição que vem do tempo dos meus avós".

A dança é uma forma de pagar promessas feitas a São Gonçalo, o santo violeiro. O pagador da promessa convida o tirador da dança para comandar as doze jornadas em homenagem ao santo. O grupo é formado por doze dançadeiras, um tocador de tambor e o tirador da dança acompanhado de uma viola. As cantigas são entoadas pelo violeiro e repetidas pelas dançadeiras.

O período da dança "começa de setembro e outubro pra frente". José Benone junta as dançadeiras e leva a homenagem a São Gonçalo a vários municípios do alto oeste e também ao Ceará. Maria do Céu Nogueira, 23 anos, filha de José Benone, já participa da dança. "Tiro dança no Baixio de Nazaré (município de Coronel João Pessoa), São Miguel, Vale do Jaguaribe, Encanto, Pau dos Ferros e por todo lugar nesta serra".

*"Bendita e louvado seja
com quem São Gonçalo se pega
é de ser valido,
o pouco que faça
fica bem servido*

*Tô com a dança formada
nas horas de Deus, amém.
Ainda não está bem formada
que ainda faltam os parabéns.
Em louvor a São Gonçalo
e a Jesus Cristo também".*

As doze dançadeiras, sempre vestidas de branco, formam duas filas e apresentam doze coreografias diferentes. Os bailados chamados de Trancelim, Trancelim de Cruz, Trancelim de Quatro, Dança da Cobrinha e outros são executados de frente a um altar com a imagem de São Gonçalo.

A tradição da dança é rica em detalhes. As dançadeiras são identificadas com fitas nas cores encarnada (mulher casada), amarela (donzela), verde (solteira) e azul (viúva). "Até meio-dia as fitas ficam amarradas na cintura, depois atravessadas no peito", explica o tirador da dança.

O tirador da dança, também vestido de branco, usa uma boina com as fitas das quatro cores. José Benone explica que não é necessário ter dançadeiras representando as quatro cores para executar a dança. As "tiradas das jornadas" levam um dia inteiro, sempre um sábado. A tradição manda erguer uma barraca feita de palha para proteger o altar com o santo.

"A pessoa se pega com São Gonçalo para fazer uma dança. Aí chama a gente. Na sexta faz o ensaio e só tira no sábado. Dança onze jornadas começando às 7 da manhã. Fica uma, que a gente tira por R\$ 150,00. É o ajuste da dança. Por fora tem as jornadas pedidas, este ganho é das dançadeiras".



A última das doze jornadas é feita em frente à casa do pagador da promessa. O pagador da promessa fica de joelhos de frente ao altar, antes da última jornada iniciar, e acompanha a imagem do santo até seu quarto. O ritual termina dentro do quarto do penitente com uma oração.

*"Te ajoelha 'nome do pagador(a) da promessa',
senta o joelho no chão,
vem pagar sua promessa
de todo o seu coração*

*Graças a Deus já chegemo
nessa casa de alegria
pra vim dançá São Gonçalo
junto com a virge Maria".*

A promessa de Pretinha dos Bolos

Maria Pereira de Souza, 66 anos, a Pretinha dos Bolos, é uma das dançadeiras mais antigas. Natural de São Miguel, começou a participar dos festejos ao santo violeiro desde os 12 anos. O apelido carrega desde o tempo que fazia bolos, roscas, sequilhos e pastéis para vender. Botava uma bacia de zinco na cabeça e vendia pelas ruas.

Há 11 anos também organiza a dança na Rua Manoel José de Carvalho, nome do fundador de São Miguel. Foi promessa. “Estava de resguardo, adoeci e fiz uma promessa a São Gonçalo. Se ficasse boa, ficava fazendo a festinha dele todo ano”, explica.

A dança em frente à casa de Pretinha é tirada por José Benonio e acompanhada por amigos, familiares e visitantes. A filha Agenilda Pereira do Carmo, 34 anos, ajuda a preparar a festa. “Tem bolo de milho, sequilho, pão, galinha caipira, porco, arroz, feijão, farofa, refrigerante... Só não tem bebida alcoólica. Todo mundo merenda. Ninguém paga nada”, diz a filha. A festa ocorre, geralmente, no primeiro sábado de setembro. “De julho para agosto começa o ensaio nas sextas à noite”, salienta Pretinha.

A dança de São Gonçalo não é a única dança folclórica de São Miguel. O Maneiro-Pau, uma dança de roda que já foi mais comum na região, está sendo resgatada através das crianças do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, PETI. Os participantes cantam sob o refrão que dá o nome ao folguedo – “maneiro-pau!” – e dançam batendo bastões de madeira no chão de acordo com o ritmo. Revivendo o Maneiro-Pau e prosseguindo a tradição da dança de São Gonçalo, o povo micalense segue em frente contribuindo para manter viva as danças folclóricas do Rio Grande do Norte. 📷



ONOFRE LOPES JÚNIOR

Um batalhador incansável



Por Tácito Costa, Gustavo Porpino e François Silvestre

Fotos: Anchieta Xavier

Médico e professor aposentado da UFRN, Onofre Lopes da Silva Júnior, 68 anos, tem duas paixões que não esconde de ninguém: a esposa, Sylvia Faye Raymond Lopes da Silva, com quem está casado há 36 anos (filha de pai americano e mãe brasileira); e a música clássica, notadamente a ópera. A entrevista publicada nas páginas seguintes, pode ser dividida em duas partes. Na primeira, Onofre Júnior, que é filho do fundador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Onofre Lopes da Silva, conta a saga dos Lopes da Silva; relata os bastidores da luta do pai para fundar a Universidade; e de como ele se negou, por duas vezes, a assumir o Governo do Estado, indicado pelo regime militar. Na segunda parte, Onofre Júnior fala dos 38 anos dedicados ao serviço público; dos tempos heróicos em que atuou como médico no Hospital das Clínicas (hoje Hospital Universitário Onofre Lopes); de sua experiência como o primeiro diretor do Hospital Walfredo Gurgel; da criação da Orquestra Sinfônica do RN; e de sua luta em prol da construção de um teatro de ópera em Natal. O projeto do teatro – do arquiteto Ronald de Góis – já está pronto, tem 2.640 lugares e poderá ser construído na Via Costeira, embora o lugar inicialmente cogitado tenha sido a antiga estação ferroviária, no bairro das Rocas. Para Onofre Júnior, com o teatro de ópera o Rio Grande do Norte dará um salto qualitativo e quantitativo nas artes. Mesmo aposentado, Onofre não pára. Atualmente, se dedica a escrever a biografia do pai e aos trabalhos voluntários no Rotary Club.

Preá – Quando ocorre a vinda dos Lopes da Silva para o Rio Grande do Norte?

Onofre Lopes Jr. – Mais ou menos no ano de 1840, um Lopes da Silva foi julgado e condenado em Cuité (PB). Naquela época eles estavam concentrados lá. Aí um outro Lopes da Silva, primo, foi ao juiz. – Seu juiz, o rapaz é meu primo, o senhor tem de ter consideração. O juiz, que não sabia com quem estava falando disse: – está condenado e vai comer cadeia. Então o Lopes da Silva falou: – ou perdoa o meu primo ou morre aqui, agora. Aí um policial colocou o fuzil nas costas dele. – Se você fizer alguma coisa com o juiz eu te mato. Outro Lopes da Silva foi por trás do policial e colocou uma garrucha na cabeça dele, dizendo em seguida: – Se você atirar nele, morre, Manoel, tá tudo livre aqui atrás. Então, ele atirou, matou o juiz e fugiu. Claro que depois disso os ares se tornaram horríveis para os Lopes da Silva. Assim, ele sai de lá e vai se esconder numa fazenda no interior de Currais Novos. Lá ele começou a trabalhar. O fazendeiro tinha uma filha muito bonita, ele se apaixonou por ela e se casou. Mas só que aquele local onde ele estava ficava muito próximo da Paraíba e havia o perigo da polícia da Paraíba, que não era brincadeira, chegar e prendê-lo. Então, ele saiu de lá e veio se esconder no Comum, que naquela época fazia parte do município de São José de Mipibu. O Comum era uma fazenda abandonada, onde tinha uma tribo de índios e alguns brancos. Esse pessoal cultivava essa fazenda comumente, daí o lugar se chamar Comum. Esse camarada teve três filhos: Manoel Lopes da Silva, Honório Lopes da Silva e José Lopes da Silva. Esse José Lopes da Silva se estabeleceu lá no Comum, mesmo depois da morte dos pais, e passou a ter uma ascendência naquela comunidade, que era muito pobre. Uma ascendência relativamente forte, a tal ponto que passou a ser o chefe local. Se fosse hoje em dia seria o chefe

político. José Lopes da Silva teve dez filhos. O nono foi meu pai {Onofre Lopes da Silva}. O primeiro foi Genésio Lopes da Silva. Genésio – que depois viria a ser coronel da PM – sai lá do Comum e vem sentar praça na polícia. Quando meu pai se torna rapazinho, ele o manda buscar no Comum para ir para a escola, em Natal. Ele já tinha sido alfabetizado lá no Comum, aos trancos e barrancos, e vem para Natal para a escola do Professor Batalha, onde faz o primário e se transforma em professor da escola, mas continuou a trabalhar como balconista de tio Joca, um dos tios dele, irmão de Genésio. A bodega ficava ali na Felipe Camarão. Então, papai foi balconista durante muito tempo até que terminado o curso secundário, ele resolve ir para Recife, onde tinha uma Faculdade de Medicina e ele queria prestar Vestibular. Aparece, então, um grande amigo, Godofredo Freire, que pega dinheiro, entrega a papai e diz: – Quando você se formar você me paga. Vá-se embora. Em Recife, ele prestou Vestibular de Medicina, passou e logo arranjou para ser professor numa classe de carvoeiros. Veio a agitação política, quarteladas, e um dia meu pai soube que a escolinha dos carvoeiros tinha sido fechada pela polícia porque era um antro de comunistas. Com receio de ser preso, ele foge do Recife, embora não fosse nem comunista nem nada.

Preá – Godofredo Freire era parente de Jessé Freire?

Onofre Lopes Jr. – Acho que era irmão, não tenho certeza. Jessé Freire era primo longe da gente. Então, meu pai vai ser representante de laboratório. Quando ele termina o terceiro ano, chega a conclusão de que a Faculdade de Medicina de Recife era muito fraca e manifesta interesse em ir para a Nacional, que era a principal Faculdade de Medicina do Brasil. Novamente Godofredo Freire paga para ele ir para o Rio de Janeiro. Ficou lá também como representante de laboratório, levando uma vida muito pobre; não havia bolsa, não havia nada. Foi quando apareceu um concurso da Marinha para internos. Ele estudou e passou em primeiro lugar. Quando ele já estava para se formar, o diretor da Faculdade de Medicina o chama e diz: - Onofre, eu recomendei seu nome para Londrina, uma cidade que está sendo construída e não tem médico. Ele argumentou que tinha mãe e pai velhos aqui e que o lugar dele era no Rio Grande do Norte e que tinha de vir para ajudá-los. Recusou e veio embora. Chegando aqui, montou um pequeno consultório, muito modesto para clinicar.

Preá – Quando é que ele tem a idéia de criação da Universidade?

Onofre Lopes Jr. – Para falar da Universidade, temos de falar da Faculdade de Medicina, que foi o embrião da Universidade. Meu pai era o lugar-tenente de Januário Cicco {médico}. Januário era mandão, tinha um temperamento fortíssimo. Papai também tinha um temperamento fortíssimo. Uma vez, num bate-papo, eu, Eriberto Bezerra e Leide Moraes abordamos esse aspecto. Como é que duas pessoas de temperamentos tão fortes nunca brigaram? Se davam às mil maravilhas. Na época, Januário disse a meu pai que havia a necessidade de se fundar a Faculdade de Medicina e argumentou: – Nós pegamos os nossos melhores jovens e mandamos fazer o curso médico lá fora. O sujeito vai para Recife, a maioria, para o Rio de Janeiro, São Paulo, quando termina, o mercado local sustenta esse pessoal por lá e os nossos melhores cérebros não vêm para cá. Então havia necessidade de formar gente aqui. A idéia de fazer a Faculdade de Medicina foi de Januário. Então, o que acontece: papai operando lá no hospital, clinicando e Januário bota pra morrer. Ele morava na Ribeira, ali na Duque de Caxias. Um dia papai recebe um chamado para ir para lá, que Januário tinha tido um infarto. Quando chegou lá, estavam Graco Magalhães e Álvaro Vieira. Januário com pressão zero. Álvaro, muito nervoso, tentando verificar a pressão dele. Aí ele disse: – Ou Álvaro acabe com isso, você não sabe que eu vou morrer, para que essa besteira? Onofre, venha pra cá. Segurou a mão de papai – isso corroborado por Graco – e disse: Onofre é o seguinte, você é a pessoa que eu estou escolhendo agora para tomar conta de tudo isso. Não deixe a minha obra se acabar. Não se esqueça de criar a Faculdade. Papai era muito moço e sentia dificuldade de impor a sua liderança àqueles médicos mais antigos, apesar de unguido para dirigir a Sociedade de Assistência Hospitalar.

Preá – O que era essa Sociedade de Assistência Hospitalar?

Onofre Lopes Jr. – Era uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, que recebia subvenção do governo, que fazia quermesse, rifa, feijoada, tudo isso, para manter o hospital funcionando. E Januário, àquela época, construiu a maternidade da seguinte forma: ele ia até à rua Doutor Barata, passava nas lojas e dizia: olha, amanhã o senhor manda deixar uma carrada de tijolo;

passava noutra e dizia, manda deixar uma tonelada de ferro, e assim ia, mais adiante conseguia uma carrada de areia. Tudo isso era doação, ele não pagava. Uma ordem dele, ai daquele que tentasse descumprir. Naquelas quermesses que ele fazia, as senhoras da sociedade eram reunidas para angariar dinheiro. Quando terminou a construção da maternidade, começou a Segunda Guerra Mundial. Já fazia alguns meses que havia terminado a construção, mas não se tinha dinheiro para comprar os equipamentos. Com a guerra, o Exército confiscou a maternidade, que passou a ser o Hospital Militar de Natal. Então, as tropas daqui utilizavam o hospital, os feridos que vinham da Europa também se tratavam lá. Ao término da Segunda Guerra o Exército chama Januário e entrega a maternidade. Só que totalmente equipada, com roupa de cama, talher, tudo, tudo. Isso foi uma maravilha para Januário: ele receber a maternidade nessas condições. Então, a Sociedade de Assistência Hospitalar cuidava dos dois hospitais, da maternidade e do hospital, que na época se chamava Hospital Miguel Couto, que havia sido Hospital Juvino Barreto.

Preá – O hospital começou a ser erguido por Juvino Barreto.

Onofre Lopes Jr. – Exatamente. Foi ele quem colocou uma casa de veraneio, que ficava lá onde depois foi instalado o hospital, para tratar dos pobres. Juvino era um sujeito muito rico e podia se dar a esse luxo. Aquilo foi crescendo, espicha pra cá, espicha para lá, sem qualquer planejamento, até que se transformou no que é hoje. Com base nisso aí, nesses dois hospitais, inventa-se de fazer uma jornada médica em Natal, lá na Rampa.

Preá – Isso na década de 50?

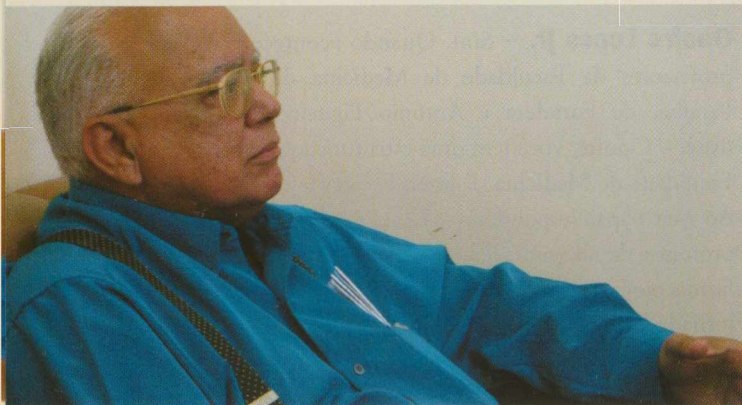
Onofre Lopes Jr. – Sim. Quando acontece isso, vêm professores da Faculdade de Medicina de Recife, da Paraíba, de Fortaleza e Antônio Figueira, do Recife, disse: – Onofre, você tem uma estrutura aqui para fazer a Faculdade de Medicina. É fazer. E a gente vai lhe ajudar. Ao que papai respondeu: – É, mas eu vou precisar de professor de anatomia, que não tenho, de histologia, de farmacologia, e isso são os primeiros anos. Mas, é nessa jornada que ele toma a decisão, sem ter nada na mão, para fazer a Faculdade de Medicina. É quando assume o Governo do Estado Dinarte Mariz. Ele vai atrás de



Dinarte a quem comunica que quer fazer a Faculdade de Medicina de Natal. Pergunta se ele aumentaria as subvenções para a Sociedade de Assistência Hospitalar, para fazer funcionar a Faculdade. E Dinarte não negou fogo. Já tínhamos a Faculdade de Odontologia e Farmácia, as duas juntas, funcionavam ali na Junqueira Aires, onde fica o Atheneu; havia também a Faculdade de Direito e a Faculdade de Medicina. Então papai reúne alguns amigos e resolve fazer a universidade. A legislação exigia que existissem três faculdades para se criar a universidade. Quando papai vai falar com as pessoas lá da Arquidiocese, que administravam a Faculdade de Filosofia, elas não aceitavam dar a Faculdade para fazer a universidade. Aí conversa vai, conversa vem, até que se fez um comodato.

Preá – Câmara Cascudo teve alguma participação nesse processo?

Onofre Lopes Jr. – Sim. Foi um entusiasta. Cascudo foi o homem que fez um grande discurso, “Universitas”, na inauguração da universidade. Eu assisti. Uma grande peça de oratória. E vou colocar esse discurso na biografia de papai que estou escrevendo. Então, papai vai a Dinarte e diz que assumiu o compromisso de criar a universidade e pede ajuda. Dinarte responde: – Olha, Onofre, você sabe não é, você faz suas loucuras e eu vou ter de ir atrás; de universidade eu não entendo nada, você vá tocando. Ao que papai respondeu: Tocando não, eu preciso de dinheiro para isso. Aí ele manda chamar o seu secretário da Fazenda, Paulo Diógenes e diz. “Paulo, Onofre está com esse negócio de universidade, do que ele precisar, você primeiro libera o dinheiro e depois você vem me dizer”. Dinarte teve um papel preponderante, porque não é todo governador que dá uma ordem dessas.



Preá – Você participou da ligação que havia entre seu pai e Cascudo?

Onofre Lopes Jr. – Muito. Muito. Saiba você que não só sou imortal, mas também fui o homem mais poderoso do estado. Nunca houve ninguém mais poderoso do que eu. Primeiro ponto: por que eu sou imortal? Porque num dos livros de Cascudo eu sou citado. Alguém acha que Cascudo não é imortal? Segundo ponto: na época do Projeto Hope (navio hospital norte-americano que ficou alguns meses em Natal oferecendo serviços médicos), eu recebi uma procuração plena do Governo do Estado, eu era o governador do Estado também por conta dessa procuração, e a mesma coisa da Reitoria. Então, eu era ao mesmo tempo governador e retirar reitor. Engraçado que essas procurações não foram cassadas.

Preá – Em qual livro o senhor é citado?

Onofre Lopes Jr. – “Cama, cadeira e janela”. Eu sou imortal porque eu fui citado por ele. Eu era médico novo e uma vez Cascudo se interna lá no hospital. Nós tomávamos o café da manhã com ele. Cascudo era um brincalhão de marca maior.

Preá – Tem uma foto dele com seu pai, em que seu pai aparenta agredi-lo e ele joga um travesseiro nele.

Onofre Lopes Jr. – Era um mau costume que papai tinha, quando chegava junto dele, ia disfarçando até chegar perto das canelas para arrancar os cabelos da perna dele. Aí levava bofete {risos}.

Preá – O seu pai chegou a ser convidado para ser governador do Estado?

Onofre Lopes Jr. – Por duas vezes. Foi na época do regime militar. Papai havia saído da Reitoria - ele teve quase treze anos à frente da Reitoria. Ele foi o criador da universidade e foi ficando, sendo renomeado. Até que resolveu sair. Quando o governador Monsenhor Walfredo Gurgel estava para deixar o Governo do Estado, apareceu um general lá em casa para falar com papai, dizendo que lá no Planalto, havia sido decidido que ele seria o próximo governador. Isso foi uma surpresa muito grande para ele, que argumentou, dizendo não ter formação política para ser governador e o camarada ficou insistindo muito. Ele tocou o telefone para Brasília, atrás de Dinarte, pedindo

socorro. Aí Dinarte disse a ele que não poderia fugir disso. Foi quando papai percebeu que Dinarte era quem estava por trás de sua indicação. – Oh seu cabra safado, foi você quem me indicou. Dinarte deu uma risada muito grande e confirmou. – Pela sua administração na Universidade, não tem jeito, você vai governar o Estado. Papai faz uma carta renúncia, muito peremptória, que publicarei também no meu livro, dizendo que não havia possibilidade de jeito nenhum, que arranjassem outra pessoa, que tivesse formação política. Então, foi indicado Cortez Pereira. Cortez foi governador porque papai recusou.

Preá – E a segunda vez?

Onofre Lopes Jr. – A segunda vez foi quando Cortez estava para terminar o governo. Pedro Aleixo sai fazendo uma viagem itinerante, ele era o delegado plenipotenciário do Planalto para resolver essas questões, chegava nos estados, procurava o escolhido e dizia: - Você é que vai ser o governador e fim de papo. Papai ficou sabendo que esse camarada vinha, já com o nome dele e dessa vez ele não podia escapar. Quando Pedro Aleixo bate por aqui, papai disse que não tinha saúde para ser o governador, mas que também não queria criar dificuldades para a presidência da república e indicou o nome de Tarcísio Maia. Na época, Tarcísio tinha se afastado da política, depois da passagem dele pelo Ipase e parece-me que não estava querendo mais nada. Dessa vez papai pede ajuda a Dinarte, dizendo assim: - Dinarte, eu não tenho condições de fazer um negócio desses, não tenho formação política para lidar com a Assembléia Legislativa, não tenho essa formação, eu não sei fazer essas coisas. Ele é indicado e Pedro Aleixo chega e recebe um fora.

Preá – Como foi o encontro do seu pai com o presidente Juscelino Kubitschek?

Onofre Lopes Jr. – Isso foi uma coisa engraçada, memorável. Eu não disse que tinha havido problemas com a Faculdade de Filosofia? A Universidade formada, funcionando, mantida pelo Governo do Estado, depois que Dinarte deu a ordem a Paulo Diógenes para ir fazendo os desembolsos do dinheiro. Certa vez Paulo Diógenes chegou e disse a meu pai que não tinha mais dinheiro. Aí papai volta ao palácio para falar com Dinarte. – Dinarte, você deu aquela ordem, eu estou precisando fazer algumas

despesas. – Fale com Paulo Diógenes. – Já fui falar e ele me disse que não tinha dinheiro. Aí Dinarte pede à secretária para chamar Paulo Diógenes. – Oh Paulo, você vai liberar o dinheiro ou quer que o seu substituto faça isso? Eu não disse a você que primeiro desse o dinheiro e depois viesse me comunicar? Então, a Universidade estava funcionando. Mas, o Estado é pobre, e àquela época era mais pobre ainda. Para agüentar uma Universidade era difícil. E papai tinha medo que na mudança de governo não tivesse tanto apoio quanto teve com Dinarte. Então, havia necessidade de se federalizar a Universidade. Juscelino veio a um encontro de bispos aqui em Natal. O encontro ocorreu na Faculdade de Filosofia, na Escola de Serviço Social. Papai pede uma audiência com Juscelino, mas os padres não permitiram. Negaram. Então, ele com Otto Guerra, grande amigo dele - doutor Otto foi quem me nomeou para a Faculdade de Medicina. Papai, além de ter me deportado, quando retornei, fiquei sem emprego, porque ele se recusava a me nomear. Aí ele vai com doutor Otto e fica postado em frente à Escola de Serviço Social. E Juscelino andava muito na carreira, ele ia na frente, com aqueles passos largos e atrás dele vinham os áulicos do poder. Os dois se põem no caminho de Juscelino. Apresentam-se e num gesto largo papai diz: - Aqui estão o corpo docente e discente da Universidade, nosso Estado é pobre e queremos federalizá-la. Conversa, não tinha ninguém de corpo docente ou discente. Juscelino, na hora disse: - está certo, me procure lá no Planalto, marque audiência. Papai – naquela época não tinha verba para isso, era dinheiro do próprio bolso – vai a Brasília e marca a audiência com Juscelino para as cinco e meia. Felizmente, quando ele chegou na porta, voltou e perguntou: - Venha cá, a senhora está marcando cinco e meia da tarde, né? – Não, cinco e meia da manhã e o presidente é pontual. Antes das cinco e meia papai estava lá. Às cinco e meia ele foi recebido, só que ele já era o quinto a ser atendido. Às cinco e meia da manhã! Aí Juscelino o mandou procurar Jurandir Lodd. Ora, era tudo quanto papai não queria. Esse Jurandir era um sujeito atrabiliário. Papai vai até ele, fala, fala, fala, quando acaba de falar, Jurandir diz: - O senhor sabe que vai ter muitas dores de cabeça. – Sei, o senhor me dá umas aspirinas e eu tomo. O Jurandir diz: - Então, vamos fazer. Foi assim, não houve briga. Mas a Escola de Serviço Social, dos padres, não deixou papai e Otto Guerra falar com o presidente. E olhe que Otto parece que era congregado mariano.

Preá – Qual a sua participação na criação da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte?

Onofre Lopes Jr. – Na época, havia um coreano aqui como maestro. Esse rapaz, que não me lembro mais o nome dele, foi um pioneiro, e ele começou o embrião da Orquestra Sinfônica. Eu ia aos concertos, gostava muito, nós fazíamos um intercâmbio. Chega Osvaldo [D'Amore] para tocar na Orquestra. Com um desentendimento que o coreano teve com o Governo do Estado, foi embora e Osvaldo assume e expande a Orquestra. Acima de tudo, isso. Porque antes era uma “orquestrinha”. Osvaldo ampliou e levou a Orquestra Sinfônica ao povo. Certa vez ele me disse: – Vou levar a Orquestra Sinfônica à Festa do Boi. Eu respondi: – Você tá maluco, onde é que cavaiaço, peão, vaqueiro, gente do povo, vai se interessar por Orquestra Sinfônica? Não pode rapaz, você não vai fazer uma coisa dessas. Ele levou e voltou outras vezes com a Orquestra à Festa do Boi. Ele usou uma certa demagogia para isso, levando a “abertura”, de 1812, de Tchaikowski, que celebra os combates de Napoleão com as tropas russas. E durante a execução, que você tem a Marselhesa e o hino russo, peças de artilharia fazem parte do concerto. Então ele convoca o pessoal de artilharia do Exército, o comandante concordou em mandar para lá uma bateria e o povo ia lá para olhar os canhões, curioso de saber por que aqueles canhões estavam ali. Na hora do concerto, ele fez acionar os canhões, que começaram a atirar, o que teve um efeito muito bonito.

Preá – A Orquestra, no ano passado, fez uma excursão pelo interior do Estado. O senhor acompanhou algum concerto?

Onofre Lopes Jr. – Estive em Martins e lá fiquei espantado, porque fui convidado para assistir à inauguração de uma casa de espetáculo {Casa de Cultura Popular}, construída onde antes era um galpão velho, que servia de quarto de despejo para a cidade. Esse local foi totalmente modificado, virou um teatro, mas meu espanto foi por conta das adjacências, com pinacoteca, biblioteca, e a cidade toda interessada naquilo. Ficou um ponto de encontro extremamente importante, que faz intercâmbio com obras importantes em outros municípios, fazendo um circuito artístico e cultural, onde poderão ser feitas programações culturais.

Preá – Um dos sonhos do senhor é construir um teatro de ópera em Natal.

Onofre Lopes Jr. – A gente não tem no Estado uma casa de espetáculo onde se possa apresentar “Aída”, por exemplo, não tem condições, mas nós teremos o nosso teatro de ópera, não sei se agora, ou daqui a cinco, dez anos, vamos ter, por uma necessidade, porque se você faz um teatro de ópera, ele não vai servir só para ópera, vai servir para uma convenção partidária, para um congresso médico, o teatro serve para tudo. Ele vai oferecer cursos de formação, de extensão, exposições de artes. Acima de tudo o Rio Grande do Norte dará um salto qualitativo e quantitativo nas artes.

Preá – O projeto arquitetônico desse teatro de ópera já está pronto?

Onofre Lopes Jr. – Está pronto, é lindo, com 2.640 lugares, é um teatro simplesmente maravilhoso, em que ninguém estará dentro do teatro mais longe do que 45 metros do palco.

Preá – O senhor imaginou, inicialmente, e até sugeriu aquela área da Rede Ferroviária antiga, no bairro das Rocas, para instalar esse teatro. É verdade que a governadora está propondo transferir o local para Ponta Negra?

Onofre Lopes Jr. – É verdade. Eu acredito que a Estação seja o lugar ideal, é uma obra de arte antiga e que vale a pena aproveitar aquela obra arquitetônica para a complementação dos cursos do teatro, para as exposições de artes plásticas, cursos de balé. Nós hoje temos no Rio Grande do Norte, aqui em Natal, ali na rua Chile, uma escola de balé simplesmente maravilhosa. Eu estive lá e fiquei com lágrimas nos olhos, porque lá tem 400 alunos aprendendo balé clássico, sendo a esmagadora maioria de alunos carentes, filhos de famílias pobres. Isso é uma coisa maravilhosa. Agora, onde esses alunos vão se apresentar? Nós não temos uma sala de espetáculo para apresentação de um balé grande. Um dia desses, veio uma oferta para a gente albergar uma companhia de ópera, que iria fazer um ou dois espetáculos aqui em Natal, mas nós não tínhamos lugar para receber.

Preá – O que fez o senhor se motivar tanto para essa atividade cultural?

Onofre Lopes Jr. – A Sociedade dos Amigos da Orquestra, que foi uma sociedade fundada com a finalidade de ajudar a Orquestra Sinfônica. Acabados os concertos, nós nos reuníamos para jantar, principalmente na casa de Roberto Moura, para assistir ópera, com vídeo, videocassete, DVD, e começamos a evoluir para a criação do teatro de ópera. Nos primeiros contatos que fiz, com governadores, secretários, reitores e outras autoridades, fui bloqueado de todo jeito.

Preá – Agora, o senhor está achando que há possibilidade de sair?

Onofre Lopes Jr. – As coisas se arrumaram, porque quando Wilma de Faria foi eleita prefeita eu fui a ela. Marcamos um jantar de trabalho e tivemos tempo para expor o que seria um teatro de ópera. Ela ficou entusiasmada e disse: – Vamos fazer. Só que logo depois que começamos a trabalhar, inclusive fazendo levantamento de onde poderia ser e que fonte de financiamento teríamos e as doações para isso, ela se candidata a governadora. Imediatamente, engatei uma marcha a ré porque fiquei com medo de que se ela não fosse eleita governadora, o projeto estaria perdido, e quem viesse depois iria torpedear-lo, porque não tinha sido no governo dele que tinha nascido aquilo. Então, a nossa regra é essa; não haver continuidade daqueles bons projetos. Mas, de repente as coisas começaram a se arrumar. Na Escola de Música da UFRN toma posse Ronaldo Ferreira Lima, meu amigo, com quem eu já tinha conversado e era favorável ao projeto. Na Fundação José Augusto entra François, uma pessoa inicialmente incrédula, mas depois que expliquei se tornou nosso aliado. A governadora, quando toma posse, eu vou a ela, que diz: – agora é que eu tenho condições. O projeto é de Ronald de Góis e está pronto. Inicialmente, quando nós pensamos no projeto de um teatro de ópera, pensávamos até em modificar o Centro de Convenções. Vimos depois que era impraticável, tanto a parte arquitetônica quanto a de engenharia. Fomos ver as áreas adjacentes, dava certo, mas os “verdes”, os ambientalistas vetaram. Agora, que a governadora está tentando instalar, suponho que ela já conseguiu a concordância dos “verdes”.

Preá – Um teatro desse porte sai por quanto?

Onofre Lopes Jr. – Oito a dez milhões de reais, que a governadora me disse que iria colocar no orçamento

do Estado. Ocorre que a Petrobrás, através de sua distribuidora, quer participar. Tem o secretário-geral da Embaixada russa no Brasil, que veio a Natal - não por conta disso - e estão interessados em participar, inclusive fazendo recitais. A tal ponto eles ficaram entusiasmados que disseram: – Se vocês quiserem quaisquer artistas russos nós mandamos buscar e não só isso, nós poderemos selecionar pessoas aqui para mandar para a Rússia para fazer cursos em dança e em música.

Preá – Como surgiu esse seu amor à música?

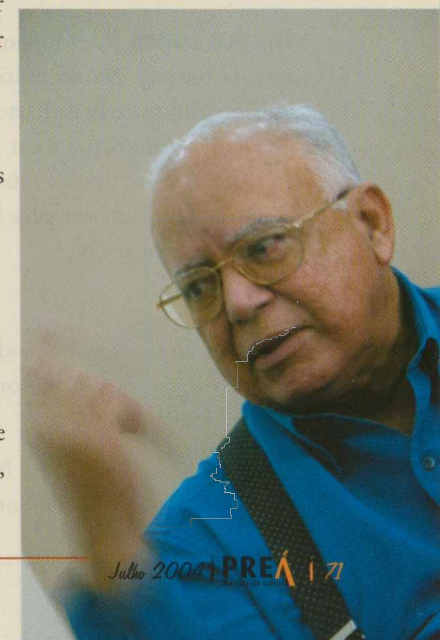
Onofre Lopes Jr. – Natal da minha meninice era uma cidade que nas casas das boas famílias tinha um piano. E eu fui estudante de piano até o quarto ano de medicina. Fiz até a quarta série do curso de piano do Conservatório de Música de Natal, isso na década de 40. Depois eu deixei. Quando eu fui para a Bahia, conheci um sujeito lá, chamado Aniz, um descendente de árabe. Nós nos conhecemos num ringue de luta livre e começamos a nos dar bem - apesar da pancadaria. Ele era casado com uma moça que era pianista e professora da Escola de Música da Bahia. Durante um jantar ele me convidou para ir a um concerto da Orquestra Sinfônica da Bahia, e todas as quartas-feiras, eu, ele e a mulher íamos à reitoria da Universidade assistir aos concertos. Então numa vez em que eu estava lá na casa de Aniz, eu caí na besteira de dizer que tinha sido estudante de piano. Quando foi no meu aniversário, ele promoveu um jantar, quando acabou, chamou Hilda, sua esposa, uma excelente pianista, dizendo: - Ela tem um presente para você. E ela veio com os métodos de Zerny, Anon e me deu de presente. - Agora você vai estudar música de novo, vai estudar comigo, disse.

Preá – Quais as suas óperas preferidas?

Onofre Lopes Jr.

– A que eu gosto mais é “O morcego”, de Strauss.

Preá – Quem pretenda se iniciar no mundo da ópera, por onde deve começar?



Onofre Lopes Jr. – Definitivamente, “O morcego”. É uma ópera bufa gostosa, a gente ri, é de fácil compreensão. Agora você tem “Lúcia de Lammemor”, “Carmen”, de Bizet, “La Traviata”, “As bodas de figaro”, fantástica. Aliás, tem uma versão de Plácido Domingos, que é uma coisa simplesmente sensacional.

Preá – E em literatura, o que o senhor destacaria?

Onofre Lopes Jr. – Gosto mais de livros sobre história e normalmente fico lendo dois, três livros de uma vez. Os livros que eu leio ficam todos marcados, anotados e as páginas selecionadas. Depois que acabo, volto a ler somente aquelas páginas que selecionei. Agora se o livro não está me agradando eu não vou até o fim. Teve um sujeito francês, mau caráter, chamado René Descartes, mas uma mente brilhante, que certa vez escreveu que se um homem ao nascer, no seu primeiro dia de vida, ele tivesse a inteligência e o poder de ler e entender aquilo que ele está lendo e se durante os próximos cem anos, ele só lesse uma vez as boas coisas que a humanidade produziu – nada de ler lixo – ele morreria sem ter lido a metade do que a humanidade tinha produzido de bom. Hoje em dia você tem condições? Tem umas pessoas aí que dizem: vamos fazer uma lista dos cem melhores livros que a humanidade produziu, isso é uma balela. Aquilo que pode ser uma coisa muito boa para você, pode ser muito ruim para outra pessoa e vice-versa.

Preá – Como é para o senhor, um apreciador da música clássica, ter um filho que toca heavy metal na banda Deadly Fate {Destino Mortal}?

Onofre Lopes Jr. – Eu gosto de música. Que pode ser erudita ou não. Sendo música eu gosto. Você tem uma música erudita de Bella Bartok, Stravinski, que pelo amor de Deus, se começar a tocar isso, eu vou embora. Onofre Neto gosta desse tipo de música. O pior de tudo é assistir concerto dele. Eu vou para lá, claro, com uns tapadores de ouvido, mas ouço.

Preá – Partiu do senhor a idéia do maestro da Orquestra Sinfônica, Osvaldo D’Amore, tocar violino no CD do Deadly Fate?

Onofre Lopes Jr. – Não. Não tive nada com esse crime {risos}. Ele foi convidado por Onofre Neto e aceitou.

Preá – Os ensaios da banda, na garagem da sua casa, incomodavam muito?

Onofre Lopes Jr. – Eu temia pelos alicerces da casa.

Preá – Como o senhor vê o uso da música no tratamento terapêutico?

Onofre Lopes Jr. – Definitivamente, os cursos de humanização dos hospitais deveriam usar a música, mas ela raramente é utilizada. Nos hospitais, deveriam ter auditórios, onde se pudesse levar apresentações não somente de música, mas de dança, mamulengo, de poetas, de conjuntos populares, de forró pé de serra, tudo isso é uma coisa muito boa.

Preá – Como o senhor analisa o trabalho das instituições que trabalham com a cultura no Estado?

Onofre Lopes Jr. – Nós temos dois pontos altos aqui. A Fundação José Augusto, que nos últimos tempos tem se destacado muito e a Escola de Música da Universidade, que no dizer de uma ex-diretora, Riva Fried, que mora no Rio, “aqui vai ser um grande celeiro para o Brasil”.

Preá – Você considera o folclore o carro-chefe da divulgação da cultura potiguar?

Onofre Lopes Jr. – Eu acho que cultura é cultura. Tudo isso faz parte do belíssimo edifício cultural que nós temos aqui. Claro que você tem nesse meio muito lixo, como em qualquer área de atividade. Mas o que nós temos produzido de bom no Estado, realmente vale a pena ver.

Preá – O senhor chegou alguma vez a ser assediado para alguma atividade política?

Onofre Lopes Jr. – Não. Eu nunca me filiei a partido nenhum. Olhe, vou lhe dizer uma coisa, não sei se para vergonha ou não: nunca fui a um comício na minha vida.

Preá – Como Sylvia {Faye Raymond Lopes da Silva – esposa} apareceu na sua vida?

Onofre Lopes Jr. – Aquilo ali foi uma coisa maravilhosa na minha vida. Ela foi minha aluna na Escola Doméstica. Na época, mamãe vivia rezando para eu me casar.

Preá – O senhor estava com que idade nessa época?

Onofre Lopes Jr. – 28, 29 anos, por aí. Mamãe dizia que não queria filho barrão dentro de casa {risos}. Tinha uma velha beata, que passava lá em casa, vez por outra, e ela encarregou essa velha de fazer uma rezas, essas coisas, para ver se eu me casava. Fui nomeado professor de Anatomia e Biologia da Escola Doméstica. Anatomia do lar, digamos assim, lá vou eu ensinar na Escola. Eu deixo de ser professor e quando foi um dia eu estava com Zilpe, amiga de família há anos, na rua João Pessoa, onde papai tinha um consultório e lá ia Sylvia e a mãe passando no meio da rua. Eu disse: - Olhe Zilpe, está vendo aquela menina ali, eu vou me casar com ela. – Mas ela é uma menina ainda, respondeu Zilpe. Ao que eu respondi: - Mas cresce! Depois de algum tempo nós começamos a namorar, tivemos um noivado longo, e por isso, começaram os mexericos, que eu era médico, ganhava bem, por isso tinha de casar logo; por que não casava logo, ficava enganando a menina?

Preá – Entre namoro e noivado durou quanto tempo?

Onofre Lopes Jr. – Três anos e meio. Estamos com 36 anos de casados, três filhos homens e sete netos.

Preá – O seu pai teve alguma influência na sua decisão de fazer medicina?

Onofre Lopes Jr. – Não. Ele me deixou absolutamente livre para fazer o que eu quisesse. Desde menino que eu queria ser médico, mas só tomei a decisão na Bahia, onde estava cursando o 2º grau. Ele não permitiu que eu viesse fazer vestibular aqui, porque se eu passasse, ele como Diretor da Faculdade de Medicina, você imagine o que não iriam dizer. Fiz o curso e quando terminei foi que vim para Natal.

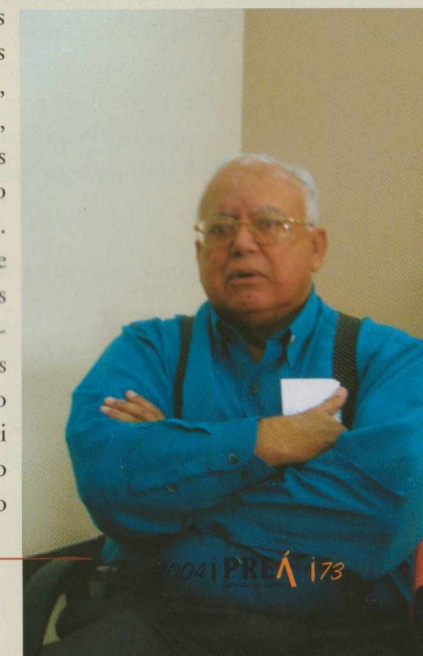
Preá – O senhor foi diretor do Hospital Walfredo Gurgel no Governo Cortez Pereira. Como foi essa experiência?

Onofre Lopes Jr. – Foi uma experiência danada. Fui escolhido por Genivaldo Barros, que era o secretário de Saúde. Genivaldo havia recebido o hospital do Governo Monsenhor Walfredo Gurgel e o hospital estava sem equipamentos, sem nada, só tinha as paredes. E ele disse: - Nós temos um desafio, que é o projeto do Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel e Cortez quer falar

com você. Fui lá e Cortez me disse que queria que eu fosse gerente do projeto. – Você me faz um projeto de funcionamento para aquele hospital, com cinco opções. Fui lá para dentro, vi o hospital todinho, instalei um pequeno escritório lá para começar a trabalhar e fiz cinco projetos. O primeiro era colocar o hospital em funcionamento de forma parcial e depois ir crescendo à medida que a demanda fosse aumentando. Ele escolheu esse primeiro projeto. E me nomeou diretor. Eu tive de fazer aquisição de material, selecionar o pessoal. Depois que estava todo mundo selecionado, eu admiti o primeiro paciente. Cascaviando um lixo que tinha lá atrás do hospital, encontrei um cepo de madeira, pesadão, aí eu disse: Está aqui o nosso primeiro paciente. Então, aquele cepo de madeira deu entrada no hospital, passou pelo arquivo, foi registrado como primeiro paciente, e eu supervisionando o funcionamento do hospital baseado naquilo ali. Esse cepo teve nome, foi para um leito; no leito ele foi preparado, recebeu medicação, para ver como o prontuário iria funcionar. Depois que esse prontuário foi ajustado, levamos esse cepo para a sala de cirurgia, o operamos, para saber se o centro cirúrgico funcionava, pós-operatório no CRO, depois demos alta, readmitimos de novo. E nesse meio termo eu pegava uma folha de papel, picava todinha e saía desde o térreo até o último andar espalhando pelos corredores e salas e depois voltava para saber se o hospital estava limpo {risos}.

Preá – A medicina de Natal hoje está cuidando bem do cepo?

Onofre Lopes Jr. – É uma medicina muito boa, nós temos excelentes hospitais e temos profissionais que se equiparam aos melhores do mundo. Equipamentos são lançados na América, na Europa ou no Japão, e, no dia seguinte, esses equipamentos estão nos hospitais daqui. A nossa cidade dispõe hoje de tomografias computadorizadas, ressonâncias magnéticas, coisas que muita cidade por aí não tem. Quando eu cheguei aqui, tendo terminado o curso na Bahia, o fio



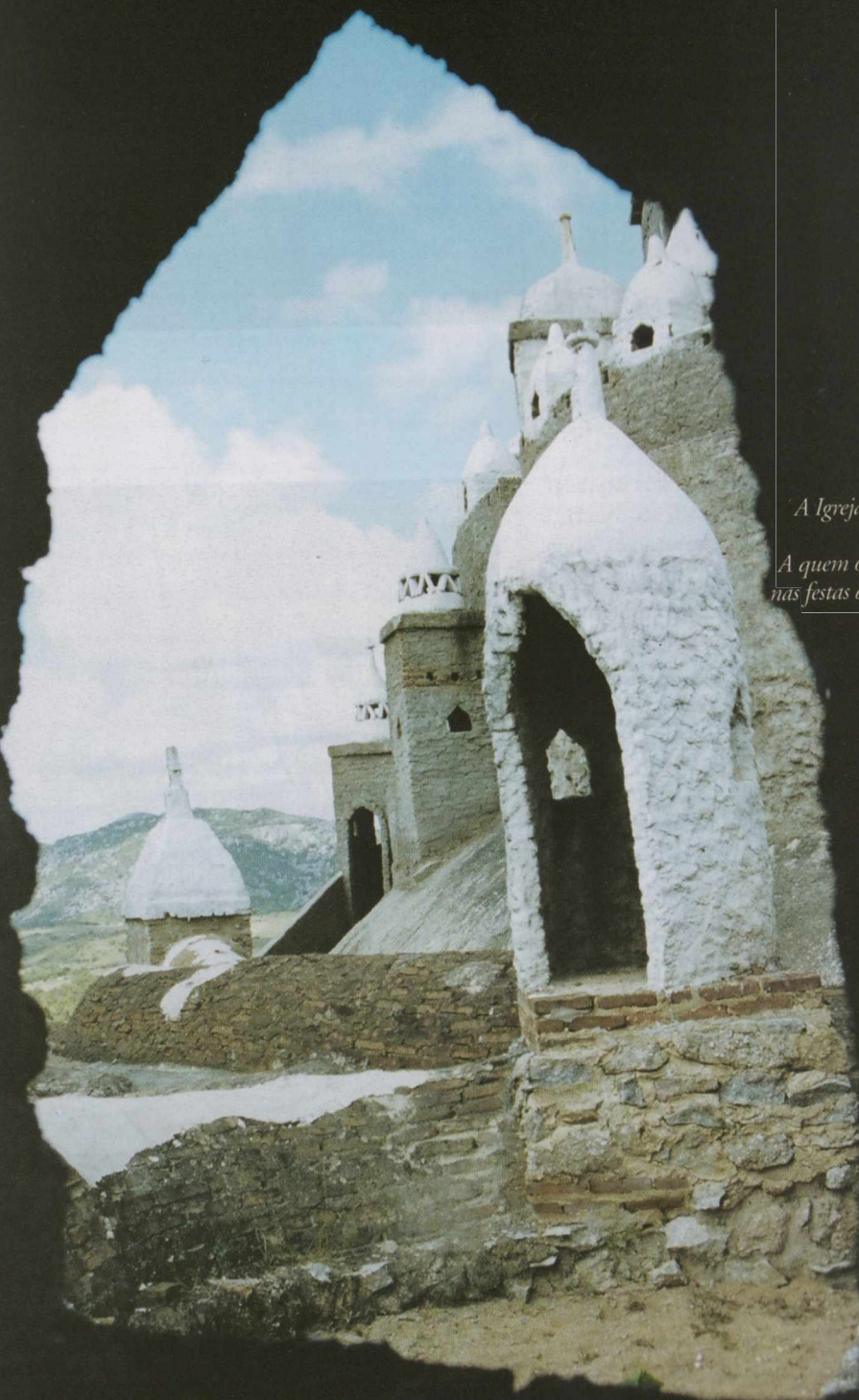
cirúrgico era o fio que a velha Luíza Matrona comprava no armário de Carlos Lamas. Ela comprava linha zero, linha vinte, linha quarenta e linha sessenta. Aquilo ali era o nosso fio cirúrgico.

Preá – Foram tempos heróicos aqueles.

Onofre Lopes Jr. – Sim. Certas histórias daquela época eu ainda posso contar porque existem testemunhas vivas; sem isso eu não me arriscaria a contar, porque é meio problemático. Natal há 40 anos era uma cidade favelada, 80% da população era analfabeta e morava em casa de palha, alguns poucos moravam em casa de taipa. A mortalidade infantil era uma coisa horrorosa, chegava a quase 250 crianças mortas por mil que nasciam, competindo com o campeão mundial, que era Zâmbia, com 256. Havia uma miserabilidade que não havia tamanho. No hospital, determinados pacientes, em algumas cirurgias, podiam ter direito, durante a cirurgia, a tomar soro, terminada a cirurgia, se vire. Então um colega nosso, que ainda está vivo, graças a Deus, ele pode testemunhar isso, Abrão Marques, ele em desespero de causa, uma vez usou num paciente em vez de soro, água de coco. Certa vez, numa anastomose arterial, como não se podia fazer com linha de costureira, e o hospital não tinha como fazer, o cirurgião levou uma circulante, Livramento, para o lavabo, lavou e depois cortou os cabelos dela, voltou para a sala de cirurgia e fez a sutura da artéria com os fios de cabelo e salvou o braço da mulher. Eudes Moura fez isso e deu certo. Fazíamos uma transfusão, quando acabava, lavávamos o equipo de soro e botava para secar no sol, depois esterilizava. Depois de “n” esterilizações, aquela borracha ficava puída e começava a vazar. Quando a quantidade de soro que caía no chão era maior do que a que entrava na veia do doente, aquele equipo não servia mais para isso, mas não ia para o lixo não, era cortado em pedacinhos para servir de garrote para se aplicar injeção na veia.

Preá – Como foi a sua participação no Projeto Hope?

Onofre Lopes Jr. – Foi a maior realização de minha vida. Fui o Coordenador Geral. Tive de mexer com 7 ministérios para fazer a coisa funcionar. Assisti de camarote ao choque de duas civilizações. Entre mortos e feridos salvaram-se todos. 📄



*A minha cidade
Sítio Novo é seu nome.
Tão meiga e tão bela
do meu coração.
Sua gente hospitaleira,
heróica e altaneira.
Bela tradição.*

*No mês de dezembro,
sua emancipação.
Sua independência
se fez com emoção.
Tornando mais forte,
o Rio Grande do Norte.
Seu mapa e brasão.*

*Tem Assembléia de Deus,
templo de oração.
A Igreja Católica de São Sebastião,
o seu padroeiro...
A quem os devotos confiam primeiro,
nas festas de rosas de janeiro a janeiro.*

*Trecho do Hino a Sítio Novo
Letra: José Francisco da Costa*

SÍTIO NOVO

A arte que brota entre as serras



Por Gustavo Porpino

Fotos: Alberto Leandro

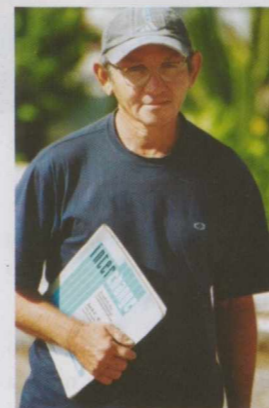
As Serras da Tapuia, São Pedro e Pitombeira, a pouco mais de 100 km de Natal, cercam o município de Sítio Novo, uma terra mais conhecida pelo Castelo de Zé do Monte do que pela vontade de seu povo de desenvolver a cultura popular. O inverno coloriu as serras com um verde intenso e fez brotar uma infinidade de flores.

Sítio Novo vive da agricultura e da caça. O município, desmembrado de São Tomé em 31 de dezembro de 1958, teve seu auge econômico durante o ciclo do algodão. O cultivo do algodão foi gradativamente desaparecendo e as famílias de agricultores passaram a buscar o sustento nas plantações de milho e feijão. Os umbuzeiros e as pinheiras, abundantes no alto da Serra da Tapuia, também servem de fonte de renda. A caça é outra atividade corriqueira na região. Munidos com suas espingardas de soca, os caçadores vão a busca de preás, arribaçãs e tacacas [gambás].

O açude Barra da Tapuia embeleza o cenário aos pés da serra e serve de inspiração para jovens pintores e poetas. As danças folclóricas, tão comuns até o final dos anos 70, ainda sobrevivem graças ao trabalho da Associação Filhos da Esperança e dos educadores do município. Sítio Novo também é a terra do rabequeiro Nezinho, primo de João Anjo, um dos personagens da quinta edição da Preá, e do sanfoneiro José Desidério Neto, um músico deficiente visual e muito habilidoso com as mãos. O Festival da Cultura, evento criado em 2002 para incentivar a produção cultural do município, acontece sempre no mês de agosto.



O professor que ama o cordel



Isso vai acontecer com gente que aprende a ler.

Lendo poema ou história, cria asas na memória e começa num segundo a voar por todo o mundo.

E quanto mais leitura boa, mais a gente lê e voa pelo mundo sem fronteiras; lendo, lendo a vida inteira, numa contínua aventura pelas asas da leitura.

José Poti

O professor José Ferreira da Silva, 54 anos, mais conhecido como José Poti ou Zezinho, conta em versos seu amor pela literatura. Humilde, tem o cuidado de dizer a todo momento que não é poeta. A paixão pelos livros vem desde a infância e, aos 36 anos, realizou o sonho de ensinar português e inglês.

José Poti cresceu lendo os folhetos de cordel do pai Cícero Ferreira do Nascimento e observando a mãe, Maria das Dores da Silva, tocar rabeça, gaita e fole de oito baixos. Naquele tempo, era difícil ter acesso a livros, jornais e revistas. O professor não esquece o dia em que viu pela primeira vez um exemplar da antiga revista "O Cruzeiro".

"Meu pai trabalhava na Fazenda Monte Alegre de Manoel Carneiro da Rocha, e lá vi a revista. A partir daí, fui lendo mais e mais", conta. As dificuldades financeiras impediram José Poti de dedicar mais tempo aos estudos. Aos 22 anos, decidiu ir em busca de emprego em São Paulo, seguindo o mesmo caminho de muitos outros conterrâneos. Inicialmente, trabalhava em feiras livres vendendo frutas, mas logo apareceu uma oportunidade de trabalho com carteira assinada.

"Passei nove anos trabalhando como operador de máquinas na fábrica de brinquedos Estrela. Quem é acostumado com a liberdade do campo estranha mais", salienta. A experiência foi boa, mas José Poti decidiu retornar a Sítio Novo e teve que enfrentar novamente o trabalho no campo. "A melhor terra do mundo ainda é a nossa. O nordestino que sai daqui e diz que não gosta de sua terra está mentindo. Ainda peguei um restinho dos anos do algodão, até o Bicudo acabar com tudo".

A paixão pela leitura já acompanhava o professor desde a infância. O fim do cultivo do algodão serviu para José Poti despertar seu gosto pela literatura. Autodidata, sempre gostou de estudar inglês através de livros didáticos. Já de volta a terra natal, conseguiu alguns livros publicados pela Universidade de Cambridge e começou a estudar diariamente.

O empenho surtiu efeito e José Poti foi convidado a ensinar português e inglês no município. Desde então, corre em busca de um novo sonho. "Quero passar a limpo meus escritos e publicar um livro, nem que seja mimeografado". O livro já tem título, "Infância Grande", uma série de histórias reais de um sítio-novense com muita força de vontade.



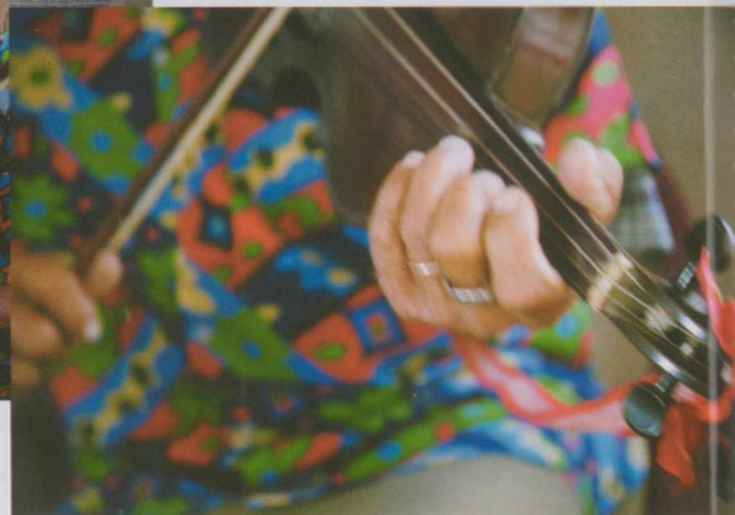
Rabeca leva "surra" de seu Nezinho

"Quero dá logo uma 'surra' na rabeca para esquentar o couro, depois a gente conversa". A frase do rabequeiro Manoel Justino Sobrinho, 74 anos, o Nezinho, foi mais do que um aviso. Homem de pouca conversa, ele gosta mesmo é de tirar um som de sua rabeca feita de madeira e chifre de boi. Toca desde criança e continua morando no Sítio Saquinho, no alto da Serra da Tapuia, local apropriado para reunir os amigos e fazer um forró com rabeca, sanfona, triângulo e pandeiro.

Eram pouco mais de oito horas da manhã quando Nezinho chegou à casa da filha Maria Justino, local da entrevista, carregando sua rabeca enrolada num pedaço de pano. Veio caminhando pela estrada de barro e chegou sem aparentar cansaço. Mal sentou, já colocou a rabeca para tocar.

A apresentação, improvisada na sala da casa da filha, começou com o choro clássico "Tico-Tico no Fubá". Depois, tocou "Brasileirinho" e o hino do ABC Futebol Clube para, finalmente, dizer que a rabeca já estava no ponto e que podíamos iniciar a conversa. "Em 56 já fazia viagem pelo Agreste, toquei por todo canto neste meio de mundo...", comentou.

Nezinho ganhou sua primeira rabeca ao completar oito anos de idade. José Justino, o Deca, irmão mais velho, foi o responsável em ensinar o caçula a manusear a rabeca. Os ensinamentos do irmão foram além do esperado e a rabeca foi passando de brincadeira de criança a instrumento de profissão.



A infância e juventude do rabequeiro foram marcadas pelas apresentações do João Redondo {mamulengo} e boi-de-reis, comuns naquela época por toda a região Agreste. Tão populares e tão bonitas que Nezinho sente saudade e fica feliz ao recordar. "O João Redondo do 'véio' Antônio Fernandes parecia um cinema de tão bonito".

O rabequeiro tem seis filhos. "Tive pouco", diz. Não são poucos os membros da família que fazem da música um meio de vida ou tocam por prazer. O filho José Justino, conhecido como o sanfoneiro Zé de Nezinho, e o neto Iranilson de Moura Justino, 16 anos, pandeirista, acompanham Nezinho nas apresentações. O primo João Anjo, morador do Sítio Tanquinho em Santa Cruz, também toca rabeca.

As últimas apresentações foram animando o Boi-de-reis de São Tomé, município vizinho a Sítio Novo, e durante o Festival da Cultura no ano passado. Nezinho puxa a memória e lembra que as manifestações folclóricas já foram mais comuns, mas acredita que a cultura popular tende a sobreviver apoiada por eventos como o Festival da Cultural local.

O rabequeiro Nezinho, homem simples e sem formação musical, faz parte de uma linhagem de músicos em extinção. Passou toda a vida trabalhando no roçado e viveu o auge das plantações de algodão em Sítio Novo. "Naquela época, trabalhar com algodão era melhor do que ter aposento. Apanhei muito algodão. Teve dia de apanhar 148 arrobas".



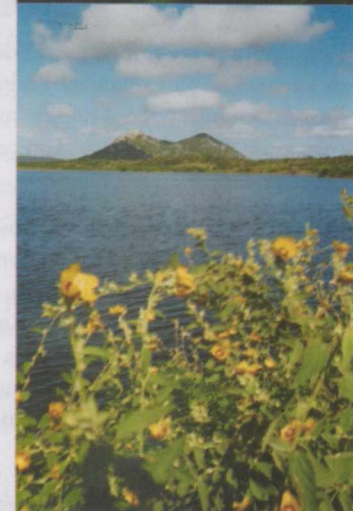
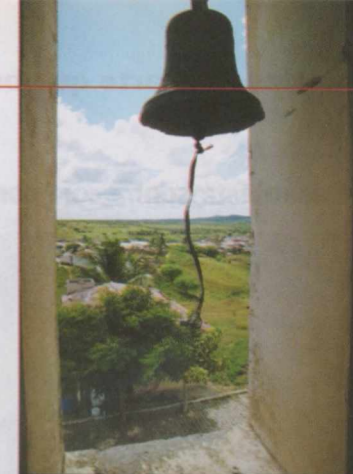
Sidney espera uma oportunidade

A serra, um sítio e uma casinha com quadros religiosos na sala. É neste cenário, tão característico de Sítio Novo, que o estudante Sidney de Oliveira Galdino, 22 anos, cria pinturas e desenhos de paisagens.

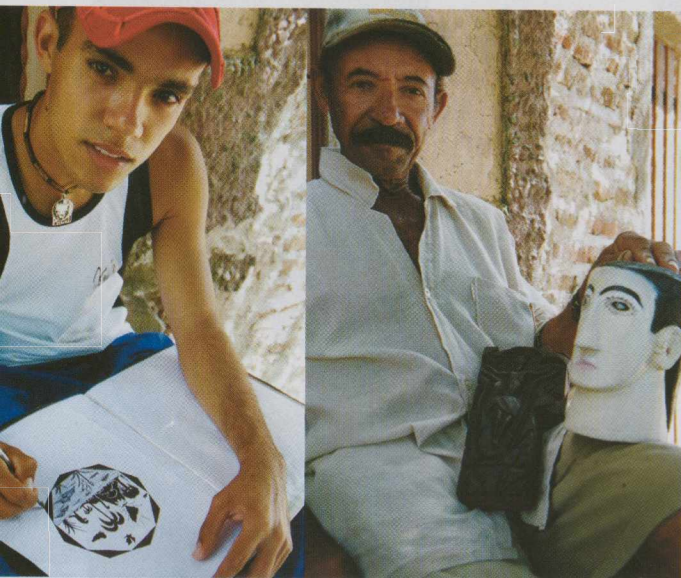
Sidney mora com a mãe Daguimar Batista de Oliveira, 43 anos, no Sítio Serra de Baixo, no alto da Serra da Tapuia. A casinha de quarto e sala é toda decorada com quadros religiosos. São Sebastião, São Francisco, Santa Terezinha, Nossa Senhora Aparecida, São Miguel, São José, Santa Rita e Frei Damiano dão um colorido às paredes sem reboco.

O estudante cresceu acompanhando o trabalho suado da mãe nos roçados de milho e feijão. A infância sofrida não impediu Sidney de começar a pintar com tinta guache e fazer desenhos com giz de cera e lápis de cor. "Prefiro criar, faço poucas reproduções de paisagens".

As pinturas de Sidney foram expostas no I Festival da Cultura, em agosto de 2002. O estudante vende cada pintura por R\$ 40, em média. "Pretendo ter uma oportunidade para sair. Fica difícil conseguir as coisas por aqui".



Desenhista sonha com carreira militar



Desenhar é mais do que um passatempo de adolescente para Roni Erick Gomes da Silva. O estudante de 18 anos só precisa de uma caneta esferográfica e um pedacinho de papel para mostrar sua criatividade. Os desenhos retratam vales de dinossauros, montanhas e paisagens semelhantes às da Serra da Tapuia.

Roni nunca estudou técnica de desenho, mas desde os oito anos vem desenvolvendo um estilo próprio de ilustrar cenários criados por ele mesmo. Alguns desenhos com animais pré-históricos parecem retratar o passado da Serra da Tapuia.

O avô do jovem desenhista, José Severino Gomes, 70 anos, conhecido por todos na Serra como Zé Roga, fazia até bem pouco tempo talhas em madeira. “Não fiz mais por causa da vista”, explica. Roga era especialista em esculpir pés, mãos e cabeças para pagadores de promessa levar até o Cruzeiro de São Francisco, em Sítio Novo, e até para a estátua de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, no Ceará.

As talhas do avô e seus desenhos decoram a sala da casa do estudante. Roni pretende aprimorar seus desenhos, mas também almeja conseguir uma ocupação estável. “Meu sonho é seguir a carreira militar. O outro é desenvolver minha técnica de desenho e também telas”.

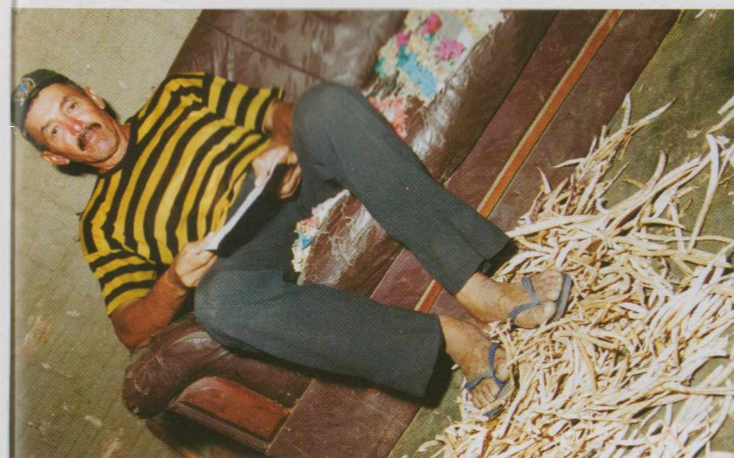
Dedé se ampara na música e na fé

A música e a fé sempre fizeram parte da família de José Desidério Santos Neto, o Dedé, sanfoneiro mais respeitado de Sítio Novo e arredores. Dedé conviveu seus 49 anos com a cegueira e descobriu através da música o quanto é talentoso. A mãe Maria da Conceição Desidério, devota do padroeiro São Sebastião, encontrou na fé a força para apoiar o filho deficiente visual.

A primeira sanfona de Dedé, menor do que a atual, tinha 48 baixos. “Comecei a tocar muito novo”, diz. O sanfoneiro lembra dos antigos forrós no Sítio Primavera. “Tocava no forró do sítio e passei a tocar também nas campanhas políticas”.

José Desidério mora com a mãe no centro de Sítio Novo. A bandeira de São Sebastião, usada para forrar uma mesinha na sala com as imagens de Nossa Senhora de Fátima e Frei Damiano, simboliza a devoção da família pelo padroeiro do município. O pai Pedro Desidério, um ex-agricultor, faleceu em março deste ano.

Dedé chegou a pensar em abandonar a carreira, mas reconheceu que sem o som da sanfona sua vida seria mais triste. A sanfona de 80 baixos, encostada por dois meses em respeito à memória do pai, voltou a animar o forró dos idosos, todos os sábados no clube municipal. O sanfoneiro coloca os idosos para dançar forró ao som dos maiores sucessos de Luis Gonzaga e Domingos. “Chorinho também é bom e sempre toco”.



Entre o cabo da enxada e a poesia

O agricultor Francisco Antônio de Oliveira, 54 anos, corre em busca de uma chance para mostrar seu talento com a mesma vontade que cultiva a terra. Canindé Antônio, como é mais conhecido, divide seu tempo entre o cabo da enxada e a composição de versos e canções. “Não adianta me apresentar dizendo que sou compositor ou poeta, ninguém acredita”.

Canindé Antônio é líder do assentamento Pedra de São Pedro e vive numa casa humilde feita de tijolos de barro aparentes. Já teve dez filhos com a esposa Maria Aparecida de Oliveira e diz nunca ter tido a chance de mostrar seu dom artístico. “Moro num pé-de-serra que nem esse, fico até emocionado com a visita”.

*“Sou poeta nordestino,
Tenho minhas mãos calejadas.
Eu trabalho dia a dia
no cabo da minha enxada.
Não sou poeta ridículo,
que para o mercado rico,
meus versos não valem nada”.*

O agricultor conta em versos sua paixão pelas coisas da terra e faz uso da voz grave para cantar brega e forró. Canindé participou do Festival da Cultura de Sítio Novo cantando com o grupo Juscelino Show, mas ainda tem muitos projetos a realizar. Pretende ter suas composições gravadas por bandas de forró ou cantores famosos e sonha em ver a cultura do município ser mais valorizada. “Faltam pessoas para acreditar na cultura de Sítio Novo. Espero que esta visita dê algum alcance. A cultura de Sítio Novo é rica”.

O poeta popular não vê muitas perspectivas para seu futuro como compositor e seresteiro. “Deus me deu este

dom de ser artista, mas este talento vai ser enterrado no chão junto comigo. Nem tenho como passar para alguém e não tenho oportunidade para mostrar”. O agricultor, um amante da natureza e bom observador, faz ainda uma crítica social utilizando o hábito dos conterrâneos de manter em gaiolas galos-de-campina e outras aves silvestres. “Tão soltando os criminosos e prendendo os passarinhos”.

“Sempre Alerta” faz teatro educativo



Educar através do teatro é a missão do Grupo de Jovens Sempre Alerta. O Sempre Alerta, fundado pela enfermeira Sanderleia Oliveira em agosto de 2003, faz apresentações teatrais em escolas utilizando como tema a prevenção de DSTs, gravidez na adolescência, drogas ou dengue.

O trabalho do grupo vem ganhando reconhecimento desde a apresentação no programa “Governo nas Cidades”, realizado em Santa Cruz entre os dias 31 de março e 3 de abril deste ano. Já são 40 estudantes envolvidos com os afazeres do grupo de jovens. Todos os componentes são estudantes de escolas públicas do município.

Os membros do grupo assistem, mensalmente, palestras de médicos, nutricionistas ou enfermeiros. O conteúdo aprendido nas apresentações é repassado para os demais estudantes através de uma linguagem popular e de forma divertida. As peças são preparadas em conjunto durante os ensaios feitos à noite na sede da Secretaria de Ação Social.

Rivagma Teixeira de Azevedo Cunha, secretária de saúde do município, explica que o grupo ainda vai desenvolver projetos em outras áreas. “Iniciamos o trabalho em agosto de 2003. Agora vamos envolver o grupo de jovens em outras atividades como o esporte”.



Associação apóia o folclore

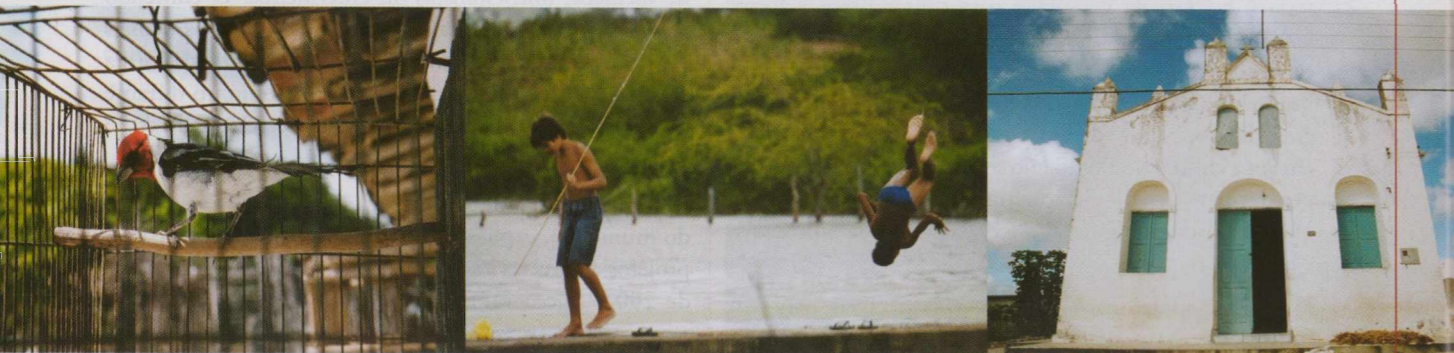
A cultura de Sítio Novo só tem a ganhar com o trabalho desenvolvido pela Associação Filhos da Esperança. A organização, fundada em 2002, tem desenvolvido vários projetos nas áreas de artes cênicas e danças folclóricas. O boi-de-reis do mestre Zé Antônio, tradicional na região, o maculelê e o pastoril estão sendo apoiados pela associação.

A estudante Débora Raquiel da Silva Lopes, 22 anos, é uma das mais dedicadas ao trabalho na associação. Débora Raquiel, ex-saxofonista da banda de Santa Cruz, coordena o UNIJA, grupo de jovens comprometido em resgatar antigos ideais da juventude, e também o grupo de teatro de rua Divina Pimenta. “O UNIJA surgiu da necessidade de unir a juventude local em torno de uma causa. Iremos romper o mito de que a juventude não está preocupada com nada”, salienta.

O Divina Pimenta, criado em 2002, envolve 15 estudantes de Sítio Novo. Os próprios componentes confeccionam o figurino e leva ao povo apresentações com forte crítica social, uma característica presente em todos os grupos de teatro de rua. “Os textos falam da vida do nordestino, da fome, da dengue... é um trabalho voltado para a área social”.

A poesia é outra das paixões de Débora Raquiel. A estudante e teatróloga não esconde a admiração pela obra da goiana Cora Coralina e já escreve alguns poemas. A julgar pela determinação da estudante, o primeiro livro é só uma questão de tempo.

O técnico de saneamento Severino Bento da Silveira, 48 anos, também faz parte da Associação Filhos da Esperança e planeja para breve o lançamento de “Caminhos e raízes de Sítio Novo”, livro sobre a história do município contendo fotos antigas e depoimentos de diversos conterrâneos. “Desde muito novo ouvia meus pais e avós contando histórias do município. Comecei a anotar e esperei que alguém escrevesse, mas como ninguém escreveu...”



13 POR 1

Marjorie Madruga (Procuradora do Estado)

Romancista: Dostoievski, Gabriel García Márquez, Victor Hugo

Poeta: Fernando Pessoa, pelo conjunto da obra; Rilke, pelas “Elegias de Duino”

Livro: Memórias de Adriano (Marguerite Yourcenar); Antígona (Sófocles); Banquete (Platão)

Filme: Dolls

Diretor: Federico Fellini

Ator/Atriz: Humphrey Bogart /Liv Ullmann

Pintor: Marc Chagall

Cantor/Cantora: Chet Baker, Nina Simone

Compositor: Tom Jobim, Cartola, Chico Buarque

Música: Melodia Sentimental (Villa-Lobos); Adios Nonino (Piazzola); Adagio in sol minore (Tomaso Albinoni)

Peça teatral: Ricardo III, dirigida por Mark Rylance

Intelectual: Octavio Paz

Personalidade cultural do RN: Nei Leandro de Castro

PS.



▶▶▶▶ Pouco a pouco a ficção produzida no Estado começa a ocupar o lugar que merece na Preá. Nesta edição, publicamos contos de três novos autores, que ainda não estrearam em livros: Carlos Lins Nobre, Hudson Paulo Costa e Nádia Maria Silveira. Todos ilustrados por artistas plásticos locais, algo que vem se tornando uma rotina na revista. Carlos tem apenas 17 anos e surge como uma das boas promessas na área de ficção. Quem leu outros trabalhos dele confirma isso. Hudson chegou a publicar alguns bons contos em “O Galo” e Nádia publica seu primeiro conto nesta edição. Um detalhe chama atenção: até agora, a maioria dos contos publicados na Preá é de autores pouco conhecidos e jovens (à exceção de Afrânio Pires), mas com muito talento, como Charles Phelan, Marcos Ferreira, Caio Flávio, Cláudio Arcanjo, Mário Gerson e Leontino Filho, o que sugere renovação e vigor, numa área apontada como problemática na Literatura norte-rio-grandense, devido a produção sazonal e escassa, principalmente, se comparada à poesia.

▶▶▶▶ Um livro – no mínimo – instigante esse “Elizabeth Costello”, de J.M Coetzee. Conta a história da consagrada romancista Elizabeth Costello, personagem criada por Coetzee, que já havia protagonizado ‘A vida dos animais’, livro em que profere duas conferências sobre a crueldade com que são tratados os animais. Ocupando um espaço entre a ficção e o ensaio, o novo livro do Nobel de Literatura do ano passado trata de questões como civilização grega versus a cristã; a (inexistência da) novela na África; os direitos dos animais; origens do mal; e, principalmente, apresenta uma profunda reflexão sobre a natureza do romance. Há, ainda, críticas ao showbusiness literário e à transformação de escritores em celebridades. Tudo atualíssimo.

▶▶▶▶ Estão abertas até setembro as inscrições para o IV Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, promovido pela Fundação José Augusto. Este ano o regulamento sofreu uma importante mudança: poetas com livros publicados também poderão participar. O regulamento

completo pode ser consultado na página da Fundação na Internet: www.fja.rn.gov.br

▶▶▶▶ Filmes que assistimos e recomendamos: “O caminho das nuvens”, “Agora ou nunca”, “Amém”, “Dogville”, “Diários de motocicleta”. Sobre o polêmico Dogville, de Lars von Trier, que o poeta Moacyr Cirne, diz só haver duas opções para o espectador, amar ou odiar, confesso que não me situaria em nenhum dos dois extremos. É um bom filme, que não consegui amar nem odiar. Assistam e tirem suas conclusões.

▶▶▶▶ A reforma na sede da Fundação José Augusto criou a Galeria de Artes Newton Navarro, no salão de entrada, e está transformando a antiga “Sala dos Grandes Atos” em Teatro de Cultura Popular. O pátio interno foi transformado na “Praça da Liberdade Emmanuel Bezerra dos Santos”, uma homenagem ao ex-aluno da Faculdade de Sociologia da FJA e militante político assassinado pela Ditadura Militar.

▶▶▶▶ “Fabião das Queimadas - Poeta da Liberdade”, de Buca Dantas, documentário que vai ao ar em setembro na TVU, sobre o rabequeiro e poeta popular; “Do Lodo ao Lótus”, documentário que retrata a transformação, dentro da cadeia, do preso Luiz Gusson, por meio da Hata Yoga, de Marcelo Buainain; “Caldeirão do Diabo”, longa de Edson Soares, sobre a Penitenciária João Chaves, em Natal, e sendo filmado, na praia de Baía Formosa, “Sonhos de Peixe”, do russo Kiril Mikhanovsky, mostram que o Rio Grande do Norte vive um momento novo e significativo em termos de cinema. Estamos na torcida para que esse “boom” (não é exagero, uma vez que não tínhamos nada antes), contagie outros cineastas potiguares.

▶▶▶▶ “Rascunho”, editado em Curitiba, é hoje o melhor jornal (dos que conheço) sobre Literatura editado no país. Pode ser lido na Internet no endereço www.rascunho.com.br

▶▶▶▶ A Editora Sebo Vermelho, através da Lei de Cultura Câmara Cascudo, do Governo do Estado, lançou “Diário Náutico”, que reúne, em dois volumes, toda a obra do poeta Gilberto Avelino. Sem nenhuma dúvida, a edição mais caprichada de todas que a Editora já lançou. O projeto gráfico é de Venâncio Pinheiro, orelhas de Horácio Paiva e prefácio de Vicente Serejo. Tudo de primeira. O poeta deve ter ficado numa alegria só lá no céu.

▶▶▶▶ A partir desta edição a Preá conta com o reforço do estudante de Jornalismo David Clemente, jovem promissor e esforçado que inicia estágio voluntário na revista. Seja bem vindo David!

Até a próxima!



A IMPRESSÃO QUE FICA.

GRÁFICA
RN ECONÔMICO

A MELHOR IMPRESSÃO DO RN.

E-MAIL: RNECONOMICO@RNECONOMICO.COM.BR

FONE: (84) 211-4722 NATAL-RN



O GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE TEM UMA POLÍTICA CLARA DE GERAÇÃO DE EMPREGOS E VALORIZAÇÃO DO TRABALHADOR. E TEM BONS RESULTADOS PARA MOSTRAR.

O programa de obras públicas criou, desde o ano passado, 10.340 empregos diretos

O Programa do Leite, que distribui 146 mil litros diariamente, mantém 6 mil empregos no campo

Intermediação de empregos para mais de 5 mil trabalhadores cadastrados no Sine

Piso salarial do estado reajustado para 300 reais

O Hotel Barreira Roxa está sendo reaberto e vai qualificar este ano 1.185 pessoas para trabalhar em turismo

1.022 famílias assentadas no campo, com terra, apoio social e crédito para produzir

1.000 estudantes secundaristas treinados e apoiados pelo programa Jovem Empreendedor para começarem pequenos negócios

600 jovens qualificados profissionalmente pelo programa Aprendiz Cidadão, com direito a bolsa de estudos (R\$ 130) e treinamento em empresas

3.240 jovens foram contratados pelas empresas parceiras do Primeiro Chance, o programa estadual de primeiro emprego

6.577 famílias com trabalho e renda criados pelos recursos do programa Desenvolvimento Solidário em pequenas comunidades